

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MÍDIA-EDUCAÇÃO (FÍSICA): EM BUSCA DE DIÁLOGOS
COM O PROGRAMA “AN ESCOLA”**

Daniel Minuzzi de Souza

Florianópolis-SC, 2010.

MÍDIA – EDUCAÇÃO (FÍSICA): EM BUSCA DE DIÁLOGOS COM O PROGRAMA “AN ESCOLA”

por

Daniel Minuzzi de Souza

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Área de concentração em Teoria e Prática Pedagógica, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil , 2010.

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

S729m Souza, Daniel Minuzzi de
Mídia-educação física [dissertação] : em busca de
diálogos com o Programa "AN Escola" / Daniel Minuzzi de
Souza ; orientador, Giovani de Lorenzi Pires. -
Florianópolis, SC, 2010.
173 p.: il., grafs., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em
Educação Física.

Inclui referências

1. Educação física. 2. Jornal escolar. 3. Mídia. 4.
Educação. 5. Esportes. 6. Grandes eventos esportivos. I.
Pires, Giovani de Lorenzi. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação
Física. III. Título.

CDU 796

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A dissertação **MÍDIA-EDUCAÇÃO (FÍSICA): EM BUSCA DE DIÁLOGOS COM O PROGRAMA “AN ESCOLA”**, elaborada por **DANIEL MINUZZI DE SOUZA**, e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo curso de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de **MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA** na área de concentração Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física.

Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo
Coordenador PPGEF/UFSC

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires
PPGEF/UFSC (ORIENTADOR)

Prof. Dr. Gustavo Roese Sanfelice
FEEVALE/RS

Prof. Dr. Fábio de Carvalho Messa
UFPR-Litoral

Prof. Dr. Maurício Roberto da Silva
DEF/UFSC

Dedico àquelas pessoas que ensinaram meus primeiros passos, como ser humano e como professor, e que são tão especiais em minha vida.

Meus Pais “Cesar e a “Dona Joice”, mas principalmente à minha mãe, uma batalhadora pela vida, exemplo de perseverança!

AGRADCIMENTOS

Agradecimento, nada mais é do que demonstrar a gratidão, a confiança, o amor, as apostas de pessoas de instituições, que ao longo de muitos anos se fazem tão presentes em nossa vida, principalmente por compartilharem de momentos tão marcantes, dividindo angústias, alegrias, tristezas, mas principalmente alegrias. Espero não ser injusto e esquecer alguém, vamos lá!

Primeiramente agradeço aos meus pais, que me ensinaram e demonstraram valores tão importantes à formação do meu caráter, me ensinaram os primeiros passos, literalmente. Mas, além disso, foram eles, como professores que são, os meus primeiros exemplos de educadores, meus primeiros mestres. Quanto ao meu pai, um professor de educação física da rede estadual do Rio Grande do Sul, me recordo muito das “batalhas” cotidianas, e das greves que este, com os demais companheiros de CPERS/RS, fizeram e ainda fazem pelo reconhecimento e valorização do professor por parte dos governantes. Me recordo também de quando escolhi me tornar professor de educação física, meu pai me disse que estava escolhendo uma profissão muito sofrida, inclusive ficou bravo com minha escolha. Entendo essa atitude, mas acredito que tenho feito o possível para melhorar as condições de trabalho e o nosso reconhecimento enquanto educadores, por assim acreditar que continuo na caminhada pela qualificação.

Minha “madre”, agradeço por tanto amor, compreensão, diálogo. Uma pedagoga e relações públicas que muito me ensinou e que muitas batalhas enfrentou para nos criar. Não esqueço o fato de ela ter que trabalhar, durante muitos anos por 60 horas semanais e ainda assim ter tempo para nos atender. Um exemplo por estar forte e lúcida ao nosso lado após superar dificuldades como o divórcio, o AVC e o tumor. Obrigado também pelas muitas vezes que me emprestou o carro para que pudesse ir à Florianópolis.

Agradeço meus irmãos, Felipe e Bianca, que são tão importantes na minha formação humana, não esqueço a grande lição que recebi, quando durante muitos anos, enquanto meus pais trabalhavam por três turnos diário, eu ficava cuidando dos dois. Momentos de troca de experiências, de diversão, de brigas. Uma grande lição.

Também não posso deixar de fora minha esposa e companheira, em todos os sentidos, Keli. Obrigado por me “aturar”, compartilhando minhas angústias, e me incentivando muito para o término do curso. Seu exemplo de perseverança, e de “investimento” na formação humana,

como possibilidade de superação das condições inumanas de vida de, me marcou profundamente, te amo e admiro muito.

No que diz respeito às amizades, não posso esquecer os grandes amigos que construí ao longo de minha vida, especialmente durante a graduação lá no CEFD/UFSC. Amigos como a minha maninha “Liliane” e o “Ricardo”. Outra pessoa muito importante em minha formação é a professora Maristela Souza, talvez a maior responsável por ter feito com que eu percebesse a necessidade de estudar e me qualificar.

Agradeço aos novos amigos que também muito me incentivam e que me acolheram aqui em Itajaí, meus compadres Daniel e Evelise.

Agradeço os amigos que fiz, em especial, Marcelo Kblera, Priscilla, Jaciara, Lizandra, Marcinha. Bem como os colegas de Labomídia Cristiano, Diego (que também me recebeu em sua casa), Ferrari, Mariana, Fernando, Felipe, Bia, Huáscar, Ângelo, Angélica, Liana, Galdino, Sheila, Iracema, Rogério, Dorenski, Cássia, Márcio, Paula, Cláudio, a galera de Aracajú, resumindo, toda família OME.

Agradeço o Fábio “doctor” Messa, o nosso líder jaquista, que com muita capacidade compôs a banca dessa dissertação, um amigo e um mestre que tenho o maior apreço. Outro camarada é o “Fio dum cabrunco” André Quaranta, um amigo em todos os sentidos, a começar pelo “Rock’n roll”, os diálogos, pela acolhido em seu recinto.

Devo agradecer e muito aos professores do curso de mestrado do CDS/UFSC. A começar pelo “Mau-mau”, Elenor Kunz, Maria do Carmo, Falcão - que também me ofereceu sua casa como poso.

Agradeço especialmente ao Gustavo Sanfelice (FEVALE/RS), por ter contribuído com esse estudo, e por ter feito parte de momentos muito importantes como a qualificação e banca final.

Um agradecimento muito especial vai para o Professor Giovanni Pires, com certeza alguém que “extrapolou” e muito seu papel de orientador. Em muitos momentos foi pai, amigo, colega. Obrigado a você e Thyrsa por terem me acolhido em sua residência muitas vezes, sem falar naquelas saladas fantásticas e naquele churrasco do Alegrete. “E pensar que um gato quase bota tudo a perder, hehe”! Agradeço ao Gio por ter apostado em mim, por ter me mostrado como realmente ser um professor, a como transformar um grupo de pesquisa numa família, e por reforçar a minha convicção na Universidade Pública.

Agradeço, em fim, as instituições “ainda” públicas, gratuitas e de qualidade que fazem parte de minha história.

A todos mencionados e aos que, por ventura, esqueci, meu MUITO OBRIGADO!

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Desportos
Programa de Pós-Graduação em Educação Física
Dissertação de Mestrado

**MÍDIA-EDUCAÇÃO (FÍSICA): em busca de diálogos com o
programa “AN Escola”**

Autor: Daniel Minuzzi de Souza

Orientador: Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires

RESUMO: A maneira como a mídia impressa apresenta os temas da cultura corporal chamou-nos a atenção, principalmente quando atentamos para programas de jornal escolar, como o Programa AN Escola, encarte do Jornal *A Notícia* (Joinville/SC). Nosso objetivo visou analisar *se ao longo do período de 2004 a 2008 o “AN Escola” abordou temas da educação física/cultura corporal e quais os enfoques dados a estes, especialmente ao esporte*. Conceitualmente, fundamentamos o estudo a partir da Mídia-Educação, acrescida aqui do termo (Física), para situá-lo no campo específico. Na revisão da literatura, identificamos vários estudos referentes aos usos de jornal em sala de aula. As contribuições da “sociologia crítica do esporte” fundamentaram nossas análises sobre esse que é o principal conteúdo da cultura corporal tematizado na EF escolar. A *análise de conteúdo* forneceu as bases teórico-metodológicas para a interpretação dos dados observados, considerando as perspectivas da *forma* - aspectos gráficos e estruturais do encarte - e do *conteúdo* - envolvendo dois movimentos: a) categorização e distribuição quantitativa das matérias; e b) análise das dimensões/concepções de esporte veiculadas no encarte. Identificamos 1145 matérias no período, classificadas em 11 categorias, a saber: *esportes; temas transversais; lazer; corpo/identidade; jogos/brincadeiras; estética; saúde; circo; dança;lutas e outros*. *Esporte* teve a maior presença no encarte, sendo a categoria analisada no que se refere às seguintes dimensões/concepções: *Espetáculo/rendimento; personagens; nacionalismo; saúde; socialização e inclusão social/cidadania*. Nossas considerações finais apontam o “AN Escola” como uma possibilidade de mídia-educação, embora deixe muito a desejar, principalmente no que se refere a dimensão *crítica* do conceito. Destacamos também a necessidade e a possibilidade dos professores de educação física qualificarem suas aulas utilizando o jornal, para possibilitar novos olhares e práticas sobre o fenômeno esportivo e o universo midiático.

Palavras-chave: Jornal escolar; Mídia-Educação; Esportes; Grandes eventos esportivos.

MÍDIA–EDUCAÇÃO (FÍSICA): em busca de diálogos com o programa “AN Escola”

MEDIA EDUCATION (PHYSICAL): in search of dialogues with the "AN School" Program

Abstract

The way the print media conveys the themes of body culture caught our attention, especially when we look at programs for school newspaper, as the AN School Program, booklet of the journal *The News* (Joinville / SC). Our purpose was to analyze *over the period 2004 to 2008, if the "School AN" addressed issues of the Physical Education / body culture and what were the approaches to these data, especially the sport.* Conceptually, we founded this study from the Media Education, plus here to the term (Physical), to situate it in the specific field. In the literature review, we identified several studies concerning the use of newspaper in the classroom. The contributions of "critical sociology of sport," justifying our analysis of the sport, which is the main content of body culture conceived in EF school. The content analysis provided the theoretical and methodological bases for the interpretation of the observed data, considering the perspectives of *form* - graphic and structural aspects of the booklet - and *content* - involving two stages: a) categorization and quantitative distribution of materials, and b) analysis dimensions / concepts of sports broadcasted in the booklet. We identified 1145 subjects (written by students, teachers / experts and drafting of the insert) in the period, classified into 11 categories, which we named: *sports, transversal themes, leisure, body / identity; games / plays, health, circus; dance, and others.* Sport has greater presence in the booklet, especially in the years 2004 and 2008 (great sporting events) being considered in the category that refers to the following dimensions / concepts: *entertainment / performance, characters, nationalism, health, socialization and social inclusion / citizenship.* Our conclusions point to “AN School” as a possibility of media education, but let much to be desired, especially as regards the critical dimension of the concept. We also highlight the need and possibility of Physical Education teachers qualifies their lessons using the newspaper, to provide the students new views and practices on the phenomenon of sports and media universe.

Keywords: School newspaper; Media Education; Sports; Great sports events.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	15
Objetivo do Estudo.....	18
CAPÍTULO I – CONSTRUÇÃO TEÓRICA DO OBJETO DE ESTUDO.....	19
1.1. O esporte na sociedade contemporânea: gênese, consolidação e espetacularização.....	19
1.2. Mídia-Educação e suas possibilidades.....	43
1.3. O Jornal na sala de aula como possibilidade de mídia-educação....	53
1.4. O Programa AN Escola como intenção de Mídia-educação: um pouco da história.....	69
CAPÍTULO II - CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	74
CAPÍTULO III – DESCREVENDO E ANALISANDO O ENCARTE: FORMA E CONTEÚDO COMO MATRIZ ANALÍTICA.....	80
3.1 Descrição da forma dos encartes.....	80
3.3. Análise de conteúdo I: categorização e distribuição das matérias..	93
3.4- Análise de Conteúdo II: concepções de esporte nas matérias relacionadas a grandes eventos esportivos.....	103
CAPÍTULO IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA SÍNTESE DIALÓGICA.....	157
REFERÊNCIAS.....	166

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na contemporaneidade nos deparamos com uma realidade em que a sociedade, mais do que nunca, estabelece laços íntimos com a mídia e com as tecnologias de informação e comunicação (TIC). Tais como a internet, Iphones, mini notebooks, nanotecnologia, vídeo games interativos, entre outras coisas a nova sensação em matéria de comunicação o twitter, que trata de uma página pessoal na rede mundial de computadores em que seus administradores postam imediatamente as atividades do seu cotidiano, e ainda mais recente a tecnologia de projeção e imagens em 3D, que após ser febre nas salas de cinema, começa a chegar às nossas casas, seja nas transmissões televisivas ou nos games do Play Station 3. Tais avanços tecnológicos tão presentes em nossas vidas podem caracterizar o “sucesso” do modo de produção capitalista, no que diz respeito à questão econômica. Podendo dizer que talvez a sociedade industrial tenha atingido o seu maior grau de desenvolvimento no século XXI. Porém, como já citamos anteriormente, o sucesso dessa sociedade, se é que dá para dizer que é vencedora – já que vivemos crises regulares na economia – se dá principalmente no plano econômico. Pois quando são feitas análises sobre tal sociedade por um viés sócio-cultural, político e ideológico encontramos um mundo em apuros, em que o grau de desenvolvimento econômico é muito diferente do grau de desenvolvimento das demais dimensões sociais.

Num contexto em que a comunicação fica em evidência, faz-se necessário considerar que as formas de interação social vão se transformando de acordo com o desenvolvimento tecnológico. John Thompson (2002), na obra intitulada “*A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia,*” alerta-nos sobre a grande influência da mídia em nossas vidas, em especial no que diz respeito às formas de interação social, sendo necessário entender a mídia, assim como saber como acontecem relações mediadas.

Para Thompson (2002, p.77), durante a maior parte da história humana, a grande maioria das interações sociais se deu numa situação face a face. Ou seja, na tradição oral, as histórias eram contadas cara a cara, portanto, como aponta Thompson (2002, p.77) [...] “eram abertas em termos de conteúdo, uma vez que o processo de renovação permitia uma série de atos criativos”. Logo, Thompson, as tradições eram também restritas em termos de alcance geográfico.

Percebermos algumas alterações nos padrões das relações sociais decorrentes do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Como aponta Thompson (2002, p.78-82), é possível identificar três tipos de interação: as “interações face a face”; as “interações mediadas” e as “quase-interações mediadas”. Interação face a face, como diz o nome, é uma interação onde os participantes estão imediatamente presentes, podendo ver até mesmo as expressões faciais, uma relação de co-presença (tempo e espaço). As relações mediadas podem ser entendidas como relações dialógicas que utilizam um meio técnico, como cartas, telefonemas, não exigindo a presença dos interlocutores num mesmo espaço. E, finalmente, a “quase-interação mediada”, que deixa de ser uma relação dialógica passando a ser uma relação monológica, sem exigir um mesmo contexto. São aquelas “[...] relações sociais que estabelecidas pelos meios de comunicação de massa (livros, jornais, rádio, televisão, etc.)” (THOMPSON, 2002, p. 79).

Entre as relações monológicas, entendemos estar o discurso midiático esportivo, em que o esporte, visto como bem cultural passa a ser uma mercadoria em destaque nessa sociedade tornando-se tele-espetáculo. Nessa perspectiva é preciso estar atendo para a maneira como os bens culturais circulam pela sociedade midiaticizada.

Se assumirmos uma posição pessimista ou *apocalíptica* (ECO, 1993) sobre as novas formas de interações, diríamos que está acontecendo um esfriamento das relações sociais, o contato e a experiência corporal do toque e da fala no mesmo ambiente/espaço físico estariam com os dias contatos. Assumindo uma posição oposta, sendo um otimista ou *integrado*, diríamos que nunca as pessoas estiveram tão próximas, pois jamais foi tão fácil se comunicar e comunicar alguma coisa. Nessa situação preferimos não tomar partido, mas sim assumir uma postura de mediador, principalmente quando compreendemos o poder simbólico do esporte, e a maneira como a mídia “comunica” este bem cultural, o “espetáculo”.

Considerando a lógica posta na sociedade de consumo (capitalista), em que se exalta a competição, comparação objetiva, exclusão, reconhecimento dos vencedores e como consequência o esquecimento dos perdedores, é possível dizer conforme Bracht (2003), que vivemos numa sociedade de cultura esportiva. Sendo perfeitamente compreensível o fato de as manifestações da Cultura corporal serem esportivizadas para serem aceitas nessa sociedade.

É cada vez mais corriqueiro vermos a esportivização de jogos que fazem parte da cultura de determinada sociedade para que se adaptem à

lógica do capital. Dessa forma evidenciamos o esporte como um dos principais bens culturais veiculados midiaticamente.

Nesse sentido cabe elucidar que as práticas corporais, em especial o esporte, são tratadas como espetáculo, portanto midiaticizadas necessitam ser pensadas criticamente. É preciso estudar o discurso midiático esportivo para compreendê-lo, explicá-lo e trabalhá-lo pedagogicamente na escola, oferecendo possibilidades de esclarecimento e de transformação dessa prática social.

Dando maior delimitação ao estudo, nosso interesse é por programas de uso de jornal em sala de aula, por entendermos que estes podem ser uma possibilidade de mídia-educação. Mais especificamente, optamos pelo Jornal A Notícia, de Joinville/SC, em que analisamos o programa AN Escola e as aproximações com os conteúdos da Educação Física.

O programa AN Escola é desenvolvido desde o ano de 1998, e ao longo dos anos sofreu muitas transformações, de um suplemento com 12 páginas inicialmente passaram a ser três suplementos com (12, 12 e 24) páginas cada um, perfazendo 48 ao todo. Além do número de páginas, a cada ano cresceu o número de municípios e escolas aderindo ao programa. Um dos fatores fundamentais para a transformação do projeto editorial do suplemento ocorre quando o Jornal A Notícia passa a fazer parte do Grupo RBS. O programa é visto como um modelo a ser seguido inspirando o próprio Grupo RBS a ampliar essa idéia para o Diário Catarinense, com o programa DC na Escola.

O programa AN Escola faz parte da Associação Nacional de Jornal (ANJ) e também da Associação Mundial de Jornal. Como veremos mais a frente. Resta entender quais as verdadeiras pretensões dos grupos editoriais que investem nestas propostas.

Quando pensamos no uso de jornal em sala de aula, se ancorado nos preceitos da mídia-educação, vislumbramos um importante recurso para a busca do conhecimento e crítica do discurso midiático esportivo, tarefa que entendemos ser necessária para qualificar o trato pedagógico dos professores de educação física e formar o aluno como receptor-sujeito. Por conseguinte, nos coube verificar se o suplemento AN Escola pode ser entendido como sustentado nos preceitos da mídia-educação ou apenas um simulacro de ação social.

Partindo dessa reflexão inicial surge o problema que foi investigado:

Considerando o AN Escola como uma estratégia institucional de mídia-educação, como o programa tematiza os conhecimentos da cultura corporal¹?

Objetivo do Estudo

Este estudo visou analisar se ao longo do período de 2004 a 2008 o Programa AN Escola abordou temas da educação física/ cultura corporal e em caso positivo quais os enfoques dados a estes. Para tanto algumas questões de investigação são necessárias para atingirmos tal intenção, são elas:

A) Os temas da cultura corporal são pautados no suplemento e com que frequência?

B) A realização de grandes eventos esportivos mundiais é pautada nos suplementos no período de 2004 a 2008 e de que formas?

C) Que concepções/dimensões de esporte podem ser identificadas nas matérias relativas a este componente da cultura corporal no AN Escola no período estabelecido?

¹ Entendemos “cultura corporal” como um recorte da cultura cujos conhecimentos são tratados pedagógica e intencionalmente pela educação física. Conforme um Coletivo de Autores (1992, p. 38), na perspectiva da cultura corporal busca-se [...] “uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história” entre eles os jogos, as danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímicas, etc.

CAPÍTULO I – CONSTRUÇÃO TEÓRICA DO OBJETO DE ESTUDO

Esse capítulo tem como objetivo a construção teórica do objeto de estudo. Iniciamos o capítulo com algumas considerações sobre o esporte na sociedade contemporânea, sua influência na escola e o papel da mídia e mídia impressa, em especial nesse processo. Num segundo momento conceituamos a Mídia-educação, mostrando suas possibilidades. Em seguida apresentamos, de forma sintética, aproximação mídia-educação e educação física. Encerramos o capítulo apresentando algumas propostas de uso de jornal em sala de aula que encontramos na literatura. Pretendemos, dessa forma, ter uma noção sobre o que vem sendo desenvolvido, vislumbramos uma aproximação com o estado atual da arte.

1.1. O esporte na sociedade contemporânea: gênese, consolidação e espetacularização

Pensar o sucesso do esporte em nossa sociedade não é uma tarefa simples nem fácil, vivemos numa sociedade esportiva como aponta Bracht, (2003), resultante do modo de organização do mundo do trabalho, repleto de competição, produtividade e rendimento.

Dentro de algumas análises o esporte é compreendido como uma grande mercadoria, um bem cultural, produto de uma sociedade capitalista, fortemente impulsionado pela mídia e seus grandes contratos publicitários, porém, existe algo que o torna além de uma mercadoria uma boa mercadoria. Segundo Fensterseifer (2006), o que torna o esporte incomensurável para o “consumidor” é o jogo. Nas palavras desse autor “passa a ser o jogo para o “consumidor” em medida maior do que para o praticante, o que obviamente, é incomensurável”.

A luta entre jogo e esporte está presente no mundo contemporâneo e parece ser um das causas que legitimam esse fenômeno. Fensterseifer (2006), apoiado nas idéias de Eichberg, aponta que a vitória de um será sua morte, ou seja, o jogo é a alma do esporte, sua objetivação seria a perda de seu caráter lúdico, sua perdição. Ao mesmo tempo, a vitória do jogo seria seu retorno a cotidianidade.

Paulo Evaldo Fensterseifer apresenta elementos da dimensão lúdica, erótica e estética do esporte que, associados à lógica do rendimento e do recorde, justificam a tentativa de uma pessoa se tornar

um Mártir, o atleta herói, que quer sentir e entrar na história por isso sofre se esforça para se tornar “eterno”.

Somado a esses fatores percebemos dois outros muito próximos: o papel da mídia e de seu discurso sobre esporte; a função da escola como formadora da sociedade e mediadora de um conhecimento voltado ao esclarecimento.

Assim pretendemos tematizar nas próximas páginas o esporte na sociedade contemporânea, sua influência na escola e sua presença na mídia, principalmente na mídia impressa. Para começar, vamos à gênese do esporte.

1.1.1 Gênese

Para pensarmos no significado do esporte na sociedade contemporânea, acreditamos ser importante primeiramente compreender elementos da gênese e desenvolvimento desse fenômeno. Porém esta é uma tarefa nada fácil, a gama de aspectos relativos a este fenômeno lhe conferem um elevado grau de complexidade. De maneira que destacamos que o debate sobre esse assunto mereceria maior atenção e dedicação em um texto que trate especificamente do mesmo. Porém, para o momento, cabe destacarmos a existência de duas teses que concorrem entre si: a tese da *continuidade* e a tese da *ruptura*.

A primeira defende que o esporte tem sua origem nos primórdios da civilização, enquanto a segunda compreende que a gênese do fenômeno esportivo se dá no berço da revolução industrial, já no século XVIII, em que as diversas práticas corporais populares, como os jogos e passatempos sofrem o chamado processo de esportivização², transformando profundamente tais práticas.

Embasados em Stigger (2005), compreendemos que na perspectiva da *continuidade* os grandes expoentes são Guttman (1978) e Mandell (1986). Tais autores tendem a classificar as diferentes práticas corporais das diferentes épocas e contextos históricos com a denominação esporte, por exemplo, esporte primitivo, esporte grego, esporte romano, esporte moderno. Tal classificação se dá a partir das características que aproximam ou distanciam essas diferentes práticas, como a secularização, igualdade, especialização, racionalização,

² A esportivização de acordo com González (2005) pode ser entendida como o ato ou efeito de converter ou transformar uma prática corporal em esporte ou prática social em assumir códigos próprios desse fenômeno. Para mais detalhes consultar o Dicionário Crítico da Educação Física organizado por González e Fensterseifer (2005).

burocracia, quantificação e recorde. Porém segundo Stigger (2005 p. 14 e 15) apesar desses autores contextualizarem e historicizarem o “esporte” nos diferentes locais e momentos, “[...] as diferenças identificadas pelos autores adquirem menor importância do que as semelhanças que eles encontram entre elas”.

Apesar da importância das análises de Guttman e Mandell, nos parece ser mais racional a tese da ruptura, pois essa sustenta seus argumentos principalmente nas diferenças e não nas semelhanças entre as diferentes práticas corporais.

Stigger (2005) aponta autores como Chartier (1994), Elias e Dunning (1992) como defensores dessa perspectiva. Após usar o exemplo de Elias (1992a) sobre o termo indústria fazendo uma alusão ao termo esporte, Stigger (2005, p. 19 e 20), diz que conforme Elias

Em ambos os casos e em determinado momento histórico [...] ocorreu um número tão grande e significativo de transformações que foi suficiente para que possam ser identificados os processos de industrialização e de surgimento do esporte, ambos vistos como formas específicas e determináveis sociologicamente de, respectivamente, um novo tipo de estrutura de organização do trabalho e uma nova espécie de prática de competição de jogos.

Essa nova forma de organização da sociedade, o modo de produção capitalista, parece ser fundamental para a difusão do fenômeno da esportivização, o que de certa forma parece corroborar com o conceito de tradição inventada de Eric Hobsbaw (1984) em sua obra a invenção das tradições. Segundo Hobsbaw (1984a, *apud* STIGGER, 2005, p.21) o termo tradição inventada refere-se a

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, tais práticas, de natureza, ritual ou simbólica, visam inculcar valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.

1.1.2. A consolidação: possibilidades de análise do esporte contemporâneo

Para termos um melhor entendimento do sucesso e consolidação dessas novas práticas de competição de jogos, temos como exemplo o chamado movimento olímpico, ou *olimpismo*. Tal movimento teve como grande expoente o Barão Pierre de Coubertin, ou apenas Barão de Coubertin, que no ano de 1896, reinaugura os jogos olímpicos, para alguns, ou cria os Jogos Olímpicos da Era Moderna, para outros. Os jogos olímpicos tendo como lema o princípio do *altius, citius e fortius*, - termo cunhado pelo Frei, Henri Didon, amigo de Coubertin- que significa mais rápido, mais longe ou alto e mais forte, de certa forma acabaram consolidando o esporte na sociedade moderna.

Os jogos olímpicos gregos, que possuíam um caráter político e principalmente religioso, eram capazes de interromper guerras para a sua realização. Já as olimpíadas modernas deixam de lado essa peculiaridade. Não demorou muito para os jogos serem disputados por atletas profissionais e para que o recorde surgisse como uma característica marcante, além disso, ao invés dos jogos interromperem as guerras, as duas Grandes Guerras Mundiais impediram a realização das olimpíadas.

A partir de então esporte e política não se separaram mais, seja na olimpíada de Berlin 1936, quando Hitler é “derrotado” ao tentar provar a supremacia da raça ariana, nos atentados terroristas de Munich em 1972, ou ainda na chamada Guerra Fria, em que os EUA boicotam os jogos não participando em Moscou em 1980, recebendo o troco dos soviéticos em Los Angeles 1984; mais recentemente, a censura imposta nos jogos de Beijing 2008, tanto aos jornalistas e civis, quanto aos atletas que eram impedidos pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) de fazerem manifestações públicas, em especial pela libertação do Tibete. Estes são fortes indícios da intrincada relação esporte x política.

Além dos mega-eventos outros fatores são responsáveis pelo sucesso do esporte na sociedade contemporânea, como a sua incorporação ao sistema educativo e a programas de “inclusão” social, assim como a sua íntima relação com a mídia (sobre a relação esporte mídia trataremos em um tópico posterior).

Ainda tratando da consolidação do esporte na sociedade moderna é importante destacar o papel das *public schools*, essas escolas são responsáveis por tirarem da marginalidade jogos tradicionais - que em sua maioria possuíam caráter religioso – que haviam sido proibidos na

Inglaterra, como aponta Bracht (2003, p. 14), por serem considerados [...] “ameaça à propriedade e à ordem pública”. Com algumas reformulações e regulamentação esses jogos passam a ser incorporados no sistema educativo e utilizados como um elemento disciplinador e restaurador da ordem. Jogos tradicionais como o futebol passam a ser úteis no controle da rebeldia da juventude.

Podemos apontar como características sumariamente resumidas do esporte, segundo Bracht (2003), a “[...] competição, rendimento físico-técnico, Record, racionalização e cientificização do treinamento”.

De acordo com Kunz (2003), o esporte se caracteriza pelos princípios da comparação objetiva, sobrepujança, maximização de distâncias, minimização de tempos.

Ainda para Gutmann (1979 *apud* BRACHT, 2003), são características básicas do esporte a secularização, igualdade de chances, especialização dos papéis, racionalização, burocratização, quantificação e a busca do recorde. Tais características de acordo com Bracht (1997), [...] “tomaram de assalto a cultura corporal de movimento, tornando-se sua expressão hegemônica, ou seja, a cultura corporal de movimento esportivizou-se”.

Todavia, quando trabalhamos com o conceito de hegemonia, principalmente com o conceito utilizado pelo italiano Gramsci, é preciso lembrar que existe uma força, ou movimento contra-hegemonico. Dessa forma podemos dizer que esse processo de esportivização não ocorreu sem resistências. Como exemplo disso, Bracht (2003) nos rememora citando a resistência do movimento ginástico da classe trabalhadora alemã que se negava a incorporar em suas atividades (o Turnen) elementos pertencentes à cultura burguesa.

Desde então existe uma tentativa de classificação/categorização desse fenômeno, Parece-nos lúcida a “simplificação” adotada por Bracht (2003) que apresenta um esquema dual: 1) Esporte de alto rendimento ou espetáculo; 2) Esporte enquanto atividade de lazer³.

Entretanto, é justamente nessa divisão, que encontramos divergências quanto ao caráter atribuído ao esporte na dimensão do lazer e na dimensão do rendimento.

Stigger (2009) entende que a crítica feita pela *sociologia crítica do esporte* tende a homogeneizar as características do esporte de rendimento e de lazer. Para ele, autores dessa perspectiva como Bouet (1968), Brhom (1976, 1978, 1989^a, 1989), Gutmann (1978), Mandell

(1986), e Guay (1993), privilegiam “[...] aspectos estruturais da sociedade, tendo como opção metodológica a busca de aspectos que caracterizam o esporte com uma realidade cultural específica” (p.105). Na perspectiva desses autores o esporte é visto como um elemento reprodutor da estrutura social e segundo Stigger funcionaria dessa maneira também quando pensado na perspectiva do lazer.

Dessa forma Stigger ao pesquisar o esporte no âmbito do lazer, baseado num olhar mais antropológico e etnográfico, e em autores como Ellias e Dunnig (1992), Pocielo (1981), Bourdieu (1990), defende uma perspectiva de heterogeneidade no esporte. Para ele o esporte no âmbito do lazer possui características que o diferem do esporte de rendimento. As pessoas são capazes de atribuir novos valores e significados a essa prática.

Ao olhar o esporte com esse ponto de vista, os autores identificam-no como uma prática que tem possibilidades de se desenvolver numa perspectiva multicultural, ou seja, que se expressaria numa diversidade de manifestações, além daquela que tem maior visibilidade social, o esporte de rendimento. Isso ocorreria vinculado ao contexto cultural em que o esporte fosse praticado, assim como as características dos seus praticantes. (STIGGER, 2009, p.108).

Para sustentar sua tese, como já dito antes, Stigger (2009), cita a *teoria multidisciplinar das emoções* de Elias e Dunning, (1992).

Para eles [...] “o esporte é mais que uma prática que proporciona libertação de tensões, é uma atividade que possui um tipo particular de tensão-excitação agradável (p. 118) e ainda teria um

[...] ‘ethos amador’, cujo componente principal é a prática do esporte por divertimento; sendo atividades que tem um fim em si mesmas e cujo acento tônico estaria no prazer, constituiriam formas de participação nos esportes dirigidos para si próprio ou egocêntricos” (DUNNING, 1992, *apud* STIGGER, 2009, p. 120).

Esse debate nos leva a concordar que o esporte é um fenômeno complexo e multifacetado, devendo ser compreendido dialeticamente, assim citamos Bracht (2009, p. 175), que diz:

Embora concorde com Stigger (2001) que existem práticas esportivas que se distanciam do sentido

hegemônico dessas práticas (aspecto, aliás, reconhecido e destacado reiteradamente por mim), é preciso reconhecer que elas são periféricas, ou seja, não se constituem em práticas sociais majoritárias nesse campo.

Entendemos serem grandes as contribuições advindas das pesquisas etnográficas e antropológicas no campo esportivo, talvez, este novo olhar ajude a re-significar a prática esportiva, principalmente no âmbito do lazer. Apesar disso, entendemos que no universo das práticas de esporte de lazer ainda há uma hegemonia das práticas que se pautam nos valores do esporte rendimento. Por isso nos posicionamos em consonância com as críticas da sociologia crítica do esporte.

Sobre a crítica advinda da *sociologia crítica do esporte* podemos dizer que esta ganha força no Brasil nos anos 80. Uma das obras pioneiras é de autoria de Kátia Brandão Cavalcanti, intitulada “Esporte para todos: um discurso ideológico” (1984).

A autora nos diz que:

[...] o esporte domestica a ação e a criatividade, funcionando como elemento de manutenção do *status quo* opressivo, pois a presença transformadora do indivíduo não é permitida nem se quer considerada [...] de sujeito a objeto, de homem a coisa (SÉRGIO, 1976, *apud* CAVALCANTI, 1984, p. 117).

Brohm (1976 *apud* CAVALCANTI, 1984), também sustenta a tese de a instituição esportiva ser uma instituição de repressão preventiva da população, pois essa serviria para evitar a desordem na sociedade, sendo uma “camisa de força ideológica”.

A *sociologia crítica do esporte* também se faz presente nas obras de Valter Bracht, Vitor Marinho de Oliveira, Celi Taffarel entre outros autores renomados da Educação Física Brasileira.

Entre as teorias que fazem parte da *sociologia crítica do esporte* destacamos algumas, a crítica de orientação Marxista compreende o esporte como um processo de alienação e reificação do ser humano, sendo um elemento de reprodução da força de trabalho. Existe também a crítica orientada pelos estudos de Foucault, em que o esporte é entendido como um elemento disciplinador do corpo. Outra perspectiva seria a crítica do esporte como reprodução cultural defendida por Pierre Bourdieu, em que este serve como um elemento de diferenciação de

classe utilizando de um poder simbólico. Ainda temos a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, em especial a orientada por Marcuse, Adorno, Horkheimer e Habermas. Tal crítica está muito próxima à crítica de orientação marxista, advogam que o esporte é um atenuador de tensões, servindo como uma válvula de escape do mundo do trabalho, resultando num trabalho alienado e reificador do homem. Exerce [...] um efeito estabilizador (BRACHT, 2003, p.31) e também de socialização.

Outra crítica ao esporte na sociedade contemporânea destaca a importância atribuída à técnica em nossa sociedade (VAZ, 2009). A técnica tem um caráter central não apenas no esporte assim como na sociedade em geral, ela é um meio para se atingir um fim. Segundo Vaz (2009, p.143) “[...] o que a torna tão singular no mundo contemporâneo é a onipresença, seu papel na formação das subjetividades, sua incorporação, como medida, como critério, por homens e mulheres”.

Vaz (2009) usa a noção de “fetichização da técnica” para falar de seu caráter sinistro de, como por obra do feitiço, ganhar vida própria em relação ao seres humanos.

Pensando a técnica em relação ao esporte identificamos uma íntima relação com o rendimento. É flagrante o grande investimento em meios técnicos para aumentar o rendimento atlético e a sobrepujança dos adversários.

Ao pensar a técnica, no âmbito esportivo/corporal, como movimentos aprendidos para realizar fins, Vaz (2009), apresenta a relação desta com o corpo.

No esporte, o instrumento técnico [...] é o próprio corpo, de forma que ele deve ser dominado, treinado e funcionalizado para os fins que se procuram. Se os instrumentos técnicos devem facilitar o domínio da natureza que os circunda, o corpo tornado instrumento (técnico) é ele próprio expressão da natureza dominada (VAZ, 2009, p. 146).

Este domínio da natureza a partir da técnica pode ser entendido como um reflexo da razão instrumental, onde tudo precisa ser quantificado na busca de melhor rendimento, o que denuncia a sua íntima relação com o princípio do progresso almejado pela sociedade moderna.

Alexandre Vaz utiliza novamente Adorno, para tratar da relação corpo e máquina, fazendo a denúncia de que o atleta precisa acostumar-se e até mesmo gostar da dor, ou seja, a dor é uma espécie de mal

necessário para se atingir um fim, os atletas podem ser classificados como “masoquistas”.

Nessa relação é possível identificar aspectos de um modelo industrial. Para Vaz, (2009) o esporte pretenderia devolver ao corpo aquilo que a lhe roubará a máquina, mas – pertencendo ao campo da não liberdade – o faz no sentido de colocá-lo implacavelmente a serviço da maquinaria, incorporando-se a sua lógica cega (ADORNO, 1997b, *apud*, VAZ, 2009).

Uma lógica de transformação do corpo em máquina está muito presente na sociedade, patenteada pela “bandeira” do rendimento.

No esporte cada vez mais observamos o uso de doping para melhorar o rendimento atlético. São inventadas novas drogas e novos testes antidoping, e assim por diante, um verdadeiro modelo industrial.

O doping no esporte já foi apontado como um importante problema a ser estudado e discutido por Kunz (2003), que apresenta uma reflexão sobre o uso de substâncias proibidas e algumas de suas consequências ao organismo dos seres humanos.

Atualmente, existem novas drogas e novas formas de potencializar o rendimento, o doping genético aparece como uma nova dor de cabeça para os especialistas antidoping. Outra questão em pauta é “a colonização do corpo por pequenos órgãos sintéticos (VIRILIO, 1998, *apud* VAZ, 2009). Ao pensarmos no corpo enquanto máquina é possível perceber que os órgãos e membros podem ser vistos como peças que podem ser repostas, isso cada vez mais nos aproxima de um mundo onde máquina e humanos se confundem, estamos próximos de nos tornarmos ciborgues.

Para compreendermos a importância do esporte na sociedade contemporânea também é necessário destacar a sua dimensão estética. A beleza dos movimentos, o grau de dificuldade e plasticidade, são altamente valorizadas pelos “admiradores” do esporte.

Melo (2005) usa os estudos de Welsch (2001), para mostrar a dimensão estética do esporte. Ele aponta a alteração das vestimentas e incorporação de várias dessas na sociedade em geral, como características da influência estética do esporte na sociedade, além disso, também evidencia que no esporte ocorreu uma passagem de controle do corpo para celebração do corpo. Sobre a celebração do corpo Welsch (2001, *apud* MELO, 2005) escreve que “[...] a perfeição estética não é incidental para o sucesso esportivo [...] mas intrínseca. No esporte o estético e o funcional andam de mãos dadas”.

Também é característica da dimensão estética do esporte, de acordo com Melo (2005), a revelação de seu caráter erótico. Um exemplo disso são os uniformes que as atletas mulheres utilizam durante as partidas.

São argumentos interessantes para serem estudados e criticados com maior profundidade, porém de maneira mais imediata nos parece que estas são também características muito fortes de uma sociedade globalizada, em que a lógica do culto ao indivíduo, e individualidade, assim como o culto ao belo se apresentam como marcantes na cultura moderna, um reflexo direto do modelo de vida neoliberal que ganha forte apelo na mídia, em especial quando pensamos no seu poder de criar e de destruir ídolos.

Outra importante influência exercida pelo fenômeno esportivo no século XX é a construção de identidades nacionais. Tendo como exemplo o Brasil, lembramos dos lemas utilizados pelos governos militares, como: “Brasil, ame-o, ou deixe-o”; e a marchinha que embalou a copa de 1970, “*todos juntos nessa corrente pra frente, Brasil, salve a seleção [...] do meu coração*”. Tais frases revelam um caráter de extremo ufanismo e amor à pátria, o orgulho de ser brasileiro. Essa lógica ainda pode ser vista em propagandas publicitárias que circulam na mídia quando grandes eventos esportivos estão para acontecer ou sendo realizados.

As mensagens veiculadas pelas propagandas, geralmente utilizam de alguns personagens, muitas vezes grandes atletas, para gerar, justamente a ideia de unidade nacional.

Tais aspectos indicam o esporte como um importante campo de negócio, que veiculado midiaticamente consegue, cada vez mais, internacionalizar-se no mundo globalizado. Muitos atletas, por serem bem sucedidos nas “arenas” esportivas, acabam se tornando “embaixadores do esporte” utilizando o seu status de ídolo, fruto de suas conquistas e divinização da mídia, passam a ser usados como símbolos do sucesso e da superação. Nessas situações percebemos novamente a lógica do rendimento vindo à tona.

Todos esses argumentos e reflexões parecem ser uma denúncia da existência de uma relação umbilical entre a técnica, estética e mídia, esta última, talvez uma das grandes responsáveis por perpetuar essa admiração do mundo com o esporte. Nessa sociedade o esporte rendimento ou esporte espetáculo revela-se como um produto de grande valor para os *mass media*, Porém a relação esporte e mídia será abordada posteriormente.

1.1.3. O fenômeno esportivo na Escola

Muitos estudos do campo da Educação Física vêm apontando o esporte como um conteúdo que detém a hegemonia entre as práticas corporais “ensinadas” nas escolas. Tal hegemonia tem início quando os cursos superiores, por determinação do Estado, passam a formar técnicos desportivos. Betti (1991 *apud* DARIDO, 2004), destaca que influência do esporte no sistema educacional, entre os anos de 1969 e 1979, passa a ser muito forte, devido a sua ascensão bem como a inclusão, por parte do Estado, do binômio Educação Física/Esporte, na planificação estratégica do governo. Durante o período da Ditadura, os governos militares passam a investir pesado no esporte na tentativa de fazer da Educação Física um sustentáculo ideológico (DARIDO, 2004).

Assim passados alguns anos, logo após a Instituição Militar deixar de ser a principal instituição ligada a Educação Física, a Instituição Esportiva, sucede a “coroa”. Desde então é possível dizer que o esporte é um dos principais, se não o principal, conteúdo trabalhado nas aulas de Educação Física, na maioria das vezes abordado de forma desvinculada do sentido e significado que a sociedade lhe imprime. Para Bracht (1992, p.61) o esporte em nosso país cumpre o papel de reproduzir a ideologia capitalista, que por sua vez, visa fazer com que os valores e normas nela inseridos se apresentem como normais e desejáveis.

Essa última citação já revela um dos resultados das críticas advindas da *sociologia crítica do esporte* e das teorias progressistas da educação. Estas são responsáveis por uma tentativa de transformação do modelo de ensino/aprendizagem e da própria formação inicial do professor.

Como resultado dessas críticas Bracht (2009 p. 14-18) aponta alguns “equivocos/mal entendidos”:

A) “Quem critica o esporte é contra o esporte...”

B) “Tratar criticamente o esporte nas aulas de EF é ser contra a técnica esportiva [...] os que não criticam são tecnicistas. [...] aqueles que dizem tratar criticamente o esporte [...] são contra o ensino das técnicas esportivas.

C) [...] a crítica da pedagogia crítica da EF, era destinada ao rendimento enquanto tal, e

que este se contrapunha, em posição diametralmente oposta, o lúdico”.

D) [...] os críticos do esporte de rendimento enquanto conteúdo de ensino da EF queriam substituir o ensino das destrezas desportivas pelo discurso [...] sobre o esporte.

Esses equívocos podem ser entendidos também como aspectos da chamada crise de identidade da Educação Física, em que os professores das escolas possivelmente se perguntam: “se não é para ensinar esportes ensinaremos o quê?”

Quando parecia que caminharíamos para uma melhora qualitativa da prática docente nas escolas, a partir do desenvolvimento de propostas educacionais críticas, bem como da chegada de professores com uma formação inicial mais crítica, ocorrem alguns fatos que podem provar o quanto estávamos enganados.

O fracasso brasileiro nas olimpíadas de Sidney 2000 parece ser um marco para que os governos voltassem a “investir” na escola como “celeiro” de atletas. A base da pirâmide está mais uma vez nas escolas públicas do país.

Outros acontecimentos mais recentes como, a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e dos Jogos Olímpicos Rio 2016, também podem ser fortes indícios para o desenvolvimento da perspectiva formadora de atletas ocorra na escola.

Quem dera que tais eventos nos levassem a refleti-los de forma a elevar a qualidade do trato pedagógico com um fenômeno de tamanha importância na sociedade contemporânea e também indicassem a possibilidade de mudança na chamada “semi-cultura esportiva” (PIRES, 2002).

A escola deve ser o local de aprendizagem do fenômeno esportivo nas suas mais variadas dimensões, inclusive política e econômica, ela, ainda, tem o dever superar a lógica da monocultura esportiva, indo além do ensino do futebol. Essa não pode mais ser local do movimento irrefletido, do movimento pelo movimento.

Segundo Kunz (2004), devemos questionar na prática do esporte atualmente:

- a) *O rendimento* (para qual rendimento?);
- b) *A representação* (Institucional [clube, escola], Estadual e Nacional);
- c) *Esporte de tempo livre* (As influências que vem sofrendo);
- d) *O comércio e o consumo no esporte e seus efeitos*.

Estes aspectos são fundamentais para pensarmos qual o sentido queremos dar à nossa prática pedagógica e que sujeitos almejamos formar para a sociedade.

Nesse sentido, resgatando o tópico anterior, quando apresentamos diferentes significados atrelados ao esporte na sociedade contemporânea, vemos a escola como um lugar de possibilidades. Entendemos que deveria ser na escola, através dela, e com ela que percebemos a possibilidade de esclarecimento das pessoas. Porém entendemos que esse esclarecimento pode acontecer em outros espaços e instituições sociais

Quando pensamos no lazer enquanto uma mercadoria, que só consumimos se possuímos dinheiro para isso, ao mesmo tempo pensamos no dever da escola de ensinar os diferentes esportes como possibilidade de um lazer que não necessita ser “comprado”. O esporte e suas modalidades devem ser objetos de estudo para a formação e realização humana, por isso deve também ser ensinado no sentido de tornar-se uma prática cotidiana de lazer.

Quando pensamos na dimensão do rendimento impregnada no esporte, devemos nos recordar dos apontamentos de Kunz (2004) que atribui ao esporte os princípios do rendimento e da concorrência, princípios que “[...] mantêm uma estreita relação como os conteúdos baseados nas destrezas esportivo-motoras, que possibilitam apenas a otimização das capacidades de rendimento esportivo [...] a consequência desse procedimento é a função seletiva [...]” (p.187). Assim, Kunz (2004) nos diz que durante o processo de ensino aprendizagem não podemos utilizar atividades que proporcionam experiências de insucesso e sim o contrário, devemos ter como ponto de partida, no ensino das modalidades esportivas, atividades que possibilitem experiências de sucesso, o que leva ao desenvolvimento do gosto pela atividade.

Quando pensamos na supervalorização da técnica, que seja possível trabalharmos pedagogicamente a sua dimensão dialética, considerando-a importante para realização das atividades e “[...] para nossa humanidade”, assim como quando essa é “[...] fetichizada, acaba por reverter-se em fonte de subalternidade e sofrimento no registro da razão instrumental” (VAZ, 2009).

Consequentemente, para atingirmos algumas dessas possibilidades, é preciso que tenhamos um “esporte na e da escola”, e para que possamos atingir tal feito, acreditamos que a obra “A Reinvenção do esporte” de Sávio Assis de Oliveira tem muito a contribuir. Tal autor nos atenta para as possibilidades de aproximação

do esporte e jogo, não no sentido tradicional, de esportivização dos jogos, mas o contrário, a ludicização do esporte. É nesse ponto que Paulo Evaldo Fensterseifer (2006), como apresentado no início do tópico 1.4, acredita estar o que torna o esporte mais que uma mercadoria.

Propomo-nos tematizar no próximo tópico um importante aspecto ainda não discutido, referente ao discurso da mídia sobre o esporte, neste estudo em especial, a mídia impressa.

1.1.4. O (tele) espetáculo: fragmentos da relação esporte e mídia

A relação esporte mídia é mais estreita do que se imagina, sendo possível percebê-la em diferentes análises.

Estudos como o de Ana Márcia Souza (1991)⁴, sobre o viés do Materialismo Histórico Dialético, denunciam o papel dos meios de comunicação de massa e das tecnologias de comunicação, como instrumentos do capitalismo no processo de mercadorização do movimento corporal humano. Dentro dessa análise o movimento corporal humano é entendido como um bem imaterial, porém com o advento do *video-tape* e o desenvolvimento das transmissões via satélite, o movimento perde sua dimensão imaterial e começa a ser vendido como um bem material. A reprodutibilidade técnica passa a ser uma forte aliada no processo de mercadorização do esporte.

Uma das consequências da mercadorização do movimento corporal são as transformações estruturais nas diferentes práticas esportivas, como o voleibol, e basquetebol, tais modalidades tiveram alteradas mais que suas regras, sofreram transformações também os gestos técnicos dos desportos. A lógica do espetáculo e atualmente telespetáculo- valorizando a dimensão estética - e do rendimento – visando maior eficiência e eficácia, são responsáveis por uma redução no número de gestos técnicos exercidos nos desportos.

Até o momento apontamos elementos que revelam o pano de fundo das relações esporte mídia -relações pautadas na mercadorização- visando o lucro. Porém essas relações não se apresentam explicitamente nas mensagens midiáticas, revelar o esporte como uma mercadoria seria “um tiro no pé” para os veículos midiáticos, assim o que interessa aos

⁴ Na obra “Esporte Espectáculo: A Mercadorização do movimento corporal humano”, são apresentados mais algumas consequências do processo de mercadorização do desporto, como o que chamamos de “divisão social do treinamento.” Para saber mais ver o capítulo III da obra, que trata das alterações sofridas no Basquetebol.

veículos midiáticos, os aproxima da “massa” e cria identidades é a dimensão fetichizada do esporte. O espetáculo esportivo precisa aprisionar o público que em troca das ações espetaculares devolve o seu afeto, a sua contemplação, a sua admiração. Ou seja, o espectador e o telespectador/consumidor só consomem algo se alguém os persuadir da necessidade desse produto. Estes aspectos quais nos referimos se dão no plano da cultura, mais especificamente quando pensamos cultura esportiva. Vejamos algumas formas dessa estrutura se materializar.

Pensar o esporte como uma tradição inventada, pode ajudar a entender como esse se torna um fenômeno tão importante em nossa cultura. Tradição inventada é compreendida como “[...] um conjunto de práticas reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” [...] (HOBSBAWN, 1984, p.9)

Nesse processo de invenção de tradições e acultramento julgamos ser imprescindível o papel da mídia. Ela exerceria a função de “enraizamento” das tradições a partir do advento dos meios de comunicação de massa. Passa a ser incorporada a outra lógica de organização da vida social, o espetáculo (DANTAS JÚNIOR, 2007, p. 9).

Fundamentados em Debord (1999) compreendemos que "o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens".

Justamente ao nos referimos ao espetáculo é que vislumbramos a centralidade que o esporte ganha em nossa sociedade, especialmente pelo fato de ser através do espetáculo que se torna possível estabelecer a relação mídia, esporte e sociedade. Para Debord (1999) o “[...] *espetáculo consiste na multiplicação de ícones e imagens, principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo aquilo que falta à vida real do homem comum*”.

Na atualidade

[...] o esporte parece ser o parceiro preferencial da espetacularização da mídia televisiva, porque oferece em contrapartida o show já pronto. O cenário, o roteiro, os atores, os espectadores e até os (tele) consumidores estão antecipadamente garantidos, o que facilita a sua transformação em

produto facilmente comercializado/consumido em escala global. (PIRES, 2002, p. 90).

Kehl e Bucci (2004) ajudam-nos a entender a questão. Para eles existe uma subjetividade fetichista como resultado das imagens construídas pela TV. A TV seria uma forma de produção de sentidos que prescinde o pensamento.

Na contemporaneidade o fetichismo vive no e pelo espetáculo. É como um ciclo vicioso, em que nossas subjetividades perdidas ou achatadas de tal forma nos levam a buscá-las no outro, no caso no ídolo. Essa subjetividade roubada/achatada, na imagem construída da subjetividade do outro, no caso o ídolo, de maneira que desejamos consumir a imagem do ídolo, buscamos de certa forma recuperar a nossa essência. É uma relação dialética, dependemos da imagem do ídolo e eles dependem de nossa idolatria. Assim a publicidade parece ser o que dá tanto poder simbólico e econômico a mídia, por essa ser uma vitrine de imagens, a janela de vidro como nos diz Mauro Betti. Como exemplo sobre o poder da imagem e da publicidade, temos as propagandas do refrigerante *Sprite*. Trata de uma série de episódios que consistem em elevar este refrigerante a um altar, as propagandas terminam com a frase “imagem não é nada, sede é tudo”. Esse *slogan*, após algum tempo, após ficar famoso, começou a sofrer algumas alterações nos novos episódios, mas sempre começando da mesma maneira; “*imagem não é nada... Sprite é tudo*”. Usam a imagem para vender o produto, ao mesmo tempo em que dizem que ela não significa nada.

Da mesma forma que os grupos publicitários vendem a mercadoria refrigerante, vendem a mercadoria ídolo, entre eles os atletas. Os contratos milionários, como resultado de sua produtividade, levam os atletas ao patamar de deuses [...] *de herói a símbolo sexual e de símbolo sexual a garoto propaganda de todos os produtos imagináveis, associados ou não ao esporte*. (KEHL, 2004, p. 63).

Com base em Kehl podemos pensar esses atletas/deuses como “objetos virtuais do gozo coletivo” (p. 81). Por estes estarem emaranhados a uma grande teia, mídia/publicidade, mercado, espetáculo.

Eles não apenas propagandeiam algumas mercadorias como passam a se confundir com elas [...] ‘vestem a camisa’ dos produtos que são pagos para anunciar, tornam-se tributários das estratégias de vendas daquelas indústrias. Seus salários milionários não são mais interpretados

como evidência de seu esforço e talento, mas é sua celebridade agora que se apóia sobre a notícia de um salário milionário. (KEHL, 2004, p.81)

Entendemos que todos esses acontecimentos revelem os resultados dos mais de 200 anos de um modelo capitalista de organização do mundo do trabalho. Nesse sentido parece-nos lúcida a compreensão de Kehl (2004) quanto à passagem do conceito de *Indústria Cultural* de Adorno e Horkheimer para o conceito de *Sociedade do Espetáculo* de Guy Debord, como sendo consequência da própria expansão da *Indústria Cultural*. Ocorreu um “[...] extraordinário aperfeiçoamento técnico dos meios em se traduzir a vida em imagem, até que fosse possível abarcar toda extensão da vida social” (KEHL, 2004, p. 30).

Entendemos que esta expansão também potencializou os resultados da indústria cultural, a perda da experiência e consequente perda de subjetividade ganham grande dimensão na sociedade do espetáculo, em especial quando pensamos no poder de uma mídia que como Adorno já disse “reúne o rádio e o cinema”. Essa mídia chamada televisão passou a “invadir” a nossa privacidade, está presente em nossos lares podendo ficar ligada durante as 24 horas do dia.

É nessa lógica do espetacular e de seu poder simbólico perante a sociedade que a televisão parece ser uma grande produtora e reprodutora de cultura, e nesse bojo a cultura esportiva “pela força do apelo imagético e pelo seu efeito multiplicador” (PIRES, 2005, p. 115).

Está na cobertura esportiva a chave para demonstrar umas das charadas do jornalismo em televisão [...] o telejornalismo promove – financia, organiza e monta – os eventos que finge cobrir com objetividade. É no esporte que esse fenômeno é mais transparente. As técnicas jornalísticas, dentro das coberturas do esporte pela TV, são cada vez mais uma representação. Aquele espetáculo não é uma notícia conseguida pela reportagem mas uma encomenda paga. (BUCCI, 1998, p.23 *apud* PIRES, 2005, p. 115).

Tal passagem aponta também o grau de proximidade mídia/publicidade e espetáculo esportivo e de certa forma explicita características de nossa passagem de praticantes a espectadores e de espectadores a telespectadores. Hoje, somos consumidores e produtores da cultura esportiva, consumidores principalmente do telespetáculo.

Nesse sentido, Betti (2001), ao discutir o “esporte na mídia ou da mídia”, deixa clara a existência de uma tensão, pois ao mesmo tempo em que não dá conta de abordar o esporte em suas múltiplas dimensões, a mídia (televisiva) é quem proporcionou ao esporte atingir o patamar de telespetáculo.

Betti (2001) indica cinco características do esporte da mídia, que sintetizamos da seguinte maneira:

a) *Ênfase na “falação esportiva”* que *Informa e atualiza, cria expectativas, faz previsões, explica e justifica, promete emoções, critica, elege ídolos, dramatiza.* Ou seja, a *falação esportiva*, vive de polêmicas e especulações sobre o fenômeno esportivo. Um discurso pautado na emoção, no sensível, preterindo a racionalidade.

b) *Monocultura Esportiva.* A mídia, disseminadora de uma monocultura esportiva, tende a escolher o esporte ou modalidade que lhe traz maior retorno econômico. No Brasil o exemplo é futebol.

c) *Sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo:* existe uma redução do fenômeno esportivo que é tratado de forma fragmentada e descontextualiza com a realidade. Ao invés de acontecer investimentos que qualifiquem a dimensão formativa e informativa da das mensagens, acontece apenas investimento na dimensão audiovisual. O telespetáculo explora principalmente os novos recursos tecnológicos como “[...] mini-closes, *slow-motion*, recursos gráficos, etc” (BETTI, 2001, p.109)

d) *Superficialidade.* As mídias de massa como a televisão tratam de forma superficial o fenômeno esportivo. Esse fenômeno só ganha um tratamento de maior qualidade quando essa notícia volta a ser pauta nos jornais e nos programas esportivos ou não, da televisão por assinatura. Mas de forma geral a grande maioria da população não consome esse produto de maior qualidade, considerando a cultura brasileira, de não leitura somada ao baixo poder aquisitivo da população em geral para pagar uma televisão à cabo.

e) *Prevalência dos interesses econômicos:* As mídias trabalham com a lógica capitalista de obtenção de lucro, baseando-se em dados quantitativos como pesquisas de audiência, oferecem ao consumidor aquilo que pressupões

que eles gostam, não lhe oferecem nada diferente disso, não lhe dão a oportunidade de acesso ao novo, ao diferente, portanto não podem saber se o público deseja outra coisa.

Para melhor ilustrar alguma das características do discurso midiático esportivo podemos utilizar o estudo de Sanfelice *et al.* (2001). Ao analisarem 42 programas esportivos – Globo Esporte (Globo) e Esporte Total (Bandeirantes) - identificaram como principais valores presentes nesses “textos”: exaltação de atleta - frequência de 29,5% e exaltação de equipe - frequência de 27, 3%”.

Segundo os autores “os percentuais mostram que a televisão exalta individualidades em detrimento da equipe” (p.38). Outra característica identificada no estudo é a tendência da monocultura do futebol nas coberturas da mídia esportiva brasileira.

O futebol predomina nos programas esportivos analisados e é justamente nessa modalidade, coletiva, que a categoria *Registros relativos a individualidades*, subcategoria *Exaltação*, registra maior percentual. (SANFELICE *et al.*, 2001, p.38).

Na esteira dos autores com os quais dialogamos até então, é possível inferir que a mídia esportiva televisiva possui um caráter de entretenimento e de “informação”, bem como a tendência de valorizar as individualidades, valorizar a monocultura do futebol, além de atuar como agenda dos eventos esportivos na vida cotidiana das pessoas. Teria a mídia impressa essas características? Teria ela um caráter mais formativo? Betti (2001), na citação anterior – item c – já nos deu algumas pistas. Por conseguinte, a cobertura esportiva da mídia impressa é o que abordaremos a seguir.

1.1.5. A cobertura da mídia esportiva impressa

Após apresentarmos muitos elementos para compreensão da mídia esportiva televisiva - seu discurso, seus interesses e sua influência na sociedade – e identificar uma tendência mais informativa e de entretenimento, poderíamos pensar que a mídia esportiva impressa teria um caráter mais formativo, e que daria maior profundidade em suas notícias. Nossa suspeita teria maior sustentação, ainda, quando pensamos que a televisão estrutura seu discurso sobre lógica do espetáculo, que tem a imagem como principal produto, e que pelo advento das novas TIC's potencializa esse produto. Exemplo disso é a

transmissão de jogos de futebol em 3D, que foi realizada, ainda aquém das expectativas, no campeonato inglês no Clássico Arsenal X Manchester United, no início de fevereiro de 2010⁵.

Poderíamos supor que a mídia impressa, assim como fazem alguns programas esportivos das TVs por assinatura, veicularia, principalmente, notícias de caráter formativo. Porém, não parece ser o que acontece. Os periódicos parecem estar sendo “engolidos” pela mesma lógica da TV, a imagem cada vez mais conquistada as dimensões das páginas dos cadernos de esporte. As fotos com close no lance do gol, o gol perdido, o olhar intimidador, o esforço do atleta, os lances polêmicos, o inesperado e espetacular também marcam presença nos periódicos, bem como os infográficos apresentando características dos ou de um atleta destaque, os esquemas táticos, entre outras coisas.

Dessa forma inferimos haver nos periódicos, somente alterações na forma dos encartes e não em seu conteúdo, sendo talvez os cronistas os únicos que se dediquem a elementos formativos.

A crônica esportiva especializada é uma instância de intermediação material tecnológica e simbólica entre *torcedores* e *profissionais*, constituídas a partir de arranjos sociológicos passíveis de maior sistematização e tipologização, o que ocorre em menor escala no universo dos jogadores, técnicos, dirigentes etc. e sobre tudo no domínio amplo dos torcedores, embora também aí se verifique a formação de certos arranjos institucionais e formalizações particulares do torcer (TOLEDO, 2002, p. 160).

Nesse fragmento é possível ter um breve panorama sobre quem escreve ou comenta sobre esse esporte. Nos periódicos é comum ter especialistas, como ex-jogadores e técnicos escrevendo sobre a modalidade, bem como na televisão ao emitirem seus comentários nas partidas ao vivo. Algumas vezes também há espaço para o comentário de torcedores apaixonados e fanáticos por algum clube, esta tendência fica evidente no site de esportes do globo.com, em que no link de cada time existe o blog do torcedor.

⁵ Mais informações no site

<<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/ingles/0,,MUL1471243-9847,00-TRANSMISSAO+EM+D+DE+ARSENAL+X+MANCHESTER+FAZ+HISTORIA+SEM+IMPRESSIONAR.html>>.

Nos periódicos ainda há espaço para os jornalistas desportivos que em suas colunas tecem comentários, trazem informações, e em alguns casos ampliam o entendimento do fenômeno esportivo ao apresentarem aspectos da economia, política e cultura, dando um caráter mais formativo a seus textos.

Para Toledo (2002), a fala especialista pode ser subdividida em três perspectivas que não se excluem necessariamente.

a) reconhecida por ter um discurso mais próximo ao de um torcedor, pautado especialmente na emoção “comumente atribuída por esses especialistas, aos torcedores”(p. 160).

b) Composta por ex-jogadores e ex-técnicos. Estes comentam principalmente as polêmicas “estritamente técnicas [...] um discurso cujo tom prima por uma análise desapaixonada e distanciada, mais tecnicista por tanto” (TOLEDO, 2002, p. 160)

c) Dá ênfase aos aspectos políticos, demonstrando maior engajamento e atenção às mudanças institucionais “dialogando diretamente com as elites dirigentes do esporte”.

Paulo Vinícius Coelho, o PVC, em sua obra *Jornalismo Esportivo*, trás informações importantes para entendermos melhor a mídia impressa esportiva, apresentando aspectos constituintes desse campo em especial no sudeste brasileiro.

Para Coelho (2003) os muitos escândalos de corrupção no esporte brasileiro, principalmente no futebol, são responsáveis pelo “aumento de interesse das redações do jornal a respeito do outro lado do esporte. Um lado que não emociona, não faz vibrar, que não provoca delírios nos torcedores” (p. 87).

Um dos jornais que incorporaram esse viés político do esporte é a Folha de São Paulo. Tradicionalmente a FSP era voltada para coberturas da política brasileira, estando o esporte em segundo plano. Segundo Coelho (2003), os diretores da FSP até então não demonstravam interesse pelos esportes. Porém em 1983, com a mudança do projeto editorial, cria-se o caderno de esportes da folha. Mas até o ano de 1991, o caderno esportivo mais lido em São Paulo era o *Jornal da Tarde*. PVC aponta que a estratégia da Folha foi colocar o Esporte no *Datafolha*, “como acontece até hoje. O resultado sempre foi discutível” (p.88). Um exemplo disso são os números do *Datafolha* apontarem o volante Dunga como *passador* da copa de 1994. Para Coelho (2003, p. 88), nessa situação há dois problemas. Primeiro: “a denominação *passador* não faz parte do vocabulário de quem acompanha futebol”.

Segundo: “dunga sempre demonstrou qualidade nos passes curtos, o que tira a representatividade de seu trabalho no meio campo”.

A partir desse contexto que a folha “firmou-se em definitivo no jornalismo esportivo [...] passou a preocupar-se mais com a cobertura do aspecto político do esporte do que propriamente com o que acontece dentro dos campos e das quadras” (COELHO, 2003, p. 88).

Para Paulo Vinícius Coelho esse fato não significa que as pessoas que gostam de esporte estejam lendo mais o jornal, pelo contrário, isso é um fator para classificar a FSP como um periódico contra o esporte. O fato interessante é que esse viés político tem feito os leitores da FSP, que não gostam de esporte, lerem o caderno de esportes.

Refletindo sobre as considerações de PVC, singularmente a última do parágrafo anterior, é possível pensar a FSP exercendo um jornalismo de caráter não apenas informativo, mas também formativo sobre o esporte.

Para PVC, se quisermos encontrar uma cobertura detalhada sobre o esporte, os jornais *O lance!*, *Jornal dos Sports*, *o Diário de São Paulo* são os mais recomendados. Ele ainda classifica o caderno de esportes do *Estadão* como “totalmente dispensável”, que outros como o Globo e *Jornal do Brasil*, “não conseguem encontrar o caminho”.

Os jornais esportivos, especializados apenas em esporte também se fazem presentes no mundo todo, um dos mais antigos e famosos é o *La Gazzetta dello Sport*, fundado em 1927, outros muito conhecido são o espanhol *Marca*, o famosíssimo *L'Equipe*, da França, o português *A Bola*, o argentino *Olé*. Segundo Coelho (2003) todos estes jornais foram observados pelo empresário Walter de Matos Júnior, para a criação do jornal esportivo brasileiro *O Lance!*.

No momento não é nosso interesse tratar da qualidade desses periódicos. Mas suspeitamos que a maioria paute-se na lógica da espetacularização e que a cobertura atente principalmente aspectos técnicos e táticos dos esportes.

Helal e Lovisolo (2007) podem nos trazer algumas pistas para compreendermos a cobertura dos diários *O Lance*, e *Olé*, vejamos a seguir.

Quando Betti nos aponta que a *falação esportiva* cria polêmicas, um exemplo clássico é a disputa Brasil X Argentina. Lovisolo e Helal 2007, comparando os Jornais argentinos *Clarín*, *Olé*, e *Lá Nación*, e brasileiros *O Globo* e *Jornal do Brasil*, apresentam alguns fatos abordados nos periódicos que contribuem para o acirramento da situação. Entre eles: Maradona suspenso na copa de 1994, e passando

por declínio pessoal, desde então até 2004; o Brasil conquista o tetra no mesmo mundial em que Maradona foi suspenso tomando maior distância dos Argentinos no que diz respeito ao número de títulos; O Brasil, participando de duas finais consecutivas após o tetra, e saindo vencedor em 2002, tomando maior distância ainda em relação a Argentina; Maradona consagrado melhor de todos os tempos em uma eleição organizada pela FIFA; Vários jogadores brasileiros eleitos “melhor do mundo”; e o surgimento dos diários esportivos *Olé* e *O Lance* a partir de 1996.

Segundo Helal & Lovisolo (2007, p.23), com o fato da criação dos diários esportivos nos dois países foi possível perceber que o diário brasileiro “usa categorias negativas sobre o futebol, sobre os jogadores e os argentinos em geral”. Destacam que os jornais brasileiros são mais provocativos que os argentinos, pontuando que no jornal O Globo “aparecem provocações explícitas, muitas vezes carregadas de preconceitos” nas reportagens e colunas do periódico.

Ainda encontramos, em outros estudos, mais características do discurso midiático esportivo em periódicos, agendamento⁶ de grandes eventos, estratégias de identificação do leitor com os atletas, assim como estratégias comerciais de autopromoção.

Quanto ao agendamento dos grandes eventos encontramos evidências nos trabalhos coletivos e individuais do Observatório da Mídia Esportiva/UFSC. Trabalhos como A cobertura jornalística do dos jogos abertos de Santa Catarina (2008); *Observando o Pan Rio/2007 na mídia* (2009), entre outros.

Um *Coletivo do Centro de Desportos da UFSC (2001)* desenvolveu uma pesquisa sobre a cobertura da mídia impressa sobre a Copa Davis, realizada em Florianópolis e identificaram que os jornais locais deram maior destaque aos eventos – mesmo megaeventos – que os jornais nacionais. Um dos jornais pesquisados o Diário Catarinense (DC), patrocinador do evento, deu maior destaque que os demais.

⁶ O *agendamento* é a tradução do termo *agenda-setting* (uma das Teorias da Comunicação). Trata de um processo relacional entre a agenda midiática e a agenda pública, com o que alguns grupos (financeiros, econômicos, políticos e a própria mídia em si) objetivam pautar temas de seu interesse na esfera social, colocando desta maneira sua opinião, com o interesse de torná-la hegemônica. No caso do *agendamento esportivo*, este não é realizado apenas ao pautar determinado evento, trazendo informações prévias do mesmo ou de seus personagens, mas sim ao abordar os mais variados contextos (econômico, político, social, cultural e o esportivo propriamente dito). (MEZZARROBA, 2008).

Segundo o *Coletivo do Centro de Desportos da UFSC (2001)*, talvez colocando sobre suspeita os limites entre isenção informativa/opinativa e os interesses publicitários do jornal. Outro jornal local analisado, o AN fez uma cobertura mais equilibrada, dando um destaque uniforme em todos os dias acompanhados. Já o jornal nacional pesquisado, a FSP, por não ter tradição de cobrir o tênis deu a menor cobertura ao evento entre os jornais pesquisados.

Na conclusão do trabalho o coletivo alega que “apesar da mídia impressa ser direcionada para leitores culturalmente diferenciados, os chamados formadores de opinião da sociedade, ela mostra-se também sensível a reproduzir emoções decorrentes do senso comum, como o discurso nacionalista/otimista, a exaltação/individualização de alguns atletas elevados a categoria mítica de “salvadores da pátria” e o inconformismo com a derrota – que logo é atribuída a um fator ou outro extra-campo, nunca à supremacia do adversário.

Por fim, como um último exemplo temos o estudo de Mezzaroba *et al.* (2009). Nesse trabalho os autores acompanharam a cobertura de cinco jornais das cinco regiões do país (norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul) sobre o Pan Rio/2007.

Um dos destaques desse estudo foi a identificação da tendência de regionalização do discurso como uma estratégia de aproximação com o público e ao mesmo tempo de inclusão do evento na agenda pública. Como exemplo temos o jornal *Estado de Minas* dando a entender, repetidas vezes, que o atleta carioca Thiago Pereira - que treina no Minas Tênis Clube em Belo Horizonte - é um “legítimo mineiro”.

Ainda existiriam muitos estudos e pesquisas produzidas e em andamento que poderiam contribuir com a construção dessa aproximação do discurso midiático esportivo, pesquisas como as que circulam nos GTT de Mídia do CONBRACE e no Núcleo de Pesquisa do INTERCOM. Mas acreditamos que conseguimos apresentar uma considerável parte desses trabalhos, e mais do que isso, trabalhos muito significativos para a compreensão dessa relação. Significativos, pois apontam na direção das necessidades e possibilidades de dar trato pedagógico ao fenômeno esportivo na escola. A Mídia – Educação (Física)⁷ tem um grande, mas necessário desafio na construção desses “novos saberes/fazer”.

⁷ Assim como Bianchi (2008) adotamos a expressão Mídia- Educação (Física) por compartilharmos da explicação de Bracht e Almeida (2006) quando estes se referem ao termo. Educação (Física) como componente curricular, conforme a LDB (93/94/96), e pelo fato de entendermos a mídia – educação como um tema transversal.

Preparar a sociedade para saber se portar de forma crítica e reflexiva num mundo midiaticizado requer encarar a educação como grande desafio em especial quando nos referimos a uma educação para a mídia, que almeja principalmente a formação do receptor-sujeito. Nesse cenário uma proposta relevante é a da mídia-educação.

De acordo com Fantin (2006) podemos conceituar mídia-educação como educação com, para e sobre os meios e TIC. Educar para, com e sobre as mídias, então, se torna um desafio cada vez mais importante para educadores, uma vez que mídia e as TIC se fazem presentes em quase todas as dimensões da vida. Damos especial atenção na educação para, com e sobre a mídia por percebemos o papel que está vem desempenhando na sociedade moderna, em especial, nos chamados meios de comunicação de massa, jornal impresso, rádio, televisão, e mais recentemente internet.

Vivendo numa sociedade midiaticizada e espetacularizada, assumindo a tarefa de mídia-educador, julgamos relevante o desenvolvimento de estudos nessa área com o objetivo de dar maior aporte teórico para qualificar a prática pedagógica e apontar possibilidades para o a humanização da sociedade.

Algumas dessas tentativas de formação do receptor sujeito podem ser vistas nos trabalhos desenvolvidos pelo Observatório da Mídia Esportiva da UFSC. Nos trabalhos do grupo os preceitos da mídia-educação e os conteúdos da Educação Física vêm estreitando os laços, na perspectiva da Mídia – Educação (Física).

Apesar dos estudos e pesquisas do Observatório abarcarem diversas dimensões midiáticas, ainda existe a necessidade de voltar maior atenção a mídia impressa. Nessa perspectiva, vislumbramos analisar o jornal, justamente uma mídia que se faz presente há mais tempo na sociedade, ganhando o patamar de meio de comunicação de massa graças a criação da prensa de Gutenberg (1944).

1.2. Mídia-Educação e suas possibilidades

Nessa sociedade midiaticizada, ligada intrinsecamente pelas TICs, com a visível mundialização da cultura, torna-se imprescindível compreender o papel da mídia e seus discursos nesse processo de espetacularização social, já anunciado por Debord (1999).

O ideal do espetáculo, agregado ao fato das mídias e TIC's estarem presentes no cotidiano da escola, indicam a relevância de

educarmos com, sobre e para os meios. Conforme Porto (1998, p. 28) [...] sabemos que os meios estão na escola, mas não apenas na forma de recursos auxiliares, mas, sobretudo na cultura dos alunos que dele se servem [...].

Nessa perspectiva entendemos ancorar a relevância da mídia-educação, mas afinal o que é mídia educação e quais suas possibilidades?

O conceito de mídia-educação é construído dentro de um processo histórico, onde muito se refletiu sobre conceitos anteriores até chegarmos a este. Em Fantin (2006), é possível termos uma retrospectiva histórica desse processo. Essa discussão, segundo Fantin (2006), inicia-se pelas diferenças morfológicas e sintáticas do latim e do inglês quando a tradução do termo, em inglês “Media education”. O inglês é sintético e o latim não. Dessa forma surge no português expressões como educação para os meios/as mídias.⁸

Nesse processo aparecem outros conceitos como educomunicação⁹ – que leva ao entendimento que a comunicação é mais importante que educação; comunicação educacional apresentado por Belloni (2001); educação para as mídias¹⁰; educação com e/ através dos meios, etc.

A diferença entre as perspectivas da Mídia-Educação e comunicação educacional, conforme Belloni (2001), é que enquanto o primeiro é dimensionado como “objeto de estudo” o segundo é dimensionado como “ferramenta pedagógica”.

Ao chegarmos ao conceito Mídia-Educação em Fantin (2006), entendemos a educação com e para os meios, superando as perspectivas unilaterais.

Considerar as diversas dimensões da mídia-educação numa perspectiva integrada pode apontar na superação das contradições entre uma concepção mais instrumental (educar com as mídias) e outra mais conteudística (educar sobre as mídias), que promovendo um uso crítico sobre

⁸ Ver mais em Fantin (2006), Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos.

⁹ Conceito muito utilizado na atualidade, principalmente por professores e pesquisadores do campo da comunicação. Segundo Miranda (2006) o termo *educomunicação* foi criado em 1987 por Mário Kaplun. No Brasil temos como um dos principais representantes da proposta o professor da Escola de Comunicação e Artes de São Paulo, Ismar de Oliveira Soares

¹⁰ Para saber mais ver Ferrez (1996).

as mensagens, favorece habilidades próprias de um indivíduo autônomo. (FANTIN, 2006, p.52)

Para Fantin (2006), a Mídia-Educação possui três perspectivas ou dimensões, a saber, instrumental, crítica e produtiva, ou ainda três contextos: metodológico, crítico e produtivo.

A dimensão metodológica/instrumental vincula-se a ideia de educação com os meios, uma estratégia didático-metodológica para utilizar as mídias como ferramenta, um recurso.

Por outro lado a dimensão crítica visa a educação sobre os meios, uma tentativa de compreender os signos, sentidos e significados, a ideologia das mensagens.

Por fim a dimensão produtiva relaciona-se com a educação através dos meios, a mídia é uma linguagem para veicular o conhecimento produzido.

Sendo assim, além do sujeito ser formado com os recursos tecnológicos das mídias, nessa perspectiva visa-se um sujeito que seja crítico e reflexivo, compreendendo como se dão os processos midiáticos; também deve ser capaz de formar cidadãos produtores de mídia, ainda mais se consideramos as possibilidades das TICs, em especial a internet (blogs, youtube, orkut, msn, twitter).

Formar um receptor sujeito implica na formação de cidadãos críticos reflexivos sobre a mídia e as informações nela veiculadas, no sentido de superar a dicotomia entre *apocalípticos e integrados*, denunciada por Eco (1993).

1.2.1. Uma breve retrospectiva histórica: da aproximação Mídia e Educação Física até Mídia-Educação (Física)

Os estudos de mídia na educação física, apesar de recentes, já configuram um importante campo de investigação da área, sendo possível identificar muitas contribuições para o seu desenvolvimento.

Como pioneiro nesse campo de conhecimento, durante a década de 90, na educação física temos o coletivo que ficou conhecido como “Grupo de Santa Maria”, fundadores do Laboratório de Comunicação, Movimento e Mídia da Educação Física (LCMMEF) na UFSM. O pioneirismo do grupo se estende à criação de um periódico na área, a “*Revista do Laboratório de Comunicação, Movimento e Mídia*”. O “Grupo de Santa Maria” também evidencia sua relevância por ser

responsável pela criação do Núcleo de Pesquisa Comunicação e Esporte¹¹ no INTERCOM¹² no ano de 1996.

O LCMMEF, criado em 1991, teve como principal representante o professor Sérgio Carvalho, e posteriormente a professora Marli Hatje. O grupo foi composto por estudantes e professores do Curso de Educação Física, Jornalismo e Publicidade e Propaganda da UFSM, assim como professores colaboradores.

Depois do “Grupo de Santa Maria” é importante destacar o trabalho desenvolvido pelo professor Mauro Betti, que no ano de 1998, sistematiza a sua tese de doutoramento, concluída no ano anterior e lança o livro “*A Janela de Vidro: Esporte, Televisão e Educação Física*”. Nessa obra, Betti estabelece uma reflexão sobre a relação esporte e mídia, em especial a televisão, e a influência que esta vem “gerando” para alterar de forma progressiva e rápida a percepção e a prática esportiva. Atenta ainda à lógica da espetacularização, em que a televisão tem a função de fragmentar e descontextualizar o fenômeno esportivo, configurando assim, o que Betti (1998) chamou de “uma realidade textual autônoma: o esporte telespetáculo”.

Após esta obra, Mauro Betti escreveu outros artigos e capítulos de livros sobre a temática, e ainda continua a pesquisar nesse campo do conhecimento, sendo um dos pesquisadores de maior relevância na área.

Outro importante estudioso da relação Educação-Física e Mídia é o professor Giovani De Lorenzi Pires, que, em 2002, também como resultado de sua tese de doutoramento lança o livro “Educação Física e o Discurso Midiático: Abordagem Crítico-Emancipatória”. Para o autor, o objetivo da obra é:

Identificar a gênese e a rede de influências do discurso midiático sobre o conjunto de saberes/fazeres relativos a atividades físicas e esportivas na atual conjuntura social e, em decorrência, apontar possibilidades de intervenção emancipatória da Educação Física [o que poderá] constituir-se em contribuição normativa para atuação esclarecida e esclarecedora dos profissionais dessa área no âmbito da cultura contemporânea (PIRES, 2002, p. 31).

¹¹ Em 2006, este núcleo foi dissolvido e a temática absorvida pelo NP de Comunicação Científica.

¹² Refere-se à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

Na aproximação da educação física com a mídia, convém destacar, o papel do Grupo de Trabalhos Temáticos (GTT) Educação Física, Comunicação e Mídia do CONBRACE/CBCE. Os GTT's, segundo Azevedo *et al.* (2008), surgem a partir da reformulação da organização científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) de 1997, realizado em Goiânia, com a intenção de fomentar a pesquisa nas diversas áreas da Educação Física, promovendo também abordagens interdisciplinares nessa entidade científica. Com o surgimento do GTT Educação Física, Comunicação e Mídia, cresce significativamente a quantidade e qualidade das pesquisas nesse campo do conhecimento.¹³

Dessa forma, podemos ver brevemente como se deu a aproximação da mídia com a educação física, e a partir disso surgem alguns desdobramentos que vem configurando no desenvolvimento desse campo de pesquisa e intervenção e por sua vez a sua inserção na escola.

O tema ganha relevância tendo em vista o caráter de centralidade do esporte na sociedade midiaticizada, principalmente pela sua veiculação como mercadoria cultural e espetacularizada, bem como por sua representação na sociedade capitalista o que o leva ser um dos principais conteúdos da educação física. Mais do que isso, a lógica que pauta essa sociedade tenta transformar outras práticas corporais em mercadoria e para tanto as esportivizam, ou seja, fazem com que essas práticas adquiram regras universais para poderem ser consumidas independentes da localização no globo. É como aponta Pires (2003, p. 21) "na lógica neoliberal, a própria cultura mundializada transforma-se em mercadoria padronizada e simbolicamente consumida através da mídia".

Porém, uma vez esportivizadas, tais práticas corporais se tornam espetáculo orientado ao alto rendimento, ou seja, acabam afastando os cidadãos comuns da prática cotidiana de uma atividade física, que passa a ser tele-espetáculo. Assim o sujeito ou, porque não, assujeitado "passou sucessivamente de praticante a espectador, deste a telespectador, e agora, a teleconsumidor" (PIRES, 2003 p. 22).

O paradoxo é que esta mesma sociedade midiaticizada acaba cobrando de seus membros cuidados para com a saúde, impondo

¹³ Para saber mais ver o trabalho de Victor Azevedo *et al.* (2008), "*Análise de Produção em Educação Física/Esporte e Mídia veiculadas nos congressos do CBCE e da INTERCOM*". Trabalho publicado nos anais do IV CBCESUL, realizado em setembro de 2008, em Faxinal do Céu, distrito de Pinhão - PR.

padrões de corpo masculino e feminino, e enfatizando a importância da prática de atividade física regular associada a outros fatores, como benéfica a saúde.

Entender porque o esporte espetáculo passa a ser esporte tele-espetáculo, conforme Betti (2001), e passa a ser um “novo modelo de consumo” (BETTI, 2003), em especial para os jovens, é um dos papéis da escola.

De acordo com Pires (2003, p.19), a mídia ganha importante espaço na "construção dos saberes/fazeres da cultura de movimento e esportiva" intervindo no campo da Educação Física escolar, tendo o esporte como forte aliado.

Nessa perspectiva, queremos destacar o trabalho que desenvolve o grupo “Observatório da Mídia Esportiva/UFSC, sobre a coordenação do professor Giovani De Lorenzi Pires.

1.2.2. O Observatório da mídia Esportiva/Labomídia: pesquisas que apontam possibilidades para a educação física escolar na formação do receptor sujeito

Tendo em vista a necessidade e os limites da Educação Física em tratar, compreender os discursos midiáticos, em especial, os discursos sobre a cultura corporal, no ano de 2003, é criado o Grupo de Estudos do Observatório da Mídia Esportiva/UFSC. Vinculado ao Núcleo de Estudos Pedagógicos de Educação Física (NEPEF). O Observatório, desde então, se faz presente na graduação e pós-graduação, desenvolvendo ensino, pesquisa e extensão, se consolidando como um dos mais importantes grupos de estudo da mídia esportiva no país. Tem como objetivos:

- Refletir sobre os conflitos e contradições que permeiam Cultura Midiática na sociedade contemporânea;
- Estabelecer um diálogo entre teorias do conhecimento, aspectos socioculturais e mídia;
- Promover estudos sobre a apropriação da mídia como interlocutora nos processos educacionais;
- Estimular o ensino, a pesquisa e a extensão, em perspectiva crítica, nas relações Educação Física e Mídia.

Para atingir esses objetivos, as formas de ação do Observatório consistem em pesquisas individuais; pesquisas coletivas; produção/discussão de vídeos e filmes; realização de seminários,

oficinas, palestras, mesas, encontros; investigação de campo; e participação em eventos científicos, congressos e seminários da área.

O grupo tem como principais bases teóricas: a) as contribuições das produções da Teoria Crítica da Sociedade da Escola de Frankfurt, principalmente a produção de Adorno e Horkheimer, com a teoria da Indústria Cultural e a teoria da *semi-cultura*; b) os Estudos Culturais latino-americanos de recepção tendo como grandes representantes Martín Jesus Barbero e Guillermo Orozco, e suas teorias das múltiplas mediações.

Outra grande influência nos estudos do grupo são os estudos de mídia-educação, onde são acolhidas as contribuições de Juan Ferres, Cesare Rivoltella, Mônica Fantin, Maria Luiza Belloni, e Maria Isabel Orofino, entre outros.

Dentre as pesquisas realizadas pelos integrantes do Observatório da Mídia Esportiva, queremos destacar alguns trabalhos desenvolvidos na Educação Física escolar. São pesquisas individuais referentes a dissertações de mestrado. Dentre estes estudos é possível identificar três diferentes formas de pesquisa, as pesquisas de observação (COSTA, 2006, e MUNARIN, 2007), os estudos de recepção (ANTUNES, 2007, e MEZZAROBA, 2008) e as pesquisas de intervenção/interlocução (OLIVEIRA, 2004, LISBOA, 2007, MENDES, 2008, e BIANCHI, 2009).

De forma sintética, é possível caracterizar as pesquisas de observação como aquelas que se preocupam em compreender como a mídia interage na produção de uma narrativa sobre determinada manifestação cultural, gerando uma mediatização dessa prática. Já os estudos de recepção ocupam-se de entender como os sujeitos recebem e interpretam os discursos mediatizados (na vida cotidiana). Por fim, as pesquisas de intervenção/interlocução tratam de desenvolver, relatar e analisar estratégias para que os sujeitos-receptores tornem-se críticos, reflexivos, ativos e interativos com a espetacularização midiática.

Referente às pesquisas de *observação*, citamos o trabalho de Costa (2006), denominado “*Moda/Indumentária em Culturas Juvenis: Símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens de ensino médio*”, e o trabalho intitulado “*Brincando na Escola: o imaginário midiático na cultura de movimento das crianças*” de Munarim (2007).

A pesquisa de Antonio Galdino da Costa, considerando as questões socioculturais e os diferentes grupos e culturas de alunos, objetivaram compreender a comunicação nas culturas juvenis por meio

de símbolos representados pelas indumentárias, fundamentando este trabalho, especialmente, na Hermenêutica de Profundidade de Thompson (1995). Dividindo os participantes em grupos focais Galdino teve a possibilidade de aprofundar as discussões e reflexões.

O estudo aponta a ideia de juvenilização da sociedade como fator do aumento do consumo, sendo, conforme Costa (2006), que a sociedade juvenil é produto da própria cultura de consumo.

O estudo de Costa (2006) contribui no sentido de mostrar a escola como um lugar de construção de identidades juvenis, bem como esclarecer como acontece esse processo. Conclui que este é um fator que indica que os alunos gostam da escola porém ela precisa se transformar para contemplar essa questão, principalmente em seu projeto político pedagógico e em sua estrutura.

Já o trabalho de Iracema Munarim objetivou refletir sobre a presença do imaginário midiático na cultura de movimento das crianças em vivências lúdicas no ambiente escolar. Para o desenvolvimento da pesquisa, Munarim (2007) se embasou nos conceitos do se movimentar (TREBLES; KUNZ 2004) - principalmente tendo em vista a redução dos espaços físicos para se movimentar nas cidades - e também nos trabalhos de Orozco (1996) - em especial a mediação institucional da escola - para fazer a reflexão sobre a relação entre as mídias e as crianças. A autora teve como local para o desenvolvimento do estudo duas escolas, uma escola pública da rede municipal de Florianópolis de e outra escola privada. A escola privada segue a pedagogia Waldorf, cuja característica segundo Munarim (2007) é desestimular a aproximação das crianças com as tecnologias.

Os programas mais assistidos pelos alunos das duas escolas eram os “Power Rangers”, entre os meninos, e as “Três Espiãs de Mais”, entre as meninas. Foi possível observar estes programas como motivo de aproximação das crianças durante as brincadeiras. Uma das conclusões da autora diz respeito à importância das escolas ainda possibilitarem momentos e espaços de liberdade para as crianças brincarem livremente. Conclui apontando a necessidade de que a escola atue como uma instituição mediadora sobre os conteúdos dos programas assistidos por seus alunos.

Nos estudos de *recepção* desenvolvidos pelo Observatório da Mídia Esportiva foi o destacamos o trabalho de Antunes (2007)¹⁴, que

¹⁴ O “PAÍS DO FUTEBOL” NA COPA DO MUNDO: estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo com jovens escolares. Dissertação de Mestrado, CDS/UFSC, 2007.

teve por objetivo “conhecer e analisar a recepção de jovens escolares ao discurso midiático-esportivo durante a Copa do Mundo de 2006”.

Como base teórica a autora utilizou a teoria social crítica principalmente o conceito de Indústria Cultural de Adorno e Horkheimer, 1985 e a Teoria das Múltiplas Mediações da corrente latino-americana de Estudos de Recepção.

Com o estudo foi possível identificar a importância da linguagem imagética para construção de uma relação de encantamento dos alunos com a tecnologia, o que seria uma [...] espécie de confirmação da adesão deles à lógica do mercado (ANTUNES, 2007, p. 85).

Segundo a autora foi possível identificar que os maiores mediadores simbólicos das mensagens midiáticas analisadas são as famílias e a escola, mas quem tem a maior influência na formação da opinião dos alunos são as informações veiculadas pela televisão e internet. De maneira que em suas considerações finais evidenciam a necessidade de que os alunos recebam outras formas de mediação das mensagens para que tenham uma visão mais crítica dos conteúdos veiculados pela mídia.

Outro estudo de recepção é a dissertação de Mezzaroba (2008)¹⁵ que teve como objetivo analisar como os jovens percebem, compreendem e analisam o agendamento midiático dos Jogos Pan-americanos Rio/2007 e as possíveis repercussões na Educação Física escolar. Para isso Mezzaroba (2008) fundamentou seus estudos na Corrente latino-americana da Sociologia da Comunicação, principalmente na dialética das múltiplas mediações do Mexicano Guillermo Orozco Gomes, quando este fala da mediação institucional da escola. Para análise dos dados utilizou a Técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977).

Cristiano Mezzaroba conclui o estudo apontando que nas escolas pesquisadas a Educação Física perdeu a oportunidade de tematizar criticamente o Pan do Rio/2007.

Entre os trabalhos de *intervenção/interlocução* temos a dissertação de Oliveira (2004)¹⁶. Esta pesquisa teve como objetivo “propor e refletir sobre a inserção de meios técnicos na produção de imagens no âmbito da Educação Física escolar, partindo do princípio que seus atores se percebem envolvidos no cenário da cultura

¹⁵ Dissertação de Mestrado intitulada “Os Jogos Pan-americanos Rio/2007 e o Agendamento Midiático-Esportivo: Um Estudo de recepção com escolares”.

¹⁶ O PRIMEIRO OLHAR: Experiência com Imagens na Educação Física Escolar. Dissertação de Mestrado, CDS/UFSC, 2004.

mediatizada”. Este trabalho apresenta a característica da pesquisa como princípio educativo, em que através de registros das produções (experiências na conversa - entrevista - experiências no olhar - fotografia e vídeo - e experiências no escrever - diário de campo), professor e alunos aprendem com a pesquisa.

Márcio Ribas de Oliveira embasado nos conceitos da Mídia-Educação desenvolveu produção de mídias com os alunos das escolas pesquisadas. Com a produção de vídeos foi possível aos alunos compreenderem todo o processo, desde a construção do roteiro, passando pela edição e suas possibilidades de manipulação de imagens, o que auxiliou numa compreensão crítica do discurso midiático na formação dos alunos.

A pesquisa de Lisboa (2007) buscou compreender como crianças que chegam à escola com a bagagem da “tele-vivência” esportiva, compreendem as relações fundantes esporte-mídia e quais as representações elas constroem através dessa mediação do esporte pela TV, e dessa forma tentar compreender se é possível a escola agir como instituição mediadora da cultura midiática através da problematização esporte-mídia nas aulas de Educação Física, tendo como foco principal a intervenção, auto-reflexiva, e como tema gerador para a realização da pesquisa foi a copa do mundo de futebol de 2006.

A possibilidade das crianças re-significarem o esporte da mídia em suas vivências lúdicas, é evidenciada pela autora nas conclusões do estudo.

A pesquisa ***“LUZ, CÂMERA E PESQUISA-AÇÃO: a inserção da Mídia-Educação na formação contínua de professores de Educação Física”*** de Mendes (2008), também se caracteriza como uma pesquisa de intervenção/interlocução. A partir de uma parceria entre o Labomídia/CDS/UFSC e Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis/SC (S.M.E), e embasado nos princípios da pesquisa-ação, foi proposto e desenvolvido um curso de formação contínua de professores de Educação Física para a Mídia-Educação, para que os professores se apropriassem dos elementos teórico-práticos necessários para trabalharem com mídia-educação nas escolas. Num segundo momento, foi realizado o acompanhamento dos trabalhos e professores participantes, segundo Mendes (2008), para averiguar como os conteúdos foram levados ao cotidiano escolar. A pergunta **“Quais os saberes produzidos, incorporados e expressos na prática pedagógica dos professores de Educação Física em relação à mídia, a partir de**

uma experiência inicial de formação contínua?” corresponde ao problema de pesquisa desse estudo.

Este estudo foi um importante marco para os professores participantes da formação continuada que deram continuidade no desenvolvimento de propostas de trabalho fundadas nas propostas da mídia-educação. Em que estes após passarem pela formação contínua e pelo acompanhamento das atividades criadas e desenvolvidas por eles, puderam questionar as atividades – seria apenas um discurso sobre a prática, e no final concluíram que esta perspectiva precisa ser trabalhada de maneira interdisciplinar na escola.

Por fim, vale destacar a dissertação de Paula Bianchi – **Formação Continuada em Mídia Educação (Física): Ações Colaborativas na Rede Municipal de Florianópolis/SC**. Nesta pesquisa, de acordo com Bianchi (2008), a proposta foi estabelecer uma interlocução de saberes e fazeres da cultura escolar, que proporcionasse um pensar, agir e refletir sobre como o lazer pode ser desenvolvido como conteúdo da Educação Física escolar de forma colaborativa na perspectiva das TICs. Fundamentada no viés da pesquisa como princípio educativo e da ação reflexiva do professor. Este trabalho tem como uma característica muito interessante a utilização das TICs para a divulgação dos trabalhos desenvolvidos; vale evidenciar a criação dos blogs das turmas participantes onde é possível acompanhar o andamento dos trabalhos e as discussões de cada turma.

Uma das conclusões apontadas no trabalho é a importância dessas atividades na qualificação da prática pedagógica, bem como o destaque por parte dos professores participantes do ineditismo da proposta e da vontade continuar trabalhando nessa perspectiva.

Com esse panorama sobre os trabalhos do Observatório da Mídia Esportiva da UFSC é possível observar a importância desses estudos e a sua contribuição na realização da tarefa teórica e prática da Educação Física. Esta tarefa, segundo Pires (2003, p.32), “deve ser a do esclarecimento, visando desvelar pela crítica e pela razão o conjunto de objetivos e interesses que configuram a mensagem midiática sobre o esporte”.

1.3. O Jornal na sala de aula como possibilidade de mídia-educação

Num contexto de “globalização econômica e mundialização da cultura”, utilizar o jornal em sala de aula como recurso pedagógico pode

ser de grande importância para a formação de alunos mais críticos, esclarecidos e ativos na realidade em que vivem, sem falar dos benefícios para o aprendizado da língua. Nessa perspectiva, supomos uma crescente “onda” de desenvolvimento de propostas de trabalho com jornal na escola, vislumbrando duas possibilidades: uso do jornal como recurso pedagógico na aprendizagem da língua e interpretação da realidade social; construção do jornal escolar.

Muitas destas propostas partem das Secretarias de Educação, iniciativas de alguns professores e até mesmo da própria imprensa.

Embora estas propostas pareçam recentes, as primeiras experiências de uso de jornal na escola, de acordo com Sobreiro (s/d), são atribuídas ao pedagogo francês Celestin Freinet (1896-1966) e ao médico e educador polonês Janusz Korczak (1878-1942).

Freinet e Korczak são contemporâneos, tendo como cenário a Europa do início do século XX. Conforme Sobreiro (s/d) ambos “apostaram no jornal impresso como aliado indispensável no processo educacional”. A insatisfação com o sistema formal de ensino, o qual considerava arcaico e limitador da liberdade, foi ponto de partida para colocarem em prática seus métodos de trabalho.

Percebiam que as crianças e os adolescentes tinham necessidade de expressar suas idéias, e quando o faziam apresentavam considerável melhora no rendimento escolar. A introdução do jornal impresso no âmbito das salas de aula foi a solução encontrada para dar vazão à criatividade dos alunos. E os resultados mostraram o acerto da decisão. (SOBREIRO, s/d, p. 3).

Freinet e Korczak, além de terem introduzido o jornal na escola, também tem em comum o fato de lutarem na primeira guerra mundial. O que os diferencia talvez seja o entendimento sobre a sociedade. De acordo com Elise Freinet (1979), Celestin entendia ser necessária uma educação de classe, defendendo uma educação voltada para a formação da classe proletária. Porém, apesar de sua admiração pelas idéias de Karl Marx, defendia uma educação de classe e não para a luta de classes. Já Korczak tinha como utopia educacional formar cidadãos para uma sociedade pacífica, sem distinção de classes, de acordo com Bulau (2009), Korczak entendia que só existiam duas classes, as crianças e os adultos. Entre elas reinava uma luta constante. Uma luta desigual, onde as crianças não tinham a menor chance.

Ambos sentiram na pele literalmente as atrocidades da guerra, Freinet exposto a gases tóxicos, teve problemas de insuficiência respiratória que o acompanharam pelo resto da vida e Korczak, já na segunda guerra é morto pelos Nazistas numa câmara de gás no campo de concentração em Treblinka, juntamente com mais de 200 crianças que ele cuidava e ensinava.

Podemos aferir que mais que precursor do jornal na escola, Freinet também foi precursor do uso das tecnologias de comunicação e informação (TIC) na sala de aula, tendo utilizado o rádio e o cinema em suas práticas pedagógicas. Podemos ver a sua sensibilidade, para o uso avanços tecnológicos em sala, na sua obra “*Por uma escola do povo*”.

Nós não devemos nos acomodar por mais tempo a uma escola centrada no verbalismo, nos manuais, nos manuscritos, no balbucio de suas lições, na caligrafia de seus modelos; estamos em um século marcado pela imprensa, pela imagem fixa e móvel, pelo disco, pelo rádio, pela máquina de escrever, pela fotografia, pela câmera, pelo telefone, pelo trem, pelo automóvel e pelo avião (Freinet 1973).

Feitas as considerações supracitadas, enfatizamos agora a forma como Freinet trabalhava utilizando esses recursos, especialmente o jornal.

Um dos princípios que norteavam a pedagogia de Freinet era a livre expressão. A *livre expressão* na perspectiva de Freinet referia-se a possibilidade dos educandos expressarem o que realmente estavam sentindo, seja pela fala, gesto ou texto. Para que ela realmente aconteça deve haver um ambiente acolhedor e de confiança. É justamente aqui que entra a importância de um espaço escolar que possibilite essas condições. Para Elise Freinet (1979) a livre expressão não é imaginação do cérebro praticamente privilegiado, mas a própria manifestação da vida.

Ancorado nesse princípio, Freinet adotou uma série de técnicas em sua prática pedagógica, como *o livro da vida, texto individual e coletivo, imprensa escolar (jornal e revista), aula passeio, troca de cartas, jornal mural entre outros*.

De acordo com Elise Freinet (1979, p.26), “foi preciso apenas um pouco de sorte para que uma impressora de provas saísse do ateliê de um modesto artesão para se tornar um instrumento pedagógico de primeira ordem”.

As aulas passeios eram o ponto de partida para a construção de textos que por sua vez podiam ser socializados para os demais colegas, pais e comunidade, uma vez que fossem impressos, sendo que os textos, para poderem ser impressos, deviam passar pelo aval da turma, uma correção coletiva. Freinet entendia que o "erro" deva ser trabalhado com as crianças para que percebam e façam os acertos.

O primeiro livro editado por Freinet, em janeiro de 1927, chamou-se *A imprensa na escola*. Em tal obra anuncia as vantagens de trabalhar com a produção de jornal na escola, entre elas cita: a aprendizagem natural, sem esforço, da leitura e da escrita das palavras; o sentido permanente da construção de frases corretas, a aprendizagem da ortografia pela globalização e análise de palavras e frases ao mesmo tempo, o sentido de responsabilidade pessoal e coletiva. *E o novo clima de uma comunidade fraternal e dinâmica, entre outras.*

Na obra *O Jornal escolar*, Freinet (1974, p.21) nos diz que:

Nas nossas classes, a criança conta primeiro e, mais tarde, escreve livremente aquilo que sente necessidade de exprimir, de exteriorizar, de comunicar aos que com ela convivem ou aos seus correspondentes. Não escreve uma coisa qualquer. A 'espontaneidade' que tem sido tão discutida não deve ser para nós uma fórmula pedagógica. A criança exprime-se inserida num contexto que nos cabe tornar o mais educativo possível, com objectivos que devemos englobar nas nossas técnicas de vida.

De acordo com Sobreiro (s/d), Freinet entendia que o texto livre seria um substituto para as tradicionais redações, onde um tema era imposto pelo professor para que o aluno dissertasse. Ainda conforme Sobreiro (s/d, p.8), para Freinet o verdadeiro jornal escolar deve ser inteiramente produzido pelas crianças, desde a confecção dos textos até o processo de montagem das páginas e a impressão¹⁷.

Nesse sentido é importante ressaltar que o pedagogo Francês dava aulas práticas para o uso do tipógrafo por seus alunos. Freinet também era bastante preocupado com os aspectos visuais do jornal,

¹⁷ Essa simples fala de Freinet nos leva a questionar se as propostas desenvolvidas atualmente remetem ao jornal na escola, ou, ao jornal da escola, onde podemos fazer a relação com a discussão de Bracht (2009).

como padronização do tamanho da letra, títulos, texto imagem, disposição na página entre outras¹⁸.

1.3.1. O Jornal na escola brasileira

Conforme Ijuim (2001), até a década de 70 no Brasil só tivemos algumas experiências isoladas que se aproximavam à proposta freinetiana, sendo que somente após a aprovação da lei 5692/71 (LDB) que foi dada a possibilidade de experimentar técnicas e métodos considerados inovadoras pra época, onde se destaca a influência da obra de McLuhan. Com base na LDB o estado de São Paulo já sugeria em suas diretrizes curriculares a produção de jornais em sala de aula.

Ijuim (2001, p. 2) aponta que as experiências até então tinham se limitado a língua portuguesa, porém a partir dos anos 80, seguindo as tendências européias e norte-americanas as empresas jornalísticas começam a adotar campanhas educativas propondo o uso de seus jornais em sala de aula. Tal fato, para Ijuim (2001), é positivo por desenvolver o hábito de leitura, acesso a uma grande diversificação e atualização de temas, e permitir maior fluxo de informações do mundo para o interior da sala de aula, além de levar às secretarias de educação de outros estados a incentivarem essas propostas.

Porém, essa iniciativa da imprensa brasileira pode estar associada à queda do número de leitores de jornal. Melo (2006), fundamentado em estatísticas da UNESCO¹⁹, aponta que entre 1960 e 1970 a imprensa brasileira teve uma queda de quase 500 mil exemplares na categoria de jornais diários, sendo que todos esperavam que nesta época, por estarmos vivendo o “milagre econômico” – com o aumento de poder aquisitivo da classe média e maior acesso a escolarização – aumentasse o público leitor de jornais.

Fatores como o crescimento da televisão e a censura governamental imposta no período pós-1964, podem responder pelo desinteresse da população pela imprensa escrita. Para Melo (2006, p.163), a censura [...] “acarretou mutações no comportamento noticioso dos jornais, reduzindo a motivação pela leitura”.

Suspeitamos que algumas propostas de trabalho com jornal na escola, em especial as que partem da iniciativa das empresas jornalísticas, se caracterizem pela busca de fidelização de leitores e não na formação de pessoas críticas e reflexivas. Apesar dessa suspeita é

¹⁸ Para saber mais consultar a obra *O jornal escolar*, de 1974.

¹⁹ UNESCO. World Communications. New York, Gower Press, 1975.

comum constar como objetivo nessas propostas a preocupação em formar leitores e principalmente cidadãos esclarecidos. Cabe agora trazeremos para reflexão o que tem sido dito sobre a importância do uso de jornais em sala de aula.

Faria (2001) e Melo (2006) apontam a existência de uma crise no ensino da língua portuguesa, pelo uso exclusivo de textos literários, que estão carregados de normas cultas e de erudição, o que pode desestimular a leitura como prática social criativa, especialmente por estes textos

[...] não serem textos qualquer, mas aqueles selecionados por uma elite como sendo o de “bons autores”, isto é, que apresentavam um conteúdo ideológico que lhes convinha e que eram considerados padrões estéticos, geralmente anacrônicos. Aqueles textos que ficaram conhecidos como clássicos das antologias escolares (FARIA, 2001, p.7).

Os fatores supracitados são reforçados pela própria estrutura de organização do espaço escolar que acaba reproduzindo integralmente a macroestrutura social.

Essa reprodução ocorre não apenas pelo conteúdo disseminado pelo discurso pedagógico (que introjeta a ideologia dos donos do poder, induzindo à apatia política e reforçando o conformismo social), mas também se faz pela própria organização da escola (que impõe relações hierárquicas de dominação e subordinação) (MELO, 2006, p.164)

Nesse sentido o uso de jornal na sala de aula passa a ser considerado de grande relevância, por dois fatores: a linguagem jornalística esta mais próxima do cotidiano, e os educandos podem ficar mais próximos dos fatos sociais. Para Nilson Lage, citado por Faria (2001), a linguagem jornalística visa alcançar um largo público fornecendo informações objetivas em escala industrial.

[...] o código lingüístico deve ser restrito, reduzindo-se o número de itens léxicos e de regras operacionais, não só para facilitar o trabalho de redação como para permitir o controle de qualidade. Ou seja, a linguagem jornalística oferece hoje uma espécie de “português

fundamental”, uma língua, não tão restrita que limite o crescimento lingüístico do aluno e nem tão ampla que torne difícil ou inacessível o texto escrito ao comum dos estudantes (FARIA 2001, p. 11-12).

Na tentativa de justificar a importância de trabalhar com jornal escolar, Faria (2003) apresenta este como mediador entre a escola e o mundo, se caracterizando como uma fonte primária de informação, que se for utilizada de forma crítica pode formar cidadãos e preparar leitores críticos, elevando a cultura – formação geral do estudante – e desenvolvendo sua capacidade intelectual. Faria (2003) também evidencia que os bons jornais oferecem a professores e alunos uma norma padrão escrita que serve de ponto de referência para a correção e produção de textos. Também se pode dizer que o jornal oferece um contato direto com o texto escrito autêntico (e não com textos preparados apenas para serem usados na escola), sem falar que este também é um registro histórico.

Julgamos que os aspectos apresentados como justificativa de uso do jornal na sala de aula são de grande importância também para os alunos compreenderem várias características da sociedade, o próprio discurso midiático, bem como o discurso midiático esportivo, o qual entendemos ser abordado de forma irrefletida e descontextualizada pela mídia jornalística.

1.3.2. Experiências com Jornal na Escola

No artigo *Alunos de sexta série produzem uma revista*, Lima (1997) relata uma experiência de uso de jornal, com alunos de sexta série, nos anos de 1995 e 1996, na Escola da Vila em São Paulo. Partindo da discussão de textos (matérias) de revistas e jornais, seguida da análise desses textos, alunos e professora elaboram revistas. No projeto, os alunos tiveram a oportunidade de se apropriarem de todo o processo de produção dos diferentes textos jornalísticos como: reportagens; entrevistas; resenhas; crônicas; sumário e edição. Ficaram de fora apenas quadrinhos, charges e textos publicitários.

A escolha de uma revista, ao invés de um jornal, se deu a partir da contextualização histórica do papel da revista. Lima (1997) apontou que historicamente as revistas possuem um caráter de divulgação de obras literárias e proposição de questões estéticas, em especial no século XIX, antecedendo o que se convencionou chamar de Modernismo.

Dessa maneira a professora optou pela produção de revista por sua origem literária, bem como o uso comum por diversos tipos leitores. Outro motivo de escolha da revista, segundo Lima (1997), é a atualidade e suporte de várias linguagens (escrita, fotográfica, diagramação, desenho, charge, etc.). A escolha pela revista também está ligada a seleção dos conteúdos a serem trabalhados no decorrer do ano, conteúdos lingüísticos, pontuação adequada, elementos de teoria literária, figuras de linguagem (funções e níveis), elementos da teoria da comunicação, como a pirâmide invertida da informação.

O processo para publicação das matérias é iniciado com a redação seguida da revisão individual e coletiva para ver se as matérias conseguem contemplar o assunto selecionado assim como se está respondendo aos requisitos do conteúdo estudado. A etapa seguinte é a ilustração e diagramação, passando por uma nova revisão para ver se a matéria está dentro do perfil editorial escolhido pelo grupo, a etapa de conclusão, após a paginação e a confecção da capa contracapa e índice, é montar as páginas e xerocar para a distribuição.

Lima (1997, p. 103) ressalta a importância de todos os alunos passarem por todas as fases de construção da revista, pois assim “[...] passam a conhecer toda a dinâmica e se sentem donos do processo de aprendizagem, incorporando os conteúdos que se quis passar de forma mais autônoma, significativa e duradoura”.

Trevisani *et al.* (1998) no texto *Jornal na Escola: da informação à opinião esclarecida*, apresentam os resultados de pesquisas e reflexões de um grupo interdisciplinar de professores da Universidade Estadual de Maringá (UEM), que participaram do projeto Hemeroteca Pedagógica²⁰.

Para Trevisani, *et al.* (1998, p.17) a intencionalidade do texto é “primeiro para organizar e destacar as principais discussões sobre o uso de jornal na educação escolar” e em segundo lugar “marcar a importância e as condições básicas necessárias para que esse recurso ajude a desenvolver no aluno o gosto pela leitura, possibilite perceber os diferentes pontos de vista e melhore sua compreensão da realidade social”.

²⁰ Projeto desenvolvido pelo Laboratório de apoio pedagógico (LAP) do departamento de teoria e prática da educação da UEM. Visando “suprir a falta de materiais didáticos atualizados e diversificados” e enriquecer o conteúdo curricular, assim como formar um grupo interdisciplinar de estudos, pesquisa e extensão e promover cursos de atualização. Em 1996, professores vinculados ao projeto do DTP passaram a planejar uma *textoteca*, organizando arquivos de revistas e jornais por áreas disciplinares (Língua Portuguesa; Matemática; Geografia; Ciências; História; Artes; Educação Física; Literatura; Educação; Psicologia; etc.).

O trabalho com jornal em sala de aula, além de facilitar a aprendizagem do conteúdo, é um facilitador da realidade, por ajudar no desenvolvimento do espírito crítico tanto em crianças quanto em adultos. Para Trevisani *et al.* (1998) “[...] contribui para que a informação e opiniões veiculadas se apresentem como um canal aberto entre a sala de aula e a dinâmica da realidade social levando ao pensamento e não à conformação, mas à crítica e participação”.

As autoras destacam também a acessibilidade da linguagem jornalística e a sua fácil compreensão como importantes aliadas na criação do hábito de leitura. Porém, acentuam a necessidade de se fazer uma leitura crítica dos jornais, pois esses representam interesse políticos e econômicos de grupos e concepções ideológicas; assim lembram Nelson Werneck Sodré quando este, na obra *História da imprensa no Brasil* (1994) diz que “o jornal é uma empresa capitalista[...] e que [...] a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento do capital”. Nessa lógica, Trevisani *et al.* (1998) apontam o professor tendo o papel preponderante de desenvolver a capacidade de seleção crítica da informação, sendo estes [...] “o elo entre informação e entendimento”.

Leitura crítica de notícias não pode ser entendida como tomada de posição ou julgamento moral, dada a complexidade das relações sociais. Segundo Trevisani *et al.* (1998, p. 22), “a medida que se tem clareza dos fundamentos da notícia, a versão apresentada por aqueles que fazem a imprensa perde importância e favor da análise reflexiva”. Sobre esse aspecto, segundo Ciro Marcondes Filho (1995, p.6) *apud* Trevisani *et al.* (1998, p. 22), “há três elementos que jogam do lado do receptor, impedindo que a manipulação surta efeito: a memória, a vivência e a visão do conjunto. As três supõem reserva de informação anterior. A informação é a principal arma contra a manipulação”.

Assim, concluem que

a partir da leitura informativa mediada pelo professor, é possível desenvolver no aluno a estrutura cognitiva plena de relações causais, temporais e espaciais tornando as suas operações mentais cada vez mais complexas e significativas, possibilitando-lhe compreender melhor sua vida pessoal, da comunidade em que vive e capacitando-o para apropriar-se da cultura cada vez mais universalizada. (Trevisani *et al.* 1988, p. 22 e 23).

Outra experiência de uso de jornal na sala de aula é a de Grigoletto (1999). Através do texto, *Jornal e a notícia nas aulas de português*, a autora apresenta um relato de experiência desenvolvida com alunos de 7ª série do ensino fundamental da escola estadual Prof. Wilfredo Pinheiro, na zona Leste de São Paulo.

Um dos objetivos do projeto foi fazer com que os alunos reconhecessem as marcas lingüísticas do gênero notícia, com a finalidade de contribuir na melhora da competência comunicativa. Outro objetivo foi possibilitar aos alunos contato com os diferentes gêneros de textos jornalísticos, o que segundo Grigoletto (1999, p. 93) permite aos educandos uma leitura crítica e conseqüente construção da consciência e cidadania.

A metodologia utilizada pela professora consistiu em cinco etapas

1ª) Levar o jornal para a sala e fazer com que os alunos identificassem/conhecessem a estrutura da notícia e do jornal (índice, lide, ano, edição, seções, cadernos, etc.)

2ª) Conceituar o gênero da notícia e sua estrutura (manchete, notícia, colunas, lide, etc)

3ª) Escolha de uma notícia para recorte e colagem em folha em branco, precedida de uma releitura com a retirada dos elementos da notícia. (o que aconteceu?; quem ou com quem?; quando se deu o fato?; onde ou em que lugar?; por quê?)

4ª) Observação dos aspectos visuais do jornal – especialmente as fotos. (discutindo os efeitos das imagens, e se estas correspondem ao fato narrado na notícia, bem como a disposição e formatação na página). Nessa etapa a professora sugeriu uma atividade de recortar a foto, colá-la numa folha em branco e construir uma nova notícia (sem reproduzir a história original da foto). Antes da construção de uma nova notícia os alunos deveriam responder se a fotografia selecionada por eles tem a intenção de chamar a atenção do leitor; se elas nem sempre acompanham a notícia – o que segundo Grigoletto (1999) pode ser intencional às vezes – assim como verificar as questões de espaço/dimensões e diagramação da foto. Grigoletto (1999) destaca que os alunos ficaram muito empolgados com a técnica e começaram a recriar notícias, principalmente sobre política, onde questionavam ações dos políticos, o que desenvolveu o espírito crítico.

5ª) A última etapa do trabalho foi a produção de uma notícia de tema livre, a partir do interesse dos alunos.

De acordo com Grigoletto (1999), usando essas ferramentas foi possível proporcionar a seus alunos o desenvolvimento da capacidade de

ler, selecionar, interpretar e criticar, habilidades que são fundamentais para formação do cidadão.

Jornal, Jogos e Brincadeiras é o título do texto de Regina Aparecida de Oliveira, publicado na seção experiência da Revista Comunicação e Educação n.23.

Trata de um relato de experiência onde a professora apresenta algumas técnicas utilizadas em sala de aula, entre elas, o uso de jornal para a alfabetização de crianças. Nesse sentido, cabe dizer que esta experiência ocorreu com uma turma de 1ª série do ensino fundamental em Araraquara-SP, realizada no ano de 1997.

Como material didático, a professora escolheu o jornal diário da cidade, *Tribuna da Imprensa*, utilizando as suas diferentes seções; nesse projeto também serviram como material didático as propagandas de supermercado e alguns jogos infantis.

Sobre trabalhar com jornal na alfabetização, Oliveira (2002) destaca o fascínio das crianças com o jornal, as letras, fotos coloridas e com certas notícias, principalmente as que traziam a realidade dos bairros onde vivem.

Sobre o objetivo da experiência descreve a professora:

[...] fornecer oportunidades para que as crianças conheçam verdadeiramente aquilo que as cerca. Isto é, levar a criança a perceber a relação entre ela e o mundo que a cerca a partir do processo de alfabetização. Proporcionar a troca de informação, apresentar a discussão de idéias. Preparar para a construção individual e coletiva de textos. Através da leitura e escritura, a criança aprende a identificar dentro e fora do contexto do jornal os vários suportes dos textos. Por fim pretendo desenvolver a observação, o senso crítico e a cidadania (OLIVEIRA 2002, p. 104 e 105).

As estratégias utilizadas para atingir esses objetivos são as mais variadas; a seguir destacamos algumas, principalmente as que utilizam o jornal como recurso.

Uma das estratégias é muito utilizada para a alfabetização, trata da identificação das letras do alfabeto. Aqui os alunos deveriam recortar as letras do jornal e colarem no caderno do alfabeto, com a intenção de familiarização com estas. Em seguida, deviam associar as palavras às letras do caderno alfabético. A próxima etapa consistia na leitura diária

de uma notícia do jornal, onde a professora apresentava algumas para que os alunos escolhessem qual deveria ser lida.

Num quarto momento acontecia discussão do conteúdo, onde os alunos deveriam reconhecer as letras e por seguinte as palavras. Nestas “discussões”, os alunos associavam as notícias ao seu cotidiano, pois como cita Oliveira (2002), “eles gostam das notícias da sua cidade e bairro (sempre tinham uma história para contar)”. Nessa atividade a professora teve determinar um aluno “locutor” – cada dia um aluno diferente – para que organizasse a ordem das falas, pois todos queriam falar ao mesmo tempo.

Após a leitura e discussão do texto estes deveriam chegar a um consenso e retirar uma palavra chave do texto, sendo que dessa forma ampliavam o vocabulário e conceitos.

Outro recurso advindo do jornal utilizado pela professora foi o uso das charges; estas foram utilizadas como ponto de partida para a construção de novos textos e desenhos.

Oliveira (2002) pontua que as notícias referentes a Copa do Mundo também renderam desdobramentos; os alunos escreviam o nome dos jogadores usando o alfabeto móvel e o caderno, e também produziam trabalhos sobre as vestimentas e costumes de alguns países. A professora destaca que as várias modalidades esportivas veiculadas no jornal eram identificadas pelas crianças.

A partir do jornal a professora também desenvolveu técnicas como: “as crianças vão as compras”, em que as crianças recortavam semanalmente a propaganda dos supermercados e colavam em uma tabela. Nesse processo, para Oliveira (1999), os alunos trabalham alguns conceitos da matemática, acompanham a alteração dos preços e também começaram a aprender o nome das frutas, verduras e outros produtos alimentícios. Ainda cabe destacar que do jornal também foram retiradas receitas culinárias, que foram copiadas para o caderno de receitas, e depois realizadas junto com os alunos. Nesse processo muitos alunos também trouxeram receitas culinárias de suas casas.

Segundo Oliveira (2002), é possível encontrar também constantemente obras de pintores, seja de artistas locais ou artistas famosos como Picasso e Van Gogh, sendo que as notícias sobre o assunto são diversas, como o roubo de obras, eventos, exposições. Através dessa notícias as crianças puderam conhecer os pintores. Nessa atividade a professora levou algumas reproduções de obras de autores famosos e as crianças as reproduziram em desenhos.

Cidadania e participação social: um estudo com crianças do Rio de Janeiro é o título do artigo de um grupo de pesquisadoras da UFRJ que realizaram uma oficina de produção de jornal, com 24 crianças entre 7 e 8 anos de idade, cuja temática do jornal era o bairro onde vivem.

O objetivo do trabalho, segundo Pérez *et al.* (2008), “é investigar os processos pelos quais as crianças se apropriam e transformam a cidade, podendo construir assim um sentimento de identificação e apreciação em relação ao lugar em que vivem”.

O objetivo é compreender de que modo a vida na cidade pode potencializar valores de participação e ação em conjunto.

A pesquisa foi realizada numa escola particular com alunos de classe média alta, na zona sul do Rio de Janeiro e teve duração de quatro meses. Os 11 encontros da oficina tinham duração de 45 minutos, e foram realizados entre abril e junho de 2005. As primeiras oficinas buscaram a integração entre alunos, professora e pesquisadoras. O passo seguinte foi uma saída de campo, onde as crianças passearam pelo bairro com o objetivo “de entrevistar moradores e freqüentadores e fotografar pessoas, objetos e lugares” (PÉREZ *et al.* 2008, p. 184). A próxima etapa foi a seleção do material que seria utilizado no jornal e produção de matérias, comentários e desenhos.

As pesquisadoras destacam as discussões e elaboração do jornal como uma oportunidade das crianças ouvirem a experiência do outro sobre o viver na cidade, assim como a troca de sentimentos e impressões. Concluem o estudo acentuando que a:

[...] “narrativização” favoreceu a criação de um sentido compartilhado sobre o espaço em que vivem. As crianças puderam reconhecer o bairro como um lugar delas, onde podem participar na sua construção, deslocando-se de uma posição mais assujeitada para uma posição mais ativa. Nesse momento, as crianças puderam se identificar de forma diferente com a cidade, na medida em que puderam descrevê-la por meio do jornal. O jornal significou a construção de uma narrativa singular sobre a cidade e seus habitantes do ponto de vista das crianças. Pelo jornal as crianças ‘inventaram’ a cidade do Rio de Janeiro, não de uma maneira alienada, mas comprometida com a experiência do outro desconhecido, e pautada pelo sentido coletivo desta invenção. [...] pelo jornal, elas puderam transmitir suas impressões, afetos e opiniões sobre o lugar em

que elas estão inseridas (PÉREZ *et al.*, 2008, p. 190).

Sarai Schimdt (2006), no artigo “*Em pauta: a aliança mídia e educação*”, defende a necessidade de aproximação entre a comunicação e educação e o papel do educador como mediador nesse processo e apresenta a experiência desenvolvida na cidade de Novo Hamburgo/RS. Nesse município o programa “NH na escola” está presente desde o ano de 1988 e surge da parceria entre Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo e o grupo editorial Sinos.

Schimdt (2006) destaca algumas peculiaridades do projeto, onde aponta que os temas das edições do suplemento são sugeridas pelas escolas participantes e enfatiza a idéia do repórter mirim, desenvolvida no projeto.

1.3.3. Outras propostas de uso de jornal na escola

No texto *As propostas de jornal na Educação e suas implicações com a formação da cidadania*, Teixeira (2005) faz uma verdadeira “arqueologia” sobre as propostas de uso de jornal na educação. Além de referenciar as obras de Maria Alice Faria - “O jornal na sala de aula”, da série *Repensando a Língua Portuguesa* – e as propostas vinculadas ao *Projeto Jornal na Educação* (PJE) da ANJ, apresenta algumas propostas encontradas em trabalhos monográficos destacando três concepções diferentes, são elas;

- a) IJUIM, Jorge Kamehide. **O jornal de classe como instrumento de integração disciplinar no ensino de 1º grau. Estudo de caso: Bauru.** Dissertação (Mestrado). São Paulo, 1989, 176 p. Faculdade de Comunicação Social “Cáspere Líbero”.
- b) ALVES, Januária Cristina. **O jornal infantil: expressão e participação.** Dissertação (Mestrado). São Paulo, 1993, 75 p. (+anexos). Faculdade de Comunicação Social “Cáspere Líbero”.
- c) SANTOS, Selma Aguiar. **A informação na educação escolar: o uso dos jornais na sala de aula – análise do projeto “NH” na escola.** Dissertação (Mestrado). São Paulo, 1994, 128 p. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

Segundo Teixeira (2005, p. 9), Ijuim (1989) “propõe a criação do ‘jornal de classe’, que funciona como um instrumento de integração disciplinar. Os recursos utilizados para a produção do jornal seguem a linha de Freinet, ou seja, a imprensa escolar, só que com a utilização do estêncil e do mimeógrafo”.

A pesquisa de Ijuim (1989) trata de um estudo de caso envolvendo alunos de 8ª série em três diferentes escolas de Bauru – SP. Na pesquisa o autor recuperou experiências realizadas nos anos 50 e 70. Quanto à fundamentação utilizada para a realização do trabalho segundo Teixeira (2005) o autor visou trabalhar com conceitos de aprendizagem, interdisciplinaridade e Linguagem Total. Porém o trabalho não apresentou um aprofundamento melhor elaborado sobre a inter-relação comunicação e educação, para Teixeira (2005), por não haver ainda uma disponibilidade significativa de obras no ano de realização da pesquisa. Outra observação desse autor sobre a obra de Ijuim é que esta não referencia especificamente a formação da cidadania, mas sim utiliza a perspectiva metodológica do jornal como espaço de dialogismo e integração.

Quanto à contribuição da obra para a educação, afirma Ijuim (1989, p.113 *apud* TEIXEIRA, 2005, p.10) “[...] que houve interesse dos alunos e, ao mesmo tempo, consciência de que o jornal é um meio útil de se estudar. Houve pesquisa, entrevista, busca de informações novas, enfim, tiveram muito mais do ‘extraclasse’ do que tinham antes”.

Outra proposta encontra-se na monografia de Cristina Alves (1993). Em seu estudo Alves, “insere a produção do jornal infantil como instrumento de expressão e participação, propondo-se a verificar se este tipo de atividade contribui enquanto instrumento de desconfinamento cultural”. (TEIXEIRA, 2005, p. 10). No estudo, Alves também faz um levantamento sobre os suplementos infantis editados no Brasil até o ano de 1993.

Conforme Teixeira (2005), a fundamentação do trabalho de Alves traz “alguns conceitos sobre produção e funções da linguagem, infância e cultura”, sendo que a orientação metodológica do estudo está na perspectiva da leitura crítica dos meios.

Para Teixeira (2005, p. 11), o estudo de Alves (1993) estimula “a criação do jornal infantil, a partir da leitura de suplementos produzidos pelos MCM²¹, o projeto, trabalhado com dois grupos (de classes sociais

²¹ Meios de Comunicação de Massa.

distintas) de crianças, procura incentivar a redação de notícias buscando estabelecer uma relação expressiva com o assunto abordado”.

Nas considerações finais do estudo a autora acentua que:

Há um contexto e determinadas condições para que o jornal infantil seja, efetivamente, um instrumento de expressão e participação. [...] Desta forma percebemos que, tanto nos textos produzidos para as crianças como nos que elas mesmas escrevem, há restrições à expressão e à participação. O que nos faz concluir com Freinét, que o processo de produção é tão importante quanto o produto final (ALVES, 1993, p.52 *apud* TEIXEIRA, 2005, p 11).

Por fim, a terceira proposta encontrada em trabalhos monográficos é a proposta desenvolvida por Selma Aguiar dos Santos. O que diferencia a proposta de Santos (1994) das duas anteriores, de acordo com Teixeira (2005, p.11), é que esta “[...] aborda os diversos usos do jornal impresso em educação, conferindo ênfase para o projeto NH na escola – uma iniciativa criada a partir do projeto Educação e Mudança: do *Aipim* ao computador”, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo (RS).

Santos (1994) têm participação direta na implantação e acompanhamento do projeto NH na escola, um encarte pedagógico que circula semanalmente, durante o ano letivo no jornal NH.

Inicialmente, com o intuito de saber as opiniões do envolvidos no projeto NH na escola, Santos (1994) realizou entrevistas com coordenadores, professores e alunos. Num momento seguinte a autora trabalhou com dinâmicas de grupo para indução de aprendizagem experimental, contemplando atividades e avaliações para percepção sobre efetivação ou não da aprendizagem; os professores envolvidos utilizavam diferentes propostas de uso de jornal em sala de aula a partir de fichas guias.

O objetivo do trabalho de Santos (1994), segundo Teixeira (2005) foi de “estimular a reflexão e o debate na escola a partir da convivência com o jornal entendendo este como um dos recursos da comunicação social capaz de favorecer a libertação do homem latino-americano na medida em que este se compromete com o desenvolvimento da cidadania.”

Porém, de acordo com Teixeira (2005, p. 12), a conclusão do trabalho de Santos (1994) é que os projetos com uso de jornais na educação

[...] têm se preocupado em usá-los como um instrumento didático que desenvolve a consciência para a cidadania, pois o cidadão que se preocupa com os assuntos que estão acontecendo no mundo, que está informado vai tornando-se um cidadão consciente. Todavia, a leitura crítica nos projetos analisados é pouco praticada.

Apresentamos até então uma breve revisão da literatura sobre propostas de uso de jornal em sala de aula. Nessa revisão destacamos a ausência de estudos na educação física, aumentando, assim, a relevância desse estudo.

Damos continuidade apresentando o projeto AN Escola, o foco de nossa pesquisa.

1.4. O Programa AN Escola como intenção de Mídia- educação: um pouco da história

O programa AN Escola vem sendo desenvolvido desde 1998, portanto com mais de 10 anos de existência. Tal projeto, juntamente com outros 63 jornais espalhados em 19 estados do país, faz parte do *Programa de Jornal e Educação* (PJE) vinculado a *Associação Nacional de Jornal* (ANJ) e *Associação Mundial de Jornal* (WAN), tendo como objetivo o desenvolvimento da leitura, a formação de leitores críticos, a construção da cidadania e participação social.

Segundo a ANJ, os programas de leitura²² que levam jornais a salas de aula vêm tendo grande incremento no país.

²² O Jornal Zero Hora (Grupo RBS), já nos anos 80 desenvolveu propostas de uso de jornal em sala de aula. inclusive com cadernos de sugestões de atividades para as diversas disciplinas, entre elas a educação física. Na 1ª edição desse caderno, as disciplinas contempladas foram Educação Física e Educação Artística. O encarte é uma edição especial do programa ZH na sala de aula. No encarte são sugeridas 7 atividades para serem desenvolvidas pela disciplina de Educação Física. Como ponto de partida para utilização das atividades sugere a leitura do caderno de esportes de ZH. Os temas sugeridos vão desde o papel do esporte em nossa sociedade, passando pelos hobbies e atividades de lazer, as torcidas organizadas, tensão e relaxamento muscular, artes marciais para defesa pessoal, até mesmo ética no esporte e o tema do sucesso e do fracasso.

Para saber mais consultar o caderno de sugestões ZH na sala de aula 1ª. edição Junho de 1993).

Do pioneiro ZH na sala de aula, em 1980, chega-se a mais de 60 programas mantidos pela iniciativa própria dos jornais, ou das parcerias com governos municipais e estaduais. De acordo com o levantamento Nacional de 2007, realizado pela ANJ, naquele ano participam do programa 7.289.694 alunos e 216.977 professores espalhados em 33.183 escolas brasileiras em 5.564 municípios do país.

São parceiros da proposta da ANJ, o “Projeto Todos Pela Educação”; UNESCO; UNICAMP; NORSKE SKOG; e GRUPO GERDAU.

Nosso interesse em estudar o AN Escola se dá por ser o projeto de maior abrangência no Estado de Santa Catarina, envolvendo quase um milhão de alunos. Atualmente, de acordo com a matéria de Rodrigo Stupp, veiculada na edição especial dos 10 anos do programa AN Escola, de 12 de outubro de 2008, o programa é dividido em dois suplementos o “Rede Municipal”, e o “Rede Estadual”. Participam da proposta, pela Rede Estadual 36 gerências de ensino, abrangendo 1.312 escolas, 30.140 professores e 850.000 alunos. Já o suplemento da Rede Municipal abrange 16 cidades, tendo a participação de 7.708 professores e 149.548 alunos, sendo que a média mensal de trabalhos enviados ao AN Rede estadual é de 2.500 trabalhos.

As produções do AN Escola inicialmente eram veiculadas em dois encartes, o AN Escola e o AN Escola Aberta. Atualmente o AN Escola foi dividido em dois, um encarte chamado de AN Escola Rede Municipal e outro chamado AN Escola Rede Estadual. O antigo Escola Aberta foi substituído pelo caderno dedicado aos professores da Rede Estadual, o AN Professor, suplemento que circulava em anexo com a edição da Rede Estadual. Quanto a veiculação dos encartes atualmente temos o AN Escola Rede Estadual com cinco edições anuais, e o Rede Municipal, com nove edições anuais. Com exceção do Rede Estadual, em que os temas são livres, as edições da Rede Municipal são todas temáticas e apresentadas no início do ano, para que todos os participantes possam planejar e se prepararem para a produção de matérias para cada edição.

Porém, vale dizer que nem sempre o projeto foi assim; ele começou “engatinhando”. Assim apresentamos agora, embasados na edição especial sobre os 10 anos do Programa, um pouco sobre sua história.

De acordo com Stupp (2008), o marco inicial do projeto se deu no ano de 1998, a partir da constatação de que no Estado de Santa Catarina propostas de uso de jornal em sala de aula ainda eram inéditas e que em outros Estados estas já aconteciam. Em Joinville, cidade sede do jornal *A Notícia*, a ideia surge a partir de uma parceria com a Prefeitura Municipal. Segundo Armando Tomazzi, diretor de circulação na época, essa era uma *“idéia de cidadania, de fazer o aluno ter contato com sua realidade dentro da sala de aula. Havia muita referência digital, mas a internet falava de assuntos de longe”*.

O passo seguinte foi a parceria com o Bom Jesus/IELUSC (Instituto Superior e Centro Educacional Luterano de Joinville), em que foi desenvolvido um programa pedagógico com os alunos da escola Bom Jesus. Parceria que rendeu seminários e reuniões que foram *“amadurecendo”* a proposta. Lúcia Hardt, atualmente professora da UFSC, é uma das *“madrinhas”* da idéia e a primeira pedagoga da equipe, permanecendo no projeto por cinco anos. Conforme Stupp (2008), Lúcia Hardt já havia trabalhado numa proposta parecida no Rio Grande do Sul e destaca que a ideia era *“usar o jornal como recurso didático de aprendizagem”*.

Nos três primeiros anos do projeto não existia um encarte com edições mensais, o trabalho desenvolvido pela equipe do AN Escola, nesse período consistia em formar apostilas para os professores. Segundo Lúcia Hardt uma das funções da equipe era *“tirar notícias do jornal e dar dicas de como usar em aula”*.

Logo, municípios vizinhos como São Bento do Sul e Jaraguá do Sul começaram a participar do Programa e nessa relação começam a surgir novas pautas para integrarem as apostilas. Stupp (2008) aponta que para Hardt, o primeiro grande desafio do projeto era *“provar para os professores que o programa não era uma forma de propaganda”* para as escolas.

O ano de 2001, aos olhos do *A Notícia*, passa a ser visto como um marco no programa, pois nesse ano as apostilas são substituídas pelo caderno AN Escola e os alunos tiveram a possibilidade de divulgar os trabalhos que vinham sendo desenvolvidos em sala. Fato que segundo Olivete Tanner, ex-coordenadora do programa, *“era um pedido constante das escolas”*. Pelo olhar administrativo do diretor de circulação Armando Tomazzi, esse fato deu maior dimensão ao programa, pois ao dar *“espaço aos alunos”* houve maior *“mobilização dos professores e diretores”*.

Sílvio Melatti foi o primeiro editor do caderno e destaca que a primeira edição foi feita “no improviso” e que já a partir da segunda edição começaram a chegar grande número de trabalhos, sendo que a regra inicial era eleger um tema para a próxima edição. Destacamos que essas edições iniciais do caderno possuíam apenas 12 páginas.

A partir do ano de 2005, Stupp (2008) aponta como grande avanço do programa o fato dos professores das escolas participantes, em todo o Estado, recebem cursos de capacitação. Para isso os pedagogos do programa viajaram por toda Santa Catarina. As 32 gerências de educação (gerei) receberam 4 visitas durante o ano, sendo que em cada gerei 2 escolas foram selecionadas para a capacitação.

No Ano de 2006, conforme Stupp (2008), o programa recebeu reconhecimento nacional, e foi implementado um método de avaliação utilizando questionários, o que possibilitou perceber cada região de forma individual. Conforme Neusa Marques de Oliveira, ex-coordenadora pedagógica do Programa AN Escola, através do questionário “nós identificamos onde e como era preciso evoluir com o uso do jornal na escola”.

Para Stupp (2008), o modelo de avaliação adotado no programa foi tão preciso que foi adotado pela ANJ e em 2007 passou a ser apresentado em cidades como Porto Alegre, Fortaleza e São Paulo. O reconhecimento do programa passou para um nível internacional passando a integrar a WAN.

O ano 2006 foi marcado por outra mudança, de acordo com a edição especial de outubro de 2008 do AN Escola,

o jornal que no começo ficava preso à escola, começou também a ir para casa dos alunos. No dia seguinte os alunos faziam a lição: escreviam ou contavam aos colegas como foi o contato dos pais com o jornal. Os assuntos que mais liam, a conversa com eles sobre o que estava escrito. E, como era de se esperar, aumentou a procura pelo jornal. (STUPP, 2008)

Conforme as informações do caderno especial de 10 anos do programa, em outubro de 2006, o grupo RBS passou a gerir o jornal A Notícia, “decidindo dar continuidade e incentivando a expansão do programa”. A primeira mudança foi a divisão do programa em dois suplementos: O AN Escola Rede Municipal e o AN Escola Rede Estadual; o antigo “Escola Aberta”, passa a ser um espaço para as produções dos professores da rede estadual. Segundo as informações

atualmente a totalidade das produções (3 cadernos) atingem 48 páginas, 12 do “Escola Aberta”, 12 do “Rede Estadual” e 24 do “Rede Municipal”, todas coloridas, um grande avanço quando consideramos que inicialmente eram apenas 12 páginas e muitas dessas em preto e branco. Porém o encarte de 12 páginas “Escola Aberta” foi incorporado na seção papo de gente grande, veiculada nos encartes da Rede Estadual e Municipal, dessa forma o total de página dos encartes é 36 e não 48 como informado na edição especial de 10 anos.

Para Stupp (2008) “as mudanças foram aprovadas pelos leitores; segundo o índice de satisfação (ISA), o suplemento foi escolhido como o favorito dos leitores de *A Notícia*”.

A grande mudança no ano de 2008 foi a publicação dos temas de todas as edições já no início do ano. O que, conforme Stupp (2008), “possibilita um melhor planejamento para o uso do jornal em todas as disciplinas”.

Para o gerente de circulação de *A Notícia* Michel Bitencourt (STUPP, 2008), o 10º aniversário do programa pode ser visto como “o divisor de água para um novo ciclo”. Bittencourt revela que as ações do programa visam realizar um evento com pelo menos um grande nome da educação do país.

Após apresentarmos aspectos referentes ao estado atual da arte, dando continuidade ao trabalho apresentamos nossos procedimentos e fundamentos metodológicos de trabalho.

CAPÍTULO II - CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nossa análise do programa “AN Escola” diz respeito às matérias (foto, texto, desenho e outras imagens) que veiculam temas relacionados à cultura corporal notadamente o esporte. Para tanto, optamos por fazer um recorte entre as edições de 2004 até 2008, período em que foram realizadas duas edições dos Jogos Olímpicos (Atenas/2004 e Pequim/2008), os Jogos Panamericanos (Rio/2007) e uma Copa do Mundo de Futebol (Alemanha/2006).

Assim, objetivamos analisar se, e como, os elementos da cultura corporal se fazem presente nas edições do jornal e por sua vez compreender se, a partir dessa presença, é possível constatar interesses na formação de receptores sujeitos principalmente em relação ao discurso midiático esportivo.

Quanto à natureza desse estudo, podemos caracterizá-lo como uma pesquisa observacional-descritiva, de base documental, que estabelece um tratamento dos dados de forma qualitativa. Para Santos Filho (1995), a pesquisa qualitativa, diferentemente das pesquisas quantitativas, “rejeita a possibilidade de descoberta de leis sociais”. Taylor e Bogdan (1984, *apud* SANTOS FILHO, 1995, p. 44) entendem ser a ênfase da pesquisa qualitativa a compreensão e interpretação do fenômeno social, com base nas suas vidas, ou seja, “o pesquisador precisa compreender o significado que os outros dão às suas próprias ações”.

Considerando que na pesquisa qualitativa o pesquisador opta pelo método indutivo, partindo dos dados para a teoria, nosso ponto de partida foi a aproximação com o campo empírico, procedida pela coleta de dados no encarte “AN Escola”. Neste sentido, visitamos a sede do Jornal A Notícia, em Joinville, para um contato com a coordenação pedagógica e equipe técnica do programa. Momento em que tivemos acesso a muitos dados referentes ao programa, conhecendo um pouco sobre sua história, organização e dinâmica de funcionamento; tivemos formalmente garantia de acesso à consulta nos arquivos e acervos do programa, sempre que necessária para o desenvolvimento do estudo, bem como contato com os responsáveis pelo desenvolvimento do programa, para dirimir dúvidas e/ou complementar informações.

Na sequência retomamos o contato com o jornal quando recebemos parte do acervo solicitado, conforme o recorte temporal estipulado (2004-2008). Destacamos o fato das matérias serem disponibilizadas e organizadas em arquivos digitais como de suma

importância, o que nos facilitou o manejo dos dados para quando procedemos as análises.

Posteriormente desenvolvemos um processo investigativo no sentido de uma análise geral das matérias com objetivo de selecionar os dados do estudo.

Com os dados coletados e selecionados, demos continuidade ao trabalho identificando as diferentes temáticas presentes nessas matérias. Realizamos uma categorizando e classificando com intuito de delimitação do *corpus*. Com o *corpus* selecionado, no passo seguinte demos continuidade a construção teórica com o objeto de estudo visando caracterizar o estado atual da arte, no que se refere as práticas pedagógicas com jornal. Também identificamos e apresentamos diferentes concepções de esporte na sociedade contemporânea, como este vem sendo abordado como conteúdo da Educação Física e a sua relação com a mídia.

A seguir, explicitamos os fundamentos e procedimentos metodológicos desenvolvidos e que orientaram os passos seguintes da investigação.

Após a escolha do tema, apresentando a relevância do estudo e formulação do problema, realizamos uma primeira aproximação com o campo, como relatamos acima. No passo seguinte realizamos uma leitura preliminar (análise geral) do encarte, com enfoque no seu projeto gráfico, visando descrevê-lo e caracterizá-lo ao longo do período, que incluiu verificar:

- a) Se houve variação no formato, enfoque ou editoração em geral ao longo das edições;
- b) Se há a presença de textos opinativos (editoriais, colunas);
- c) Se existe um expediente específico, com equipe editorial própria
- d) Se há participação de colaboradores a equipe editorial na elaboração do conteúdo.
- e) Se os temas são apresentados em editorias, identificadas ou não.

Para proceder as análises consideramos duas perspectivas: a *forma* e o *conteúdo*. A forma do jornal compreende os aspectos gráficos, a distribuição dos elementos na página, relações de texto com foto, texto com ilustrações, espaço destinado a cada seção, editorias, editoriais, etc. Na perspectiva do conteúdo, inicialmente selecionamos algumas matérias que pautam os conhecimentos da cultura corporal e que

permitiram identificar a linha editorial do suplemento. Estas puderam até mesmo ser rastreadas em títulos e legendas.

Reconhecer a linha editorial do suplemento ajudou a identificar possíveis inclinações ideológicas, ou seja, a presença subjacente de traços ideológicos e em que bases epistemológicas e políticas fundamentam-se essa ideologia.

Também verificamos se as matérias veiculadas no suplemento possuem fundamentação em especialistas, ou seja, se há a presença de especialistas em educação envolvidos no processo de produção das matérias.

A interpretação do material coletado se deu através da aplicação de procedimentos e técnicas de análise de conteúdo, com o auxílio de elementos metodológicos que permitiram uma análise discursiva crítica.

Análise de conteúdo é um método que se emprega para o estudo das motivações, atitudes, valores, crenças e tendências, “[...] para desvendar da ideologia que pode existir nos dispositivos legais, princípios, diretrizes etc, que, a simples vista, não se apresenta com a devida clareza” (TRIVIÑOS, 1987, p.160).

Para Bardin (1979, p, 42), análise de conteúdo

é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimento e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não que permitam a inferência de conhecimento relativo às condições de produção/recepção das mensagens.

No que tange a análise discursiva crítica, procedemos uma aproximação à perspectiva da teoria social do discurso apresentada por Fairclough na obra “Discurso e mudança social” (2001). Em tal perspectiva, o discurso é entendido como uma prática individual e ao mesmo tempo uma prática social.

O termo discurso para Fairclough (2001, p.90) remete ao uso da linguagem como forma de prática social e não só como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Esse autor entende que há uma relação dialética entre discurso e prática social, ele entende a estrutura social como efeito do discurso, ao mesmo tempo em que o discurso é moldado e restringido pela estrutura social, seja no plano da classe social educação, direito etc.

Assim segundo Fairclough (2001) podemos dizer que o discurso contribui em três dimensões:

- a) Construção das “identidades sociais” e posições de sujeitos para os sujeitos sociais e os tipos de eu.
- b) Construção das relações sociais entre as pessoas.
- c) Construção de sistemas de conhecimentos e crenças.

A análise de conteúdo dos dados coletados se deu em dois momentos que chamamos *Análise de conteúdo I* e *Análise de conteúdo II*.

Na *Análise de conteúdo I*, procedemos a categorização e distribuição das matérias. O passo inicial foi a identificação do número de encartes em que encontramos matérias relacionadas a cultura corporal. Além do número de encartes utilizados, verificamos também em quais meses ao longo dos anos os encartes veicularam essas matérias.

No momento seguinte identificamos o número de matérias distribuídas ao longo dos cinco anos de nosso recorte temporal. O que possibilitou identificar maior número de matérias, sobre cultura corporal, veiculadas nos anos de 2004, 2005 e 2008 principalmente.

Tendo obtido os números relativos e absolutos referentes as matérias ao longo dos cinco anos, passamos à categorização das matérias. Nesse processo constatamos a categoria *Esporte* como a de maior presença absoluta entre todas as categorias ao longo dos anos 2004 a 2008.

Esses números nos levaram a centrarmos nossas análises sobre as matérias de esporte, porém tendo como elemento delimitador as matérias de esporte relacionadas a grandes eventos esportivos. A partir desse recorte distribuímos novamente as matérias ao longo dos anos 2004 a 2008. A distribuição deixou em evidência o grande número de matérias nos anos de 2004 e 2008, anos que coincidem com a realização dos Jogos Olímpicos de Atenas e Beijing, respectivamente.

Com a obtenção desses dados passamos ao que denominamos *Análise de conteúdo II*, em que buscamos identificar as concepções de esporte presentes nas matérias relacionadas a grandes eventos esportivos, em diálogo com o quadro teórico elaborado. As categorias identificadas foram: Espetáculo/rendimento; Personagens; Nacionalismo; Saúde; Inclusão social/cidadania; e Socialização.

Convém ressaltar os limites de nossas análises, no que se refere à Análise de Conteúdo (AC) e Análise Crítica Discursiva (ACD). Referente à AC das matérias produzidas pelos alunos só foi possível analisarmos o produto final, ou seja, as matérias que foram veiculadas

no suplemento AN Escola. Não sendo possível obter mais dados sobre o processo de produção das matérias e até mesmo de filtragem e seleção do material que posteriormente fora publicado no encarte.

Para utilizarmos concretamente as contribuições da ACD, entendemos que deveríamos ter observado desde o processo de construção até a veiculação do produto final. Ou seja, seria necessário acompanhar como o programa AN Escola chega às escolas, como os professores propõem a produção de matérias em sala de aula, como os professores conduzem o processo de mediação de ensino-aprendizagem, além do processo de seleção das matérias inicialmente pelos professores e posteriormente por gerências de ensino e redação do encarte.

Dessa forma nossas análises se centram no produto final, as matérias veiculadas no suplemento, não sendo possível levar em conta os problemas de construção de coerência e coesão dos textos de alunos. Sabemos da existência de outras possibilidades de análise como a Análise de discurso e a Semiótica, porém essas não puderam atravessar o nosso olhar.

CAPÍTULO III – DESCREVENDO E ANALISANDO O ENCARTE: FORMA E CONTEÚDO COMO MATRIZ ANALÍTICA.

Como anunciado no capítulo anterior, procedemos à análise dos dados em duas dimensões, a dimensão da forma e a dimensão do conteúdo. Começamos pela análise da forma do encarte, tendo como estratégia inicial para entender essa dimensão a descrição da “estrutura” do suplemento. Num momento posterior atentamos à análise do conteúdo das matérias.

3.1 Descrição da forma dos encartes

Nesse momento, para uma maior compreensão de nosso objeto de estudo, procedemos de uma descrição da forma dos encartes. Em tal descrição temos como objetivo compreender o projeto gráfico do encarte, e suas possíveis alterações ao longo dos anos, de forma mais específica conforme nosso recorte temporal 2004-2008. Para tanto tivemos como diretriz para essa tarefa os seguintes pontos, conforme já nos referimos:

- a) Se houve variação no formato, enfoque ou editoração em geral ao longo das edições;
- b) Se há a presença de textos opinativos (editoriais e colunas);
- c) Se existe um expediente específico; com equipe editorial própria
- d) Se há participação de colaboradores a equipe editorial na elaboração do conteúdo.
- e) Se os temas são apresentados em editorias, identificadas ou não.

Tendo como diretriz o nosso recorte temporal 2004-2008 agora buscamos dar conta de responder os pontos supracitados, primeiramente foi feita um descrição geral sobre o encarte ao longo dos anos.

Como já falado no capítulo I o programa começa a ganhar vida, ou seja, se materializa em forma de um encarte, com edições mensais, a partir do ano de 2001. Os dois encartes iniciais, AN Escola e AN Escola Aberta, atualmente possuem outros nomes. O primeiro que possuía, em sua gênese, apenas 12 páginas, se dividiu em AN Rede Estadual – atualmente com 12 páginas – e o AN Rede Municipal que conta com 24 páginas a partir do ano de 2008. O Antigo “Escola Aberta” passou a ser

chamado AN Professor, circulando em anexo nas edições do AN Rede Estadual, e atualmente foi incorporado nos dois suplementos, Rede Estadual e Rede Municipal, na seção *Papo de gente grande*. Como o próprio nome diz cada encarte é encarregado de veicular “trabalhos” de uma determinada Rede de ensino, escolas da Rede Estadual e das Redes Municipais.

Nos primeiros anos do encarte, estes continham apenas 12 páginas, sendo a maioria em preto e branco. Atualmente somando os três encartes, passados oito anos, o número de páginas triplicou, são 36 páginas e todas coloridas.

Esse salto no número de páginas não ocorreu tão rapidamente, houve um momento de transição, as edições de 2004 e 2005 continham apenas 20 páginas, quatro a menos que as 24 atuais.

Pelo fato do AN professor ser veiculado em anexo no AN Rede estadual, e posteriormente ser incorporado pelos dois encartes, na seção “*papo de gente grande*” optamos por não fazer referências diretas ao AN professor.

Os dois encartes AN Rede Municipal e AN Rede Estadual possuem algumas diferenças, entre elas cabe destacar quanto ao número de encartes ao longo do ano. Enquanto o AN Rede Municipal possui nove edições, o AN Rede Estadual é veiculado apenas cinco vezes no decorrer do ano.

As edições até 2007 do AN Rede Municipal eram publicadas nos meses de fevereiro, março, abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro e novembro. A partir de 2008 há uma alteração nessas datas, março, abril, maio, junho, julho, setembro, outubro, novembro e dezembro passam a ser os meses regulares de publicação.

O AN Rede Estadual, por sua vez, não possui data fixa, sendo que os meses de publicação de suas cinco edições anuais variam de um ano para outro.

A primeira edição do ano, ao longo do período, variou entre fevereiro e março; algumas vezes apresenta trabalhos que ficaram de fora da última edição, referente ao mês de novembro do ano anterior. Na última edição do ano anterior ou primeira do ano corrente algumas vezes adota-se a estratégia de fazer uma ação retrospectiva, apresentando as edições do ano anterior de forma resumida.

Percebemos que os assuntos dos dois parágrafos anteriores possuem uma relação direta, pois tendo em vista que a primeira edição anual do encarte era no mês de fevereiro, sendo praticamente inviável receber trabalhos no primeiro mês de aula nas escolas; por isso era

necessário publicar trabalhos referentes ao mês de novembro do ano anterior, ou fazer uma retrospectiva do ano anterior.

Outra diferença entre os encartes consiste quanto às temáticas, enquanto suplemento dedicado as escolas das redes municipais elege temáticas agendadas já na primeira edição do ano, o assunto do encarte da Rede Estadual é livre; muitas vezes são publicadas no encarte em “seções” divididas por cidades, tendo uma página “reservada” àquela cidade.

3.1.1. A respeito das capas

Continuando essa descrição passamos agora para as características das capas do encarte. Ao longo do período de nosso recorte temporal quase não ocorreram mudanças nas capas do encarte. Tais capas consistem em apresentar o título do encarte ora na parte superior, ou cabeça da página, ora na nas faixas laterais da página. Nas edições de 2004, 2005 e 2006 esse nome do encarte (AN Escola) está sobreposto em uma faixa colorida, que varia sua cor de acordo com a edição; dentro dessa faixa são apresentados os dados dessa edição, como o mês, ano, e número da edição, bem como uma indicação de que o encarte faz parte do jornal *A Notícia*.

A partir do ano de 2007 há uma alteração no projeto gráfico do encarte, em que se altera a forma de apresentação do título do encarte. O nome AN Escola, ao invés de estar sobreposto nas faixas coloridas, é “escrito” agora em cores, onde partindo da última letra da palavra (letra a escola) um lápis de cor está conectado a esta palavra por um traço, como se este acabasse de redigi-la. Da mesma forma outro *lápis*, de cor diferente, deixa em destaque os dados referentes ao encarte como já dito acima.

Também está presente na capa do encarte, em todas as edições, um desenho que ilustra o tema da edição, selecionado a partir dos materiais enviados pelos alunos participantes do programa, para o jornal. Nos encartes da Rede Municipal os desenhos devem fazer referência às temáticas agendadas pelo próprio encarte.

A capa do encarte do antigo “Escola Aberta” somente apresentava o título com os dados da edição, ilustrado por alguma foto e com algumas chamadas para as matérias apresentadas no suplemento.

Em muitas capas além do desenho e do título que apresenta a temática também estão presentes pequenos textos de caráter

introdutório, que parecem ter o objetivo de melhor preparar os leitores sobre a temática a ser apresentada.

Outra mudança na capa do encarte pode ser vista a partir do mês de outubro de 2008, onde começa a aparecer uma logomarca que faz referência aos 10 anos do programa.

A capa do suplemento AN Professor é bem menos produzida, diríamos menos atrativa, primeiramente por não ser colorido (até 2006) e também por esse encarte ser voltado aos professores. Nessa, além de aparecer o nome e os dados do encarte, ao invés de um desenho tomar todo espaço da capa, já é apresentado um texto/artigo escrito por um professor ou especialista em determinada campo do conhecimento.

3.1.2. A respeito do editorial

Primeiramente faz-se necessário dizer que é muito difícil caracterizar essa parte do encarte como um editorial tradicional de periódicos; este parece estar em uma “crise de identidade”, não tendo um padrão e nem recebendo uma assinatura no final do texto. Como característica geral do “editorial” é possível dizer que - tanto no Rede Estadual quanto no Rede Municipal - visa “preparar” os leitores para a edição do mês seguinte, funcionando como uma forma de agendamento. Nesse espaço, em quase todas as edições são apresentados desenhos de alunos para ilustrar o texto.

No ano de 2004, o editorial (página 2) não era caracterizado pelo termo “editorial” e sim por um título de um texto. Nessa página além desse texto, localizado a sua direita em uma faixa vertical, era apresentado o expediente do suplemento, contendo as vezes uma nota de correção referente a erros publicados nas edições anteriores.

Em 2005, o texto da página 2, além do título próprio, passou a ser precedido pela identificação como editorial.

Em 2006 os editoriais do AN Rede Municipal deixaram de usar títulos para apresentar o texto, somente a palavra Editorial, seguindo a mesma lógica de abordar o tema para a edição do próximo mês. Nas Edições de 2007 do AN Rede Municipal o editorial passou a ser apresentado em dois textos, um sobre a temática do mês corrente e outro visando agendar a próxima edição.

Em 2007 tanto no AN Rede Estadual quanto no AN Rede Municipal aparecem novas seções na página do editorial. A seção “*cartas*”, dedicada às cartas dos leitores, “*Ooops*”, que substitui a seção “*correção*”, dos encartes dos anos anteriores, *calendário*, apontando as

datas para envio de trabalhos, “*você sabia?*” – abordando algumas “curiosidades”, *Critérios* – que trata dos critérios para envio de trabalhos.

Ainda, em algumas edições, a página do editorial continha a seção *Atividades*, dedicada a fazer sugestão de atividades para o uso do jornal em sala de aula. Outra editoria do encarte da rede municipal, mas com publicações esporádicas é a “Dicas de Leitura”²³, sendo assinada por Aldo Brasil.

O Ano de 2008 revela as maiores mudanças na forma do encarte. Primeiramente destacamos a alteração da disposição dos elementos constituintes da página, como o caso do expediente. Este é retirado do canto direto da página, passando de uma tira vertical para um box no canto inferior esquerdo da página.

A seção critérios passa a ser chamada de “*Critérios para participação*”, assim como a seção “Calendário” que passa a ser intitulada “*Agende-se*”, estipulando as temáticas e datas até a última edição do ano com um pequeno texto sobre cada uma das temáticas. Verificamos que estes textos são repetidos nos editoriais dos meses seguintes, apenas são retirados na medida em que a temática fora contemplada. Outra mudança diz respeito ao texto que apresenta a temática da edição seguinte, que agora passa a ser intitulado como “*Próximo Tema*”. A editoria “*cartas*” ganha mais espaço e aumenta o número de cartas de leitores publicadas.

Quanto a distribuição desses elementos na página, com exceção do box com o expediente do encarte, não há uma posição fixa, variando de uma edição para outra. No mês de outubro de 2008, no editorial do encarte, é lançado um concurso para a escolha de uma mascote do programa, que já aparece na edição de novembro, esse terá a função de “apresentar” seção “*próximo tema*”. A mascote não possui nome, mas podemos visualizá-la na figura abaixo.

²³ Essa editoria a partir de 2009 sofre uma alteração na nomenclatura e passa a ser chamada de “Dica do Aldo”.



Figura 1. Mascote do programa AN Escola (Fonte: Encarte AN Escola Nov. 2008).

O editorial do encarte, em que pese ter uma estruturação gráfica tradicional, difere no conteúdo, cujas mensagens referem-se na verdade, a textos-pauta da próxima edição, fazendo um prognóstico e antecipação da temática da edição seguinte.

Sobre os aspectos gráficos do encarte não seguirem a rigidez estrutural de um jornal diário, entendemos ser está uma característica interessante em se tratando de um suplemento que se julga voltado para a Mídia-educação.

3.1.3. A respeito das editorias

Nesse momento atentaremos as alterações estruturais no encarte referente a seções que compõem o suplemento.

Observando entre os anos de 2004 a 2007, é possível dizer que não existiam editorias fixas no encarte, a não ser que consideremos as duas primeiras páginas referentes a capa e editorial e a seção “ciranda”, que esporadicamente era publicada no encarte da Rede Estadual, de autoria de Else S. Brum, dedicada a contar histórias infantis e propor atividades aos pequeninos. Fazendo referência ao AN Professor é importante dizer que este também não possuía seções, uma vez que este era um anexo do AN Rede Estadual. Dentro dessa lógica, podemos considerar o AN Professor como uma seção do AN Rede Estadual.

As grandes mudanças são registradas a partir de 2008 (reflexo da venda do jornal A Notícia para o grupo RBS em outubro de 2006), quando o número de páginas aumenta de 20 para 24 no encarte da rede municipal, e todas as páginas passam a ser coloridas, a partir do mês de maio. É nesse ano que começam a surgir algumas seções que passam a possuir um lugar cativo no encarte, como é possível ver no editorial da

primeira edição de 2008, referente ao mês de março. As novas seções anunciadas nesse mês são: *Artistas*, dedicada a desenhos que merecem moldura; *“Pequerruchos”*, editoria em que se veicula desenhos, e raramente textos, de crianças com idade até a pré-escola.

A seção *“destaques”*, depois chamada de *“deu capa”*, também é nova; nela é possível conhecer um pouco da história de leitores do encarte que tiveram seus desenhos publicados na capa da edição anterior. Além de saírem na edição seguinte do suplemento esses leitores recebem um certificado do jornal *A Notícia* - em alguns anos este era entregue pelo prefeito da cidade em que residia o leitor homenageado.

Também aparece a seção *papo de gente grande* que substitui o encarte AN Professor; neste local são publicados textos de professores com dicas e reflexões que visam contribuir com a atividade docente.

Já a quarta capa, (página 24) fica reservada à seção *“Brinque e Aprenda”*; aqui são publicados jogos como caça-palavras, ligue os pontos, jogo dos sete erros, entre outros, sendo que todas essas atividades foram criadas pelos alunos participantes do programa.

Nas edições de abril e de maio de 2008 aparece e se consolida no encarte a seção *Cantinho da História*, sob a responsabilidade da educadora e escritora infantil Else Sant’anna Brum, que “conta” histórias infantis, tornando-se a primeira “colunista” do encarte.

Quanto à forma, em maio de 2008, o encarte passa a ser grampeado.

Ressaltamos agora algumas diferenças entre os encartes da Rede Estadual e Municipal: enquanto o primeiro possui 12 páginas, e apenas cinco edições anuais, sem temática, o segundo possui 24 páginas e nove edições anuais, todas temáticas. No encarte da Rede Municipal existe a seção “cantinho da história”, que não ocorre no encarte da Rede Estadual. Por sua vez, este apresenta a seção “Amigos da Natureza”, dedicadas a trabalhos com o meio ambiente, e a seção “Mural”, que expõem uma foto e um texto sobre alguma atividade ou acontecimento ou projeto realizado em uma determinada escola.

Ainda referente às seções do encarte, cabe dizer que estas não possuem uma página fixa, variando de edição para edição, exceto o editorial, a capa e a seção “Brinque e Aprenda” (página 24).

Atualmente cada encarte possui os seus critérios para envio de trabalhos. O encarte da Rede Municipal tem como requisitos o envio de trabalhos que sejam relacionados ao tema agendado, dentro do prazo pré-estabelecido. Podem participar do programa todas as escolas

municipais do Estado de Santa Catarina. Segundo informações que constam no endereço eletrônico do Programa²⁴, um dos objetivos dele é promover a interação dos alunos com o jornal; para que isso aconteça a escola deve receber jornais em grande quantidade. Ainda consta no site que “após a aquisição das assinaturas a equipe pedagógica do AN Escola em parceria com a Secretaria de Educação do município realiza uma capacitação”, visando um aperfeiçoamento que para ter resultados positivos precisaria muito que as escolas realmente estivessem “recebendo uma quantidade de jornais que possibilite um trabalho em sala de aula”.

Segundo essas informações, podemos inferir que além da Escola fazer parte do programa, recebendo os encartes mensais, estas escolas também estariam recebendo as edição diárias do jornal *A Notícia*, e que tal fato se dá mediante a assinatura do jornal. Dessa forma, ao considerarmos o número de escolas participantes e de alunos envolvidos é possível considerar essa estratégia como forma de aumentar a tiragem do jornal, e que de certa forma quem está pagando por isso são as secretarias de educação. Particularmente julgamos essa uma estratégia questionável de marketing e de fidelização de leitores.

Podemos ter uma ideia melhor em termo de números quando, no site do programa, observamos o tópico “como funciona”, referente ao AN Rede Estadual. Segundo as informações do Site, o programa é resultado de uma “parceria entre a Secretaria de Educação do Estado (SED) e o grupo jornalístico *A Notícia*”. Pelos dados que contidos no endereço eletrônico, das 1312 escolas da rede estadual, 1211 recebem jornais diariamente. As escolas maiores recebem 3, as médias 2 e as menores 1 exemplar diariamente.

Em parceria com a SED, o jornal oferece capacitações através das Secretarias Regionais (Gered). Tanto em âmbito municipal quanto estadual há uma processo de avaliação e acompanhamento nas escolas.

Para poderem ser publicados os trabalhos da Rede estadual devem ser enviados para a Gered da região, que posteriormente encaminham para a SED em Florianópolis, onde são previamente selecionados por supervisores pedagógicos e a seguir encaminhados ao Jornal.

Já os trabalhos da Rede Municipal devem ser enviados para Rua Caçador, 112 - Atiradores - Cep: 89203-610 - Joinville – SC. Ou pelo e-mail: anescola@an.com.br

²⁴ <<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/anescola/home.0.4276.Home.html>>.

3.1.4. Algumas impressões sobre a apresentação das “matérias”

A partir do contato constante com nosso objeto de estudo foi possível perceber algumas estratégias utilizadas pelo encarte no que tange a apresentação das matérias, entre elas destacamos os títulos de cada página.

As “matérias” que são veiculadas no suplemento são textos, poesias, poemas, algumas vezes entrevistas, desenhos, jogos de raciocínio e mais recentemente estórias infantis.

As pessoas que tem matérias veiculadas no suplemento são alunos, professores, especialistas (técnicos pedagógicos, psicólogos) e a redação do encarte.

As matérias de alunos (as) mais publicadas no encarte se referem a desenhos, desenhos acompanhados de texto, texto (redação, frases e poemas), entrevistas realizadas com parentes ou colegas (principalmente publicadas no AN Rede Municipal).

Já os (as) docentes e especialistas têm textos publicados na forma de pequenos artigos ou ensaios, que são veiculados principalmente na seção “Papo de gente grande”; os poemas também aparecem, mas são mais raros. No suplemento da Rede Estadual, sob autoria dos (as) professores (as) também são publicados textos que relatam atividades realizadas em aula, e que posteriormente foram enviadas ao jornal. Convém recordar que por o AN Rede Estadual não ser temático, é de grande importância que apareça uma explicação sobre a atividade desenvolvida na escola.

Além disso, alunos (as) professores (as) também escrevem para a seção “cartas”, localizada no editorial.

A redação do suplemento é responsável por escrever o título da página, em que serão veiculados os poemas e desenhos dos alunos. Além dos títulos, estes são responsáveis por redigirem pequenos textos com caráter de apresentação geral das matérias veiculadas na página.

Fazendo referências aos títulos das matérias foi possível perceber que muitas vezes são utilizadas frases que são recortes de músicas, ou até mesmo nome de músicas de artistas que fazem parte da cultura pop. Entre eles destacamos alguns títulos, são eles: “Vamos para a praia, ôôô” – título da página 6 da edição de outubro de 2006, fazendo alusão ao sucesso da Banda Righeira; no mesmo encarte, a página 16, tem como título “de todas brincadeiras que eu gosto... a melhor é pular corda” – fazendo referência a música “Pula Corda” do grupo Trem da

Alegria; em dezembro de 2007 as páginas 12 e 13 recebem o título “Nós vamos invadir a sua praia” – fazendo referência a música da Banda Ultraje a Rigor.

A redação do encarte, em alguns, casos também escreve textos com dicas de atividades para sala de aula, além, é claro, dos editoriais. O suplemento possui também alguns colaboradores, como a já referida Else Sant’anna Brum, da seção cantinho da história²⁵, a primeira “colunista” mensal do encarte, que escreve estórias infantis que misturam ficção, cotidiano e fatos históricos.

Quanto aos desenhos publicados no encarte, quase todos são de autoria dos (as) alunos (as). No caso do AN Rede Municipal, os desenhos devem ser referentes a temática da edição e em sua grande maioria servem para ilustrar algum poema, ou texto. Também é costume desenhos ilustrarem a capa do suplemento, o próprio editorial e a editoria “papo de gente grande”. Nas duas últimas seções citadas algumas vezes são expostos desenhos de Paulo Gerloff, um quadrinista de *A Notícia*.

O suplemento da Rede Estadual também publica muitos desenhos, porém estes desenhos estão diretamente relacionados às atividades desenvolvidas com o professor em sala de aula, não sendo direcionado pelo AN.

Após esses apontamentos e observações sobre forma do encarte, nesse momento fazendo a síntese deste tópico apresentamos respostas às questões levantadas no início desse capítulo.

3.2 Respostas às questões norteadoras: uma síntese

a) Se houve variação no formato, enfoque ou editoração em geral ao longo das edições.

Com relação a esta questão foi possível identificar inúmeras alterações no formato do suplemento e da editoração. Entre as principais destacamos o número de páginas – 12 para 20 e depois 24 no AN Rede Municipal; troca de nomes – AN Escola se dividiu em dois (AN Rede Estadual e AN Rede Municipal), o “AN Escola Aberta” se transformou no AN Professor, que inicialmente era um anexo do AN Rede Estadual e posteriormente se transformou na seção “Papo de Gente Grande”, presente nos dois suplementos. Também destacamos a criação de novas seções no encarte assim como as alterações dos nomes de algumas

²⁵ Fazendo parte apenas do AN Rede municipal.

seções, uma alteração na linguagem utilizada, sendo possível perceber que estas mudanças, a nosso ver, sempre ocorrem com objetivo de aproximar e criar uma identificação do jornal com seus leitores. Podemos ver essa mudança, por exemplo, quando a seção “*correção*” localizada no editorial do encarte é substituída pela palavra “Ooops”, expressão usual que indica erro ou pedido de desculpas.

Também foram alterados os meses de circulação do suplemento da Rede Municipal; os meses de fevereiro e julho foram substituídos pelos meses de agosto e dezembro, uma visível adequação ao período letivo.

No enfoque do suplemento quase não identificamos mudanças, pois, levando em consideração nosso recorte temporal, os suplementos continuam tendo os mesmos objetivos, os mesmo ideais e a mesma forma de organização, distribuição e avaliação. Porém podemos observar uma alteração no que tange o público alvo; com a criação da seção “*pequerruchos*”, no encarte direcionado à Rede Municipal, é possível inferir que aconteceu uma espécie de “antecipação” de seus leitores, ou seja, percebemos de um lado, com um olhar mais ingênuo a tentativa de “estimular” a leitura e o “manuseio do jornal cada vez mais cedo. Por outro lado, com um olhar mais crítico percebemos uma “investida” do AN sobre seus futuros consumidores, uma espécie de conquista e fidelização de leitores.

b) Se há a presença de textos opinativos (editorial e colunas);

De forma resumida podemos dizer que sim, há textos “opinativos”, existe editorial no suplemento atualmente, assim como uma “colunista”, mas nem sempre foi assim. Inicialmente o “AN Escola Aberta”, e depois AN Professor, não possuíam editorial nem coluna.

Somente a partir de maio de 2008 é que a educadora e escritora infantil Else Sant’anna Brum começou a assinar a seção “Cantinho da história”.

Quanto à presença de opinião nos editoriais é mais difícil fazer afirmações, uma vez que o editorial do suplemento tem um caráter mais informativo do que formativo. Esses editoriais apresentam o tema da próxima edição de maneira “criativa” e alegre, em que o tema é apresentado a partir de um “olhar”, muitas vezes, pautado no senso comum, com opiniões cotidianas. Na conclusão do texto são lançadas perguntas sobre o assunto e são apresentados os prazos para envio de trabalhos.

As “opiniões” emitidas pela redação do suplemento, algumas vezes, parecem ser contraditórias, como observamos no encarte de junho

de 2005. Nesse encarte cuja temática é “Pesos e Medidas para tudo na vida”, no texto introdutório, das páginas 17 e 18, são apresentadas opiniões diferentes. Na página 17 para falar sobre pesos e medidas o texto pauta-se na ideia de que o “problema pode ser de causa cultural e particular, em que as pessoas que não se aceitam como são, começam a idealizarem nas outras o que gostariam de ser. Na página 18, a opinião que orienta o texto é médico- biológica, que ao denunciar os riscos do acúmulo de gordura no organismo, acaba, de certa forma, condicionando as pessoas a se preocuparem com a estética corporal.

c) Se existe um expediente específico, com equipe editorial própria

Referente a existência do expediente específico com equipe editorial podemos dizer que dentro de nossa demarcação temporal sempre existiu uma equipe responsável pelo andamento do programa. Mas essa equipe sofreu algumas mudanças ao longo desses cinco anos.

Em 2004 a equipe era composta por: Armando Tomazi – Diretor Responsável; Marcelo Serpa – Coordenação; Lúcia Hardt – Supervisão Pedagógica; Genara Rigotti – Edição; Sabrina Hille – Programação visual; Luiz Carlos Fagundes e Alessandro Susko e Odair J. Jaroczinski (somente em Maio de 2004) – Tratamento de imagens; Aldo Brasil – Revisão.

No ano de 2005, uma alteração na composição da equipe, Patrícia Prado substitui Sabrina Hille na Programação visual.

Em 2006, de janeiro a maio, quem ficou encarregada pela Edição do suplemento foi Izabela Liz, quem ficou na Coordenação pedagógica foi Neusa Marques de Oliveira e na Coordenação administrativa Olivete Tanner.

Já em 2008 muitas mudanças. Luiz Cardoso – Diretor; Nilson Vargas – Editor chefe; Michel Bitencourt – Gerente de circulação; Jairo Lacks – Gerente comercial; Michelle Castro – Edição; Kelly Rosa – Supervisão pedagógica; Michele Nunes Moreira – Diagramação; e por fim, Marla Ferreira – Coordenação AN Escola (em julho de 2008), e Marla Pires – Coordenação AN Escola (desde setembro de 2008).

Nessas mudanças, colocamos em evidência a alteração na nomenclatura, a criação e a retirada de alguns cargos que compõem o expediente. A nomenclatura “Diretor responsável muda para “Diretor” bem como o de “Edição” que passa a ser chamado de “Editor chefe”. Os cargos “Tratamento de imagens” e “Programação visual” deixam de existir, criam-se os cargo de “Diagramação”, “Gerente de Circulação” e “Gerente Comercial”. Além dessas mudanças não consta mais na

nominata do expediente o cargo ocupado por Aldo Brasil – Revisão. Pelas informações contidas no encarte de outubro de 2008 é sabido que Aldo continua trabalhando como revisor dessas publicações.

Sobre as mudanças supracitadas, em especial a criação dos cargos de gerência, comercial e de circulação, é possível associá-las a outra grande mudança no Jornal *A Notícia*. Mudança que tem como ponto de partida o mês de outubro de 2006, quando o grupo RBS começa a gerir “*A Notícia*” de Joinville. Sendo a RBS uma grande empresa, com outra dimensão de profissionalismo, assim, começa “impor” o seu modo de fazer notícia a esse renomado Jornal do Estado de Santa Catarina.

d) *Se há participação de colaboradores à equipe editorial na elaboração do conteúdo.*

Segundo informações veiculadas pelos próprios organizadores do caderno (encarte especial de 10 anos), Elisete Brum é a primeira colunista do encarte, apesar de não constar no expediente. Dessa forma, acreditamos tratar de uma colaboradora. Assim como Aldo Brasil que já constou no expediente, e que atualmente escreve esporadicamente na seção dicas de leitura (em 2008).

Pode-se dizer que quem escreve no encarte deveria fazer parte da redação do encarte, mas como já dito antes, até o ano de 2008, a única pessoa que assina o encarte é Elisete S. Brum, no “cantinho da história”. Referente aos professores e técnicos pedagógicos que colaboram esporadicamente no encarte, estes têm os seus nomes identificados nos próprios textos publicados, não constando no expediente do encarte.

e) *Se os temas são apresentados em editoriais, identificadas ou não.*

A respeito das editoriais, é possível observar a sua presença nos encartes, sendo apresentadas por “cartolas”, porém, sem ter página fixa, são elas: “Artistas” – AN Rede Municipal; “Papo de gente grande” – substituindo o AN Professor; “Cantinho da história” e “Pequerruchos” – no AN Rede Municipal; e finalmente a editoria “Amigos da Natureza”, presente somente no encarte da Rede Estadual.

As únicas editoriais que possuem uma página fixa são o editorial, localizado na página 2, e a seção “Brinque e aprenda” na página 24 suplementos da Rede Municipal. As subseções do Editorial são: “Deu capa” - antigamente chamada seção “destaque”, e que não pertencia ao editorial; “Ooops” – antiga seção “correção”; “Critérios para participação”; “Cartas”; “Agende-se” – antiga seção “Calendário”; “próximo tema” – ultima denominação do texto do editorial.

3.3. Análise de conteúdo I: categorização e distribuição das matérias

Neste primeiro momento da análise de conteúdo do material coletado, objetivando organizar o corpus de pesquisa, procedemos à identificação, seleção, categorização e distribuição das matérias relativas à temática geral de estudo, qual seja a cultura corporal – lembrando que o período observado situa-se entre os anos de 2004 e 2008.

Como estratégia metodológica, foi realizada uma exaustiva leitura de todo o material com uma breve descrição de cada uma das matérias, estágio necessário à categorização e classificação desses dados. A partir do estabelecimento das categorias gerais de análise, foi procedida a distribuição das matérias, por ano.

3.3.1 – Quanto ao número de encartes utilizados.

Com objetivo de dimensionar os dados iniciais de nosso estudo, apresentamos inicialmente algumas informações referentes ao número de encartes utilizados, porque continham matérias relacionadas à temática da cultura corporal.

Neste sentido, no total, encontramos matérias relativas ao nosso objeto de estudo em 48 encartes. No ano de 2004, foram 11 ao todo, sendo 9 do AN Escola (nos meses de fevereiro, março, abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro, novembro); e 2 no AN Professor (em setembro e outubro).

Em 2005, o ano com maior número de encartes selecionados, foram identificados 14 no total: 9 no AN Escola (fevereiro, março, abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro); e 5 no AN Rede Estadual (abril, junho, agosto e outubro; sendo que desses, 3 são do, agora anexo, AN Professor).

Já em 2006 utilizamos 8 encartes, sendo 6 do AN Escola (fevereiro, abril, maio, agosto, setembro, outubro, novembro); e 2 da Rede Estadual (abril e setembro).

No ano seguinte, 2007, o menor número de encartes utilizados, apenas 6: 2 do agora AN Rede Municipal (junho e dezembro); e 4 do AN Rede Estadual (junho, agosto, setembro e novembro).

Por fim, em 2008 mais 9 encartes, todos do AN Escola Rede Municipal (março, abril, maio, junho, julho, setembro, outubro, novembro, dezembro).

3.3.2 Quanto ao número de matérias nos encartes.

Nos 48 encartes selecionados, identificamos 1145 matérias relativas ao campo da cultura corporal, um número bastante elevado, porém é necessário lembrar que são consideradas matérias, poemas, textos introdutórios do expediente, editoriais, desenhos, entrevistas, textos de alunos, professores e especialistas, estórias infantis, e algumas dicas de leitura ou atividades. O grande número de matérias também está relacionado à forma como o suplemento veicula as informações. Tendo como característica principal um título ou tema em cada página, seguido de um pequeno texto do próprio expediente, e os trabalhos dos/as alunos/as que podem ser desenhos, poemas, pequenos textos, e alguns “causos”.

As 1145 matérias estão distribuídas ao longo desses 5 anos da seguinte maneira: Em 2004 são 208 matérias; em 2005 são 211 matérias; Em 2006 são 80 matérias; Em 2007 são apenas 75 matérias; e finalmente no ano de 2008, surpreendentes 571 matérias.

As figuras a seguir, ajudam-nos a melhor visualizar esses números.

Quadro 1: distribuição das matérias por ano

Ano	N	%
2004	208	18,16
2005	211	18,42
2006	80	6,98
2007	75	6,55
2008	571	49,86
Total	1145	100%

A oscilação do número de matérias a cada ano pode ser melhor visualizada no gráfico 1, destacando desde já o crescimento observado do número de matérias no ano de 2008. No gráfico 2, destacamos a presença de matérias ao longo dos cinco anos em números percentuais.

Gráfico 1: Oscilação do número de matérias relacionadas a cultura Corporal

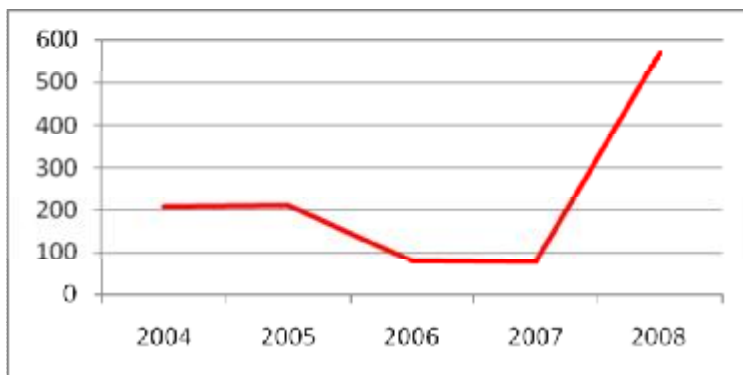
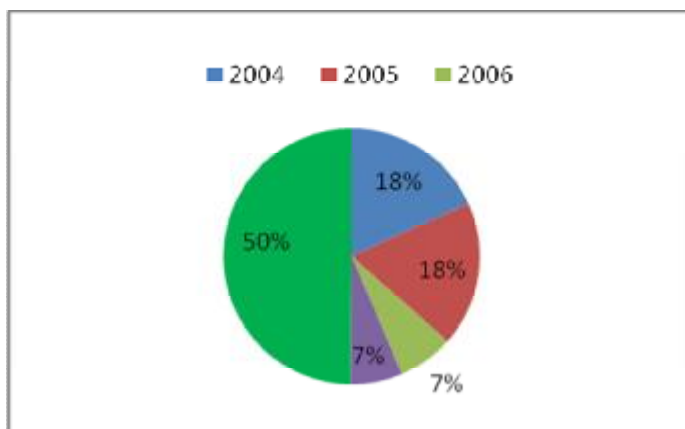


Gráfico 2: Distribuição percentual do total de matérias ao longo dos anos.



3.3.3 As categorias

Após a leitura, descrição e análise preliminar dos dados, foi possível a identificação de 11 categorias gerais, nas quais, posteriormente, distribuíram-se as matérias analisadas. As categorias extraídas do material são: Esporte, Temas transversais, Lazer, Corpo/identidade, Jogos/brincadeiras, Saúde, Estética, Circo, Dança, Lutas, e Outros.

A seguir, de forma abreviada, descrevemos cada uma das categorias.

Esportes – matérias relacionadas aos esportes tradicionais como basquete, vôlei, handebol, futebol, bem como os esportes que possuem competição regulamentada, como o Motocross, bicicross, skate. Também estão presentes nessa categoria matérias que fazem referência aos grandes eventos esportivos, como as olimpíadas e pára-olimpíadas e a Copa do Mundo de futebol.

Temas Transversais – categoria em que os conteúdos podem ser ponto de partida para o processo de ensino aprendizagem dos temas da educação física, abrangendo a cultura popular (lendas, folclore, ditados, contos, tradição), a mídia e seu discurso, e ainda os direitos da criança conforme constam no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA).

Circo – matérias que fazem referência a arte circense como os palhaços, trapezistas e equilibristas, malabaristas, mágicos, domadores entre outros.

Estética – Nessa categoria encontra-se matérias relacionadas aos padrões estéticos da sociedade, mais especificamente corpos estereotipados.

Corpo/identidade – essa categoria é constituída por matérias que estão relacionadas tanto a dimensão biológica quanto sociológica e cultural de corpo. Na dimensão biológica, matérias relacionadas ao corpo material, seus órgãos, sistemas, e funções fisiológicas, na dimensão sociológica e cultural algumas matérias que fazem referência ao dualismo corpo x mente assim como a construção da identidade, como por exemplo, a identidade construída pelos integrantes da cultura hip-hop.

Saúde- Essa categoria é constituída por matérias relacionadas a conceitos de saúde, em especial o conceito defendido pelo discurso médico biológico. Matérias pautadas principalmente na ideia de atividade física relacionada à saúde, tão em voga na sociedade brasileira.

Dança – matérias relacionadas a danças tradicionais como o balé, a dança de salão, danceterias bem como a dança que vem conseguindo ganhar espaço dentro das escolas, a dança de rua.

Jogos /brincadeiras – as matérias dessa categoria são aquelas que fazem menção as brincadeiras e jogos do cotidiano da cultura infantil, como amarelinha, pião, pipa, pular corda, polícia e ladrão, gincanas da escola, dominó, entre outros.

Lutas – constituem essa categoria as matérias que fazem menção as lutas, como o taekwondo, caratê, e capoeira, exceto as matérias que

colocavam as lutas dentro de competições, como os jogos olímpicos, tais matérias fazem parte da categoria Esporte.

Outros – Matérias relacionadas a influência da leitura no desenvolvimento da imaginação da criança, dicas da seção dicas de leitura.

- a) Quanto ao número de matérias por categoria de análise, conforme a frequência por ano.

Feita a distribuição das matérias, no universo de 1145, já referido, temos as seguintes frequências absolutas: “Esportes”, com 321 matérias, a categoria hegemônica; a segunda com maior frequência é a categoria “Temas transversais”, com 183 matérias; o próxima é a categoria Lazer, com 169 matérias. Um pouco atrás, encontram-se as categorias “Corpo/identidade” e “Jogos/brincadeiras”, com 162 e 161 matérias respectivamente. Já a categoria “Estética” se fez presente em 43 matérias, seguida de perto pela categoria “Saúde” com 42 matérias. Além dessas, as categorias “Circo” com 32 matérias, “Dança” com 19, “Outros” com 7 matérias e finalmente a categoria “Lutas” com 6 matérias ao todo, completam esse nosso “grande corpus”.

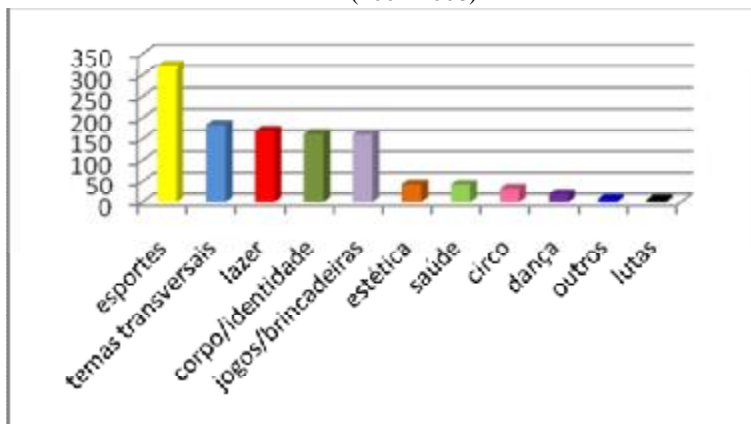
Com esses dados é possível perceber que a categoria “Esportes” está em evidência, pois com suas 321 matérias abrange mais que 28% (28,034%) do número total de matérias. A categoria com menor porcentagem de presença é a categoria “lutas” com apenas 0,5% (0,524%).

O quadro 2 e o gráfico 3 apresentam esses números conforme distribuição nas categorias identificadas.

Quadro 2: Número de matérias por categoria (2004-2008)

CATEGORIA	N	%
Esportes	321	28,03
Temas transversais	183	15,98
Lazer	169	14,75
Corpo/identidade	162	14,14
Jogos/brincadeiras	161	14,06
Estética	43	3,75
Saúde	42	3,66
Circo	32	2,79
Dança	19	1,65
Outros	7	0,61
Lutas	6	0,52
TOTAL	1145	100

Gráfico 3: Distribuição das matérias por categoria ao longo dos anos (2004-2008)



Referente a distribuição das matérias por ano e categoria é possível identificar a categoria *Esportes* “liderando” a frequência de presença em dois dos cinco anos de nosso recorte, e em destaque no ano de 2005. Evidenciando esse fenômeno como a prática corporal de maior expressão de nossa era. Vejamos os dados.

2004 – Esportes (105) matérias, Temas transversais (27), Lazer (20); corpo/identidade (14), jogos/brincadeiras (8); Saúde (19); Estética (3); Circo (7); Dança (3); Lutas (1); Outros (1).

2005 – Esportes com (44), Temas transversais (3), Lazer (25); corpo/identidade (17), jogos/brincadeiras (57); Saúde (10); Estética (32); Circo (17); Dança (5); Lutas (0); Outros (0).

2006 – Esportes (10), Temas transversais (0), Lazer (27); corpo/identidade (0), jogos/brincadeiras (24); Saúde (2); Estética (6); Circo (8); Dança (0); Lutas (0); Outros (3).

2007 – Esportes (10), Temas transversais (13), Lazer (38); corpo/identidade (2), jogos/brincadeiras (5); Saúde (0); Estética (1); Circo (0); Dança (6); Lutas (0); Outros (0).

2008 – Esportes (151), Temas transversais (140), Lazer (58); corpo/identidade (129), jogos/brincadeiras (68); Saúde (11); Estética (1); Circo (0); Dança (5); Lutas (5); Outros (3).

Podemos visualizar melhor esses números no quadro 3.

Quadro 3: Comparativo percentual das matérias da categoria esporte com as outras categorias.

Ano	Total de matérias	Esporte	Outras categorias
2004	208	105 (50,48%)	103 (49,51%)
2005	211	44 (20,85%)	167 (79,14%)
2006	80	10 (12,5%)	70 (87,5%)
2007	75	10 (13,33%)	65 (86,66%)
2008	571	152 (26,61%)	419 (73,38%)

Os números do quadro 3 nos ajudaram a perceber o quanto o esporte representa em nossa sociedade. Observando com mais atenção é possível perceber que categoria *Esporte* se destaca das demais principalmente nos anos de 2004 e 2008, coincidentemente nesses dois momentos ocorreram as Olimpíadas de Atenas e Beijing. Tal evidência

nos guiou a tomarmos como caminho metodológico, identificar dentro da categoria esporte quais matérias são relacionadas aos grandes eventos esportivos.

a) Matérias de Esporte Relacionadas aos grandes eventos

Dentro de um universo de 321 matérias relacionadas a categoria *Esportes*, identificando quais dessas estão relacionadas a grandes eventos esportivos chegamos ao número de 152 matérias, distribuídas no decorrer dos anos da seguinte maneira. São 73 matérias no ano de 2004, 13 no ano de 2005, 2 em 2006, 1 em 2007 e 63 em 2008. Como podemos observar no gráfico 4.

Como critério de organização para análise das matérias, as distribuímos conforme o gênero de autoria; identificando 8 diferentes gêneros, são eles: *textos do corpo editorial* (textos introdutórios das páginas e editoriais), *textos de aluno* (textos e poemas), *texto com desenho*, *texto de professor/especialista*, *desenho*, *passatempo*, *reportagem e conto infantil*.

No total são 18 textos do corpo editorial, 24 textos de aluno, 12 textos com desenho, 88 desenhos, 6 textos de professor/especialista, 1 reportagem, 1 passatempo e 1 conto infantil. O gráfico 5 ajuda-nos a visualizar proporcionalmente esses dados.

Gráfico 4: Distribuição das matérias relacionadas a grandes eventos esportivos ao longo dos anos (2004-2008).

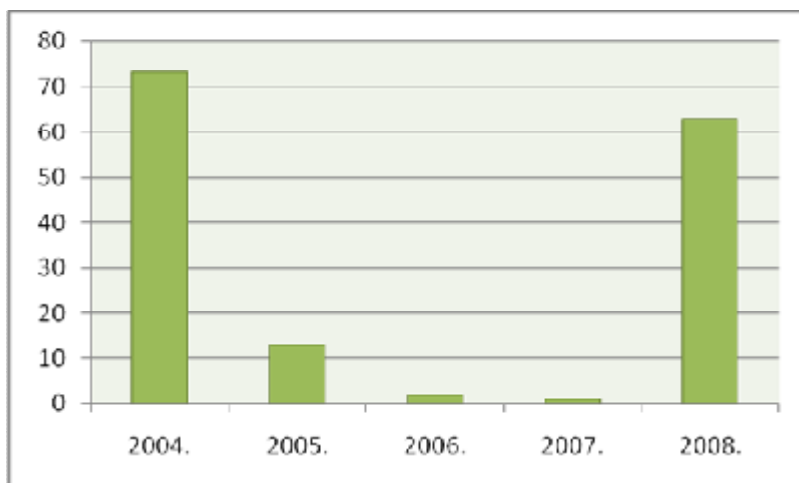


Gráfico 5: Distribuição das matérias por Gênero.



Em 2004 identificamos 73 matérias divididas em 10 textos do corpo editorial, 35 desenhos, 9 textos com desenhos, 18 textos de alunos, 1 passatempo. Das 74 matérias de 2004, 64 pertencem ao encarte do mês de setembro e apenas 9 ao suplemento de outubro.

No ano de 2005 são 13 matérias, 9 desenhos, 1 texto do corpo editorial, 1 poema de aluno e 1 texto de professor/especialista. As matérias desse ano estão distribuídas na seguinte cronologia: 8 matérias do mês de fevereiro, 2 do mês de maio e 2 do mês de agosto.

No ano da Copa do Mundo, 2006, apenas 2 matérias, ambas da página 11 da edição de novembro. O título da página é “Esportistas”, em que foram publicados um texto de aluno e um desenho de aluno.

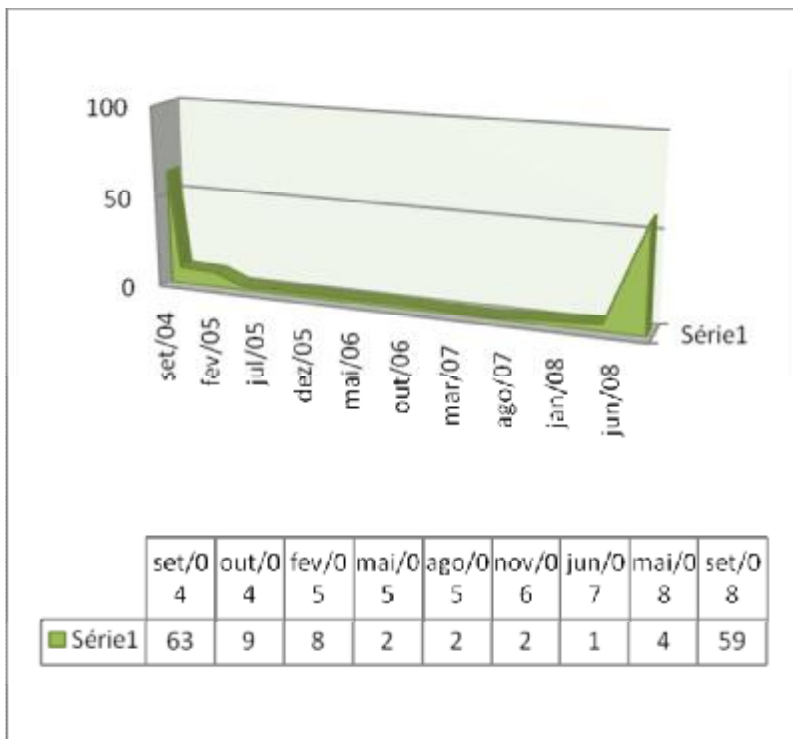
Em 2007, ano do Pan do Rio de Janeiro, somente 1 matéria é veiculada na edição de Junho de 2007 no AN Rede Estadual. Trata de uma “reportagem” com um professor de educação física.

Já em 2008, quando acontece a Olimpíada de Beijing, são identificadas 63 matérias, sendo 44 desenhos, 5 textos de alunos, 4 textos do corpo editorial, 6 textos de professor/especialista, 1 conto infantil, 3 desenhos com texto. Das 63 matérias, 4 foram publicadas em maio enquanto 59, a grande maioria, foi publicada no mês de setembro

de 2008. O Gráfico 6 nos proporciona um panorama da distribuição cronológica das matérias.

Quanto à distribuição cronológica das matérias é possível identificar uma grande presença de matérias nos meses que sucedem os jogos olímpicos em especial os meses de setembro 2004 e setembro de 2008.

Gráfico 6: Distribuição cronológica das matérias.



Apesar da ocorrência da Copa do Mundo de Futebol no ano de 2006, e deste ser o esporte mais popular do Brasil, só encontramos 2 matérias relacionadas a este grande evento esportivo. Uma das matérias é um desenho que mostra uma partida de futebol, em que é destacada a bola oficial da Copa; a outra matéria trata de um texto onde uma aluna conta os melhores momentos do ano, destacando o campeonato de futebol na escola.

Outra curiosidade é a o baixo número de matérias no ano em que ocorreu o Pan-Rio/2007, evento que teve forte apelo midiático por que realizado no país e também porque o Brasil se destacou. Nesse ano identificamos apenas 1 matéria classificada como reportagem, em que é apresentado um projeto desenvolvido por um professor de educação física, tendo como objeto de pesquisa um caderno lançado pelo Jornal A Notícia, em maio de 2007, apresentando os resultados da 39ª edição os Destaques Esportivos de Santa Catarina em 2007.

Como síntese preliminar dos dados observados até então, foi possível constatar que entre a diversidade de categorias a que se destaca é *Esportes*. Além disso, a presença de matérias ligadas ao esporte é maior nos períodos correspondentes a realização das Olimpíadas de Atenas/2004 e Beijing/2008. Desta maneira, uma hipótese de trabalho aflorou: para o AN Escola, os Jogos Olímpicos, tanto em Atenas (2004) quanto em Beijing (2008), mereceram mais destaque que a Copa do Mundo (2006) e o Pan-Rio/2007.

Assim, considerando a maior ênfase dada às matérias sobre esporte e grandes eventos esportivos, interessa saber que concepção (ões) de esporte está presentes nas matérias destes dois períodos (2004/2008) do ponto de vista da editoria (texto do próprio jornal); dos colaboradores (artigos) e dos estudantes (poesias, textos e desenhos). Para tanto, tratamos de realizar o que poderíamos classificar como uma segunda etapa da análise de conteúdo, esta de caráter qualitativo, que é explicitada no tópico seguinte.

3.4- Análise de Conteúdo II: concepções de esporte nas matérias relacionadas a grandes eventos esportivos

Tendo agora como *corpus* de análise as 152 matérias relacionadas a grandes eventos esportivos, foi possível identificar 6 categorias gerais que remetem a concepções de esporte presentes no material analisado, que explicitamos e desenvolvemos sinteticamente no quadro abaixo. Convém destacar que, apesar de, em algumas matérias, ter sido possível observar elementos textuais ou imagéticos que permitiriam o seu enquadramento em mais de uma categoria, optamos por tentar identificar a unidade de registro principal do texto ou imagem e classificá-lo em apenas uma das categorias.

Categoria	Descrição
<i>Espetáculo/Rendimento</i>	Mais frequente textos do corpo editorial, textos e desenhos de alunos, aparecendo com menor frequência, ou menor ênfase nos textos de especialistas. As matérias tendem a exaltar as conquistas, os resultados e a superação dos atletas.
<i>Personagens</i>	Essa categoria tem a tarefa de complementar a categoria anterior Espetáculo/rendimento, quase como uma subcategoria. Muito constante nas matérias, sendo utilizada como uma estratégia introdutória a lógica do rendimento. Utiliza o personagem (atleta, herói, ídolo, mito) e todo o drama vivido para justificar suas conquistas ou perdas.
<i>Nacionalismo</i>	Quase tão frequente quanto a categoria rendimento. Refere-se às matérias que abordam o orgulho de ser brasileiro. Presente em muitos textos do corpo editorial e nos textos e desenhos de alunos.
<i>Saúde</i>	Categoria pautada no discurso “esporte é saúde”, principalmente nas matérias de especialistas e textos do corpo editorial, destacando os benefícios advindos da prática de esporte, como atividade física para a promoção de saúde.
<i>Socialização</i>	Presente em alguns textos do corpo editorial, textos e desenhos de aluno e também muito explorada nos textos de especialistas. Essa categoria refere-se às matérias que abordam a dimensão da socialização através do esporte bem como a disciplina que ele cria em seus praticantes.
<i>Inclusão Social/Cidadania</i>	Especialmente presente nos textos do corpo editorial, e textos e desenhos de alunos. Refere-se as matérias que tratam da inclusão social pelo esporte, em que o maior exemplo são os para-atletas.

A seguir, procedemos a uma discussão mais aprofundada de cada uma das categorias, isto é, das diferentes concepções relativas ao esporte presentes nas matérias que faziam referência aos grandes eventos esportivos. Para fundamentar essa discussão, recorreremos a elementos da base teórico-conceitual construída a respeito do objeto de estudo, exposta no capítulo I dessa dissertação. Algumas das matérias analisadas são apresentadas a fim de, pela condição empírica, expressar na forma de exemplo, os elementos discursivos textuais e/ou imagéticos que constituem as respectivas categorias.

3.5.1 Espetáculo/rendimento

Quando referenciamos o rendimento no esporte uma importante contribuição para sua compreensão é dada por Kunz (2003). Para o autor são características do esporte (rendimento) a *sobrepujança*, e a *comparação objetiva* e os princípios especiais de *maximização de distâncias* e *minimização de tempos*. Limitar-se a sobrepor ao adversário ou a equipe adversária (ou a si mesmo, na busca pela quebra de recordes) seria uma redução do fenômeno esportivo. Isso se dá segundo Kunz (2004, p.110) “[...] a partir da aceitação da ideia de que qualquer um, qualquer equipe, tem a possibilidade de vencer em confrontos esportivos”. A propagação dessa lógica pode ser considerada evidência da existência de uma cultura esportiva na sociedade. A ideia da sobrepujança pode ser percebida também como um reflexo do liberalismo econômico, baseado da livre concorrência, presente no mesmo berço de nascimento do esporte que é a Modernidade e o surgimento do modo de produção capitalista. Porém uma análise mais crítica nos leva a questionar a suposta igualdade de condições. As condições estruturais (econômicas e sociais) e de recursos humanos qualificados são determinantes na formação dos indivíduos de uma sociedade. A mesma lógica vale para a formação esportiva. Países que possuem uma boa estrutura para treinamento, e investem em tecnologia, como os EUA, e países com “recursos humanos” qualificados, como Cuba, conseguem obter muito sucesso em competições esportivas, principalmente quando comparados aos chamados países em desenvolvimento.

Outro princípio do esporte de rendimento são as comparações objetivas. Esse princípio é um desdobramento do princípio anterior. A ideia de que todos podem competir com as mesmas chances de sucesso, desde que algumas condições de padronização sejam preservadas, levam

os atletas a constantemente comparem-se objetivamente e, em vista disso, admitirem como inquestionáveis os resultados.

Como consequência dessa situação Kunz apresenta a

[...] padronização do espaço, locais de disputa, o desenvolvimento de normas e regras universais para o esporte [...] Todo o trabalho de produção do rendimento esportivo exige a adequação das normas esportivas a estes espaços padronizados e às regras motoras bem rígidas (2004, p.110).

Assim a primeira matéria que apresentamos refere-se a o desenho da aluna Carla D. S. 13 anos, 7ª série, São Bento do Sul (**fig. 2**). O desenho publicado na página 16 na edição de setembro de 2004 mostra um pódio com duas “pessoas”. No lugar mais alto um brasileiro com sua bandeira e no quarto lugar uma mulher com a camiseta dos EUA. No desenho a atleta norte-americana está no pódio em 4º lugar, com lágrimas nos olhos, enquanto o brasileiro-representado por uma tartaruga- figura no lugar mais alto do pódio mostrando sua medalha.



Figura 2. Desenho de aluna. (Fonte: AN Escola, p.16, set/2004).

Uma análise semiótica com maior profundidade contribuiria muito para uma melhor interpretação, mas podemos inferir muitas coisas a partir de uma análise superficial. A sobrepenjaça do esporte rendimento.

O Brasil representado por uma tartaruga pode ser uma referência ao atraso econômico do país bem como as poucas conquistas internacionais em competições individuais de grande expressão, como as provas de atletismo nas olimpíadas. Vencer os EUA em provas de corrida -como indicado no desenho- provas que os norte-americanos possuem muita tradição, talvez seja uma grande ilusão, mas, ao mesmo tempo, revela a vontade de sobrepujar os melhores do mundo, tanto no esporte quanto na economia. Nesse caso o desenho também mostra o gozo, o prazer de vencer os melhores. No desenho também é possível identificar o princípio da comparação objetiva na situação em que à atleta perdedora restam as lágrimas, ao vencedor sobra o orgulho de ser brasileiro e uma medalha de ouro.

Nos textos de alunos também é possível identificar a lógica do rendimento. O Poema (fig. 3) de Jéssica B. R. – 13 anos, 7ª série, Canoinhas, publicado página 21 da edição de setembro de 2008 cujo título é “Disputa e orgulho”, trabalha com a ideia de que todos os esportes são saudáveis, entre eles o vôlei, que segundo a autora, por ser conhecido há muito tempo e praticado por muitas pessoas é motivo de disputas, por troféus, entre vários países. Ao escrever que “*Escolas, cidades e países concorrem a uma disputada vitória. Quando ganham é um orgulho para o time inteiro*”, ela está evidenciando a meritocracia dessa sociedade de cultura esportiva. Ou seja, quando produzimos somos aceitos. Então perguntamos: e quando o time perde como ficamos? Na sociedade esportiva a tendência é ficarmos com nosso orgulho ferido. Dessa maneira ressaltamos a necessidade da escola tratar o movimento humano de forma crítica, não se restringindo ao seu “sentido comparativo” (KUNZ, 2004).

Disputa e orgulho

Todos os esportes são saudáveis,
a todas as idades.
O esporte do qual eu vou falar é o
vôlei, conhecido há muito tempo, e
várias pessoas praticam.
Por esse motivo, vários países se
enfrentam, disputando um troféu.
Escolas, cidades e países concorrem a
uma disputada vitória.
Quando ganham é um orgulho
para o time inteiro.

Figura 3. Poema da aluna (Fonte: AN Escola Rede Municipal, p. 21, set/2008).

Os textos da redação do encarte também pautam seus escritos na lógica do rendimento, como podemos observar no editorial do encarte referente ao mês de setembro de 2004. Nessa página analisamos duas matérias, um desenho de aluno, e o próprio texto do corpo editorial. Além da ideia do rendimento as duas matérias também trabalham com a lógica da inclusão social/cidadania proporcionada pelo esporte. Vejamos:

O texto de título “A inclusão social que desafio é esse?” (fig.4) é utilizado para apresentar a temática do encarte do mês de outubro. Nesse texto, para começar a falar de inclusão, a estratégia utilizada é referenciar o término de mais uma paraolimpíada trazendo o exemplo do sucesso dos atletas brasileiros.

Num momento inicial, no trecho “os atletas brasileiros conseguiram um monte de medalhas e mostraram que é possível superar os limites do próprio corpo” indica a ideia de superação e posteriormente a ideia de aceitação/inclusão devido ao resultado de sucesso, como podemos observar no trecho que diz “por esse motivo muita gente começou a encarar os portadores de necessidade como capazes e com os mesmos direitos de qualquer brasileiro”.

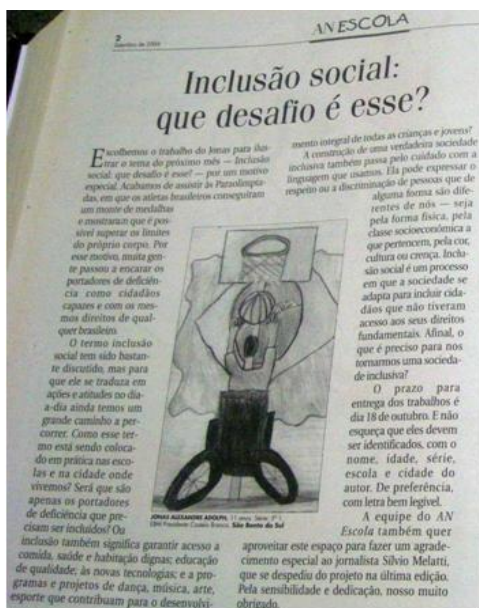


Figura 4. Texto do editorial (Fonte: AN Escola, p. 2, set/2004).

No recorte anterior também identificamos uma alusão a inclusão social, porém, esses atletas, com suas deficiências, só foram inclusos e respeitados por renderem, ou seja, quando estes provam que podem render, produzir nessa sociedade, eles conquistam o direito a cidadania, o direito de serem respeitados, antes disso não. No decorrer do texto amplia-se o entendimento de inclusão e cidadania para além dos deficientes físicos, apontando a necessidade de incluir os desfavorecidos com políticas de moradia, saúde, alimentação, projetos esportivos, culturais e artísticos. Aponta-se também a importância de inclusão pela linguagem, pois essa pode expressar *“respeito ou a discriminação”*. Ainda, segundo o texto a inclusão social *“é o processo em que a sociedade se adapta para incluir cidadãos que não tiveram acesso a seus direitos fundamentais”*.

Nesse texto identificamos uma contradição. Num primeiro momento, apresenta-se a ideia de inclusão social por meritocracia (produz/rende) e posteriormente a inclusão através de políticas públicas e de uma mudança da estrutura social.

O editorial é ilustrado pelo desenho do estudante Jonas A. A. – 11 anos 5ª série, São Bento de Sul. No desenho podemos observar a bandeira brasileira ao fundo e um cadeirante de frente para ela arremessando uma bola na tabela de basquetebol, o que evidencia, em primeiro lugar, a concepção de inclusão social/cidadania proporcionada pelo esporte e em segundo lugar uma ideia de nacionalismo, porém o pano de fundo dessa *“inclusão social”* é fundamentado pelo rendimento esportivo, como aconteceu com os atletas brasileiros que obtiveram sucesso nas paraolimpíadas, em Atenas 2004.

Outro texto da redação que também tematiza a lógica do rendimento e, de certa forma, tenta estender essa lógica aos estudantes. Na Página 10 do encarte de setembro de 2008, intitulada *“Jogos inesquecíveis”*.

O texto introdutório da página (**fig. 5**) mostra o quanto os jogos vão deixar saudades, na expectativa de incentivar meninos e meninas a praticarem esportes, apesar do “Brasil” não ter ganhado tantas medalhas, porém, reconhecendo o esforço dos atletas. Achamos muito interessante apresentar o seguinte recorte do texto que diz: *“tomara que a vontade de se movimentar, de mexer o corpo, de praticar esportes também seja uma companheira desses meninos e meninas – futuros atletas do país. O número de medalhas não agradou tanto assim, mas os estudantes agradecem e reconhecem o esforço de cada atleta. Eles também fazem um apelo para os governantes por mais incentivo ao esporte – afinal*

quanto maior incentivo hoje maior a chance de os atletas voltarem com ouro no futuro”.



Figura 5. Texto introdutório da página “Jogos inesquecíveis”
(Fonte: AN Escola Rede Municipal, p. 10, set/2008.

O que o texto deixa transparecer para o leitor, a nosso ver, é primeiramente a ideia de esporte como promotor de saúde quando aponta a necessidade do movimento, em segundo lugar a lógica do esporte rendimento quando usa o pouco número de medalhas como parâmetro para justificar a prática esportiva para menino e meninas “*os futuros atletas do país*”. E por fim, o que achamos mais grave ocorre quando citam os estudantes, dizendo que estes apelam ao governo por mais incentivo ao esporte, acabam por deixar pistas que levam a pensar na escola como um local de formação de atletas.

Nessa página ainda temos o texto do aluno de Itajaí (Leonardo A.P. – 10 anos, 4ª. série) (**fig. 6**). No texto podemos ver a influência da mídia e do fenômeno esportivo no processo de agendamento da vida cotidiana. Logo no primeiro parágrafo do texto o aluno escreve “*Essas olimpíadas mudaram mesmo a nossa rotina, esperamos chegar o dia das provas, esperamos, sofremos, nos emocionamos, torcemos e enfim comemoramos*”.

Podemos ver que o tema agendamento também poderia ser contemplado no trabalho pedagógico, mas a olimpíada entrou na pauta principalmente para apresentar as regras dos diferentes esportes. O aluno escreve “*Na minha escola as professoras sempre nos incentivaram a praticar esportes, seja ele qual for. A minha professora de turma, Regina, juntamente com as professoras de EF Janaína e Eliane*

aproveitaram as olimpíadas para nos ensinar regras dos diferentes esportes”. Esse recorte contribui na identificação de outra forma de agendamento.



Figura 6. Texto de aluno (Fonte: AN Escola, p. 11, set/2004)

Quando os professores estão ensinando as regras dos diferentes esportes e as características dos países participantes das olimpíadas eles também estão agendando o evento. Seria muito interessante se além de apresentarem esses aspectos também discutissem o próprio agendamento e suas formas de manifestação. Também identificamos elementos que evidenciam a concepção **de rendimento** no esporte quando escreve “*Gosto muito de futebol, mas ainda não sou muito bom*”, e uma polissemia da palavra esporte, principalmente quando relaciona a prática de atividade física como fator de promoção da saúde, classificando qualquer prática como esporte, como apresentado na frase: “[...] *já pratiquei capoeira também. Enfim gosto muito de praticar esportes e sei que é muito importante para nossa saúde*”.

A ideia do **rendimento e do agendamento** aparece de maneira mais forte no trecho a seguir “*conquistamos dez medalhas, 4 de ouro, 3 de prata e 3 de bronze, nos emocionamos em todas as provas, mas certeza o momento mais especial e emocionante para nossa vida foi a última prova dos jogos de Atenas. Foi na Maratona que [...] Vanderlei Cordeiro de Lima nos demonstrou o verdadeiro espírito de competição*”.

[...] um ataque inesperado de um torcedor irlandês completamente maluco. Vanderlei nos ensinou que o importante mesmo é competir, claro que ganhar medalhas é a meta de qualquer atleta". Conclui o texto tentando passar uma lição, escreve *"Com tudo que aconteceu aprendemos que o importante é não ficar parado, por isso mexam-se..."* Esse trecho evidencia a influência do discurso midiático gerando imposição de uma cultura esportiva, porém é bastante contraditório, pois ao mesmo tempo em que se incentiva a prática pautada no discurso da saúde (prática orientada), os meios influenciam no espetáculo transformando a estrutura do jogo, consolidando cada vez mais a cultura esportiva do telespetáculo.

Quando pensamos no telespetáculo, um dos elementos intrínsecos desse conceito é a erotização do corpo como estratégia de subjetivação do consumidor.

Ao refletir sobre o papel socializador das mídias Borges (2007, p. 97) entende que a

[...] erotização que ela promove, por meio de representações sobre sexualidade, corpo e gênero, opera no sentido da subjetivação não só de adultos, homens e mulheres, mas também trabalha, nas sociedades contemporâneas, para a formação das identidades infantis e juvenis. Numa sociedade onde as fronteiras entre o público e o privado se encontram esmaecidas, e na qual os discursos sobre a sexualidade são parte central dos conteúdos dos meios de comunicação, cria-se um conflito entre as formas tradicionais de perceber as necessidades da infância e o tipo de representações com os quais as crianças se deparam com insistente frequência no seu cotidiano. Esse tipo de preocupação que pretende separar as crianças dos conhecimentos e experiências do mundo adulto que se referem à sexualidade é um fenômeno da modernidade, consequência da construção ocidental da infância, que tem como um dos seus fundamentos a dessexualização das crianças.

Essa situação consiste num impasse, pois, exerce grande influência na construção da subjetividade já na infância. O mais instigante de tudo isso é saber que tal lógica está atrelada a questões econômicas. O corpo se torna uma mercadoria, ou melhor, a imagem do

corpo exerce o papel de uma mercadoria, e essa mercadoria precisa vender. Assim as crianças e adolescentes, por falta de uma mediação de maior qualidade crítica, acabam sendo alvos fáceis das campanhas publicitárias. Debord (1999) é preciso ao dizer que [...] o espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social.

Leticia M. K. - 14 anos, 9º ano, Jaraguá do Sul – na página 8 da edição de setembro de 2008, desenhou uma atleta de vôlei (**fig. 7**), com uniforme numerado e joelheira, executando uma cortada, um exemplo da mercadoria corpo, construída pela lógica do espetáculo. A presença da erotização na mídia pode ser observada na reprodução da aluna, no desenho em que apresenta a atleta em destaque para o “shortinho da atleta”, um padrão do voleibol feminino. Além de identificar a ideia de erotização no desenho também a encontramos em um texto publicado na página 10 do encarte de setembro de 2004.

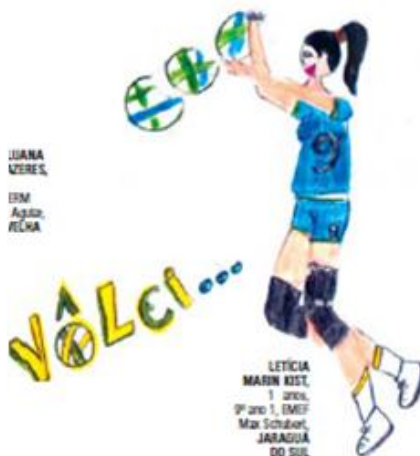


Figura 7. Desenho de aluna, mostrando o uniforme de atletas de vôlei.
(Fonte: AN Escola Rede Municipal set/2008)

Bruna, Monique, e Stefany escreveram um poema (**fig. 8**) parodiando a música de Marjorie Estiano “você sempre será”. Na paródia elogiam a garra da seleção masculina de vôlei. No trecho “[...] eles são todos de mais, mas o Giba é muito mais” podemos identificar a presença de idolatria.

As alunas indicam que todos são bons jogadores: “**no grupo só tem gostoso**”, mas um “**é demais**”, o ídolo Giba. Aqui parece visível a

cumplicidade da mídia com o seu público. A Mídia, promotora de espetáculo, também investe na erotização para vender seus produtos, utiliza a imagem do corpo do atleta, como um padrão estético de beleza, como uma estratégia de aproximação com o público. Estratégia voltada ao consumo de uma mercadoria. Seria uma espécie de mercado de subjetividades. Onde o jogo publicitário escolhe um personagem para vender seu produto, e o público/consumidor retribui a isso com sua idolatria. Nesse caso o retorno do público está explícito no poema da aluna que foi publicado nesse caderno de um projeto educativo.

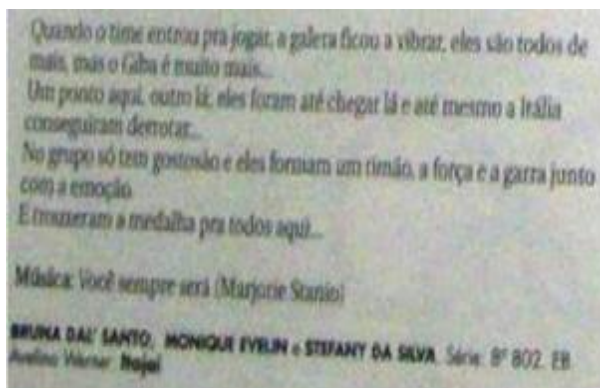


Figura 8. Poema de Aluna. (Fonte: AN Escola, p. 10, set 2004).

Outra matéria selecionada para análise mostra o quanto a publicidade já está incorporada no cotidiano. O desenho de Felipe K. (**fig. 9**), de certa forma nos mostra a influência do espetáculo em nossas vidas, já que até mesmo para apresentar um lance bonito de gol, é preciso referenciar esse lance dentro do mundo do telespetáculo.

Como podemos ver, além das placas publicitárias de um canal por assinatura e de uma empresa de telefonia, existe a figura de um repórter atrás do gol. O que a primeira vista seria um desenho qualquer, pois a publicidade já faz parte do cenário, está no cotidiano do esporte espetáculo, num olhar mais aguçado demonstra a consequência de uma naturalização dessa moldura. Podendo vir a influenciar em suas práticas de consumo.

Ainda abordando a lógica do rendimento e o ideal da conquista de medalhas apresentamos dois desenhos publicados na página 8 do suplemento de setembro de 2004.

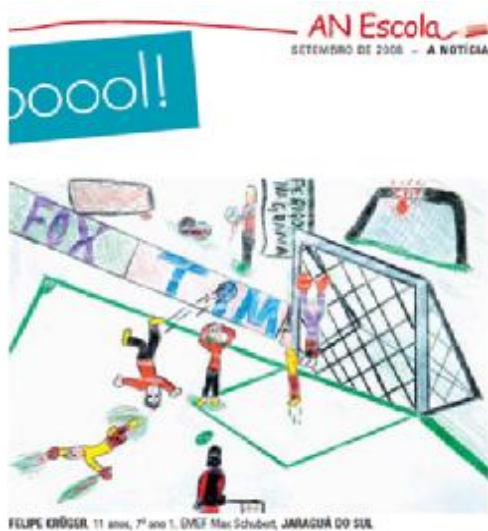


Figura 9. Desenho de aluno. (Fonte: AN Escola Rede Municipal, p. 4, set/2008).

Willian S. 14 anos, 8ª série, dividiu o seu desenho (**fig.10**) em 5 partes, apresentando uma tabela de basquete, uma trave do futebol, uma rede de vôlei, uma piscina com um nadador e por fim uma medalha olímpica. Os esportes mais tradicionais vêm representados por índices culminando no 5º quadro, medalha olímpica, como objetivo a ser atingido.

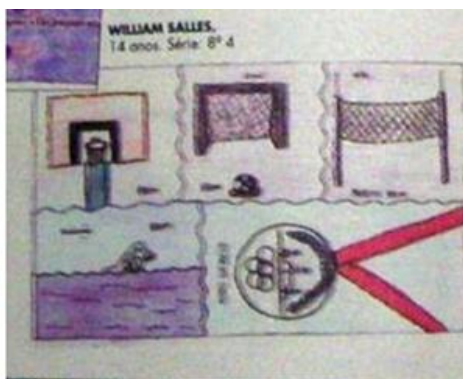


Figura 10. Desenho de aluno. (Fonte: AN Escola, p. 8, set/2004).

Mais uma vez a medalha é representada como índice de rendimento no desenho de Andrey K. 14 anos, 8ª série, que trata uma partida de vôlei de quadra (fig. 11). O desenho faz referência à conquista do ouro no vôlei de quadra masculino.



Figura 11. Desenho de aluno. (Fonte: AN Escola, p. 8, set/2004).

3.5.2 Personagens

A categoria surge quando identificamos nas matérias a personificação na notícia. Ou seja, um personagem, no caso do esporte um atleta, que pode ser herói, ídolo ou vilão, é apresentado como um elemento de proximidade e identificação com o público. O esporte como um [...] fenômeno de massa não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença de “heróis”, “estrelas” e “ídolos”. São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento (HELAL, 2001, p. 154).

É através do personagem que a notícia se torna uma “história”, seria uma “perspectiva” do fato. Essa história pode ter final feliz, quando tudo ocorre bem o herói estava lá, quando tudo corre mal há de se arranjar um culpado, um bode expiatório.

Temos alguns exemplos recentes e muito famosos dessa situação, como a derrota do Brasil para a França em 2006. Na situação em que o Francês Henry marca um gol, o vilão entra em cena. Poderíamos escrever de forma fictícia o lance: “O lateral Roberto Carlos estava na formação da barreira quando Zidane se preparava para cobrar a falta. O juiz autoriza a cobrança, RC abaixa-se para arrumar a meia ao invés de acompanhar a corrida e marcar o atacante francês, que assinala o gol e

decreta a derrota brasileira. Ah! RC porque não deixou a meia pra lá?”. Nossa narração “fictícia” se deu no sentido de mostrar o discurso construído sobre o anti-herói, o culpado. O detalhe é que o lance decreta a derrota brasileira e não a vitória da França, a final “somos” penta campeões mundiais e nada deveria contrariar a profecia anunciada – pela mídia e publicidade - do Hexa.

Este é apenas um exemplo do “drama” apresentado pela “falação esportiva”, poderíamos apresentar exemplos de uma narrativa construída sobre o herói, mas faremos utilizando as matérias que selecionamos nos suplementos. Antes disso é preciso mais uma consideração. Para Pires (2003) a “informação, o entretenimento, e a publicidade” na contemporaneidade são parceiros indissociáveis, o que contribui para entendermos melhor por que a mídia personifica suas notícias, existe a necessidade de divulgar um produto que está vinculado à imagem de determinado jogador, como por exemplo, Giba do Vôlei, modelo de uma marca de produtos esportivos que faz muita publicidade nos canais abertos, ou seja, esta publicidade significa lucro para as empresas midiáticas.

O discurso midiático da personificação ganha eco nos consumidores das notícias como podemos observar nos textos a seguir.

Na página 10 do encarte de setembro de 2004 há um poema (fig. 12) homenageando os heróis de ouro do vôlei masculino, citando inclusive os nomes Giba, Nalbert, Ricardinho, e Henrique.

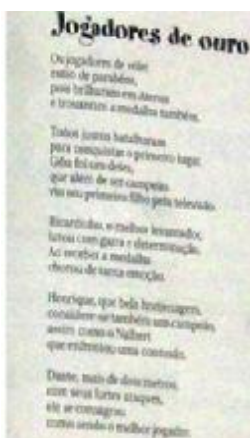


Figura 12. Poema de aluna. (Fonte: AN Escola, p. 10, set/2004)

O poema de Bruna C.C. – 7ª série Joinvile - revela os dramas vividos pelos jogadores da seleção, como o de Giba que “*viu seu primeiro filho pela televisão*”, ou o de Ricardinho “*melhor levantador*” que “*ao receber a medalha chorou de tanta emoção*”. O drama se estende até os jogadores que não disputaram todo o torneio por lesão, ou que foram cortados, como Nalbert (lesionado) e Henrique (cortado), este último foi homenageado pela equipe. Bruna também prestou sua homenagem quando disse “*considere-se também campeão*”.

Além da personificação e do drama também é possível identificar fortes indícios da lógica espetacular do rendimento esportivo como na parte em que a aluna destacou a potência e a grandeza da seleção, tendo como exemplo o jogador Dante “*mais de dois metros, com seus fortes ataques ele se consagrou como sendo o melhor jogador*”.

Outro exemplo da personificação pode ser visto na página 12 (fig. 13) do encarte de setembro de 2004. Essa página é dedicada, quase que exclusivamente a Daiane dos Santos.

O texto da redação, com o título “*Para o esporte não há limites*” aborda a superação de limites no esporte. Sejam os paratletas, ou seja, a “*nossa brasileira*” Daiane dos Santos. No trecho destacado a primeira inferência que fizemos sobre a personificação do ídolo como estratégia de aproximação do público e a criação de uma identidade nacional, é o amor à pátria. O drama precisa ser sentido na pele dos brasileiros, eles precisam se identificar, afinal quase todo brasileiro sofre, atravessa dificuldade e precisa superá-las diariamente para sobreviver.



Figura 13. Página do encarte. (Fonte: AN Escola, p. 12, set/2004)

Então “*nossa brasileira*” entra “*em cena*”. O drama pessoal da atleta se torna público e funciona como sua publicidade social, sua imagem é valorizada no espetáculo e por consequência valoriza o espetáculo e os produtos que estão agregados a ele. Assim o texto considera que Daiane superou as dificuldades econômicas e sociais além da dificuldade de começar a treinar muito tarde para os padrões da ginástica.

A idolatria é flagrante, somente nessa página são 4 desenhos que fazem menção a Daiane dos Santos. Num deles ela está literalmente voando - ao lado da bandeira brasileira. Também há pequenas frases de alunos e alunas dando incentivo e reconhecimento pelo esforço da ginasta, apesar dela não ter conquistado a medalha de ouro. Como ocorre no texto com desenho de Natra G. – 7 anos, 1ª série, Itajaí, que valoriza a participação nos jogos apesar de não ter conquistado o ouro. Ela escreve: “*a Daiane é uma menina muito boa, mas ela perdeu a medalha de ouro*”. Exalta a bondade de Daiane, apesar de não ter ganhando o ouro. Identificamos a influência do discurso da mídia na construção da imagem dessa atleta, (representada no desenho num salto muito distante do solo) depois de tanto agendamento, tanta publicidade como justificar o fracasso? Como fazer o público entender o porquê de mais esta profecia não ter se concretizado? Talvez a resposta seja o “drama”.

Essas personagens da mídia acabam ganhando um status de deuses, ou como diz o título da página 7 do suplemento de maio de 2008 “**mais que mortais**” (fig. 14). Nesta página destacamos duas matérias: o texto da redação e o desenho do Alexandre Pato.

O primeiro elemento passível de crítica refere-se à apresentação do esporte na perspectiva da continuidade, como se as práticas corporais da antiguidade tivessem as mesmas características da atualidade. “*Tão antigo na vida do homem quanto o hábito de alimentar-se, o esporte é um grande gerador de heróis*”. Convém destacar que os jogos da antiguidade possuíam caráter místico-religioso sendo que os homenageados eram os deuses. Já na atualidade os homenageados são os próprios heróis, eles são os tratados como deuses.

O texto também revela um pouco do que a mídia faz para criar o ídolo, como podemos ver no trecho “*os atletas são pessoas comuns. Mas quando entram em ação, eles criam asas, músculos, garras, superpoderes. Superam seus próprios limites*”. Ao apresentar a ideia de tornar seres humanos comuns, “quase deuses” mostrando à “garotada” a importância de serem determinados e dedicados, e apresentado isso

como uma virtude, um valor para conseguir sucesso na vida, a matéria acaba influenciando diretamente o imaginário social das pessoas. Sem falar que a ideia de rendimento defendida no texto acaba reforçando a cultura esportiva da sociedade. Como pode ser evidenciado no seguinte trecho: “*Estabelecem records e inspiram gerações. E, de quebra, transmitem importantes valores para a garotada como determinação e dedicação*”. Podemos constatar o que estamos discutindo no desenho de Wesley C. H. - 13 anos, 8ª série, Canoinhas.



Figura 14. Desenho de aluno.

(Fonte: AN Escola Rede municipal, p. 7, maio/2008)

O menino desenhou o jogador Alexandre Pato, vestindo a camisa 10 da seleção brasileira e com capa de super-herói. Ao pensarmos na carreira meteórica de um jogador que com apenas 17 anos de idade já havia conquistado o título de Campeão Mundial Interclubes, pelo *Internacional de Porto Alegre* e logo depois é vendido para o “poderoso” Milan fica fácil de perceber por que o jovem Wesley o desenhou vestindo uma capa de herói. A situação vivida por Alexandre Pato é um prato cheio para mídia, seja para reforçar o seu discurso ou para anunciar produtos associados a imagem de um jogador vencedor.

Outra situação muito explorada pela mídia foi o ocorrido na maratona olímpica em Atenas 2004. Evento que ficou mundialmente conhecido como o “ataque” do ex-padre irlandês ao maratonista Vanderlei cordeiro. Pensando em dimensões planetárias essa imagem foi mostrada e comentada por muito tempo e ainda segue sendo um exemplo de superação e espírito olímpico. Constatando que se trata um atleta brasileiro, observamos que no país *tupiniquim*, tal feito, além de ser visto como exemplo de garra, superação e olimpismo também é dimensionado como uma grande demonstração da identidade nacional, esse acontecimento se torna um feito patriótico, e Vanderlei um personagem heróico. Assim, não poderia ficar de fora do encarte do AN Escola de setembro de 2004. Na página 14 são 3 matérias dedicadas a esse feito, um texto introdutório, um desenho e um texto de aluno.

O texto introdutório da página, intitulado “*Os Obstáculos da Vida*” (fig. 15) apresenta a cena do “ataque” fazendo uma alusão aos obstáculos que enfrentamos diariamente em nossas vidas e que precisamos superá-los. Assim, o personagem Vanderlei é usado como exemplo a ser seguido. Podemos identificar Vanderlei como herói e como um exemplo a ser seguido, por todos, na frase: “*Mas nem aquele incidente conseguiu tirar o bom humor do corredor, que chegou em terceiro lugar e acabou se tornando uma celebridade no Brasil e no mundo*”.



Figura 15. Texto introdutório. (Fonte AN Escola, p. 14, set/2004)

Na mesma página também estão expostos o desenho de Heitor A. S. – Joinvile (**fig. 16**) - que reproduz o momento em que Vanderlei cordeiro é “atacado” pelo Irlandês. O poema em tom bastante **nacionalista** exalta os resultados de conquista de medalhas para o Brasil, inclusive a medalha de honra conquistada por Vanderlei Cordeiro. Como podemos observar na sequência do texto de Adalberto M. B. J. - Jaraguá do Sul: “*Oh Brasil, nessas olimpíadas você superou seus objetivos, ganhou, ganhou, ganhou, ganhou experiência, confiança, destaque, 4 medalhas,(...) País do maratonista Vanderlei (...) Se esforce que você vai chegar lá (...) e você, que também é brasileiro mexa-se*”. Nesse recorte do poema identificamos um ótimo exemplo de patriotismo e de brasileiroismo, e também fragmentos da dimensão do rendimento.



Figura 16. Texto e poema de aluno. (Fonte: AN Escola, p. 14, set/2004)

Como já dito anteriormente, as matérias de nosso recorte contemplam mais de uma dimensão/concepção do esporte. Nestas últimas matérias analisadas, uma dimensão muito presente e associada aos personagens é a do nacionalismo. Assim o tópico seguinte apresentará nossas análises referentes a essa categoria.

3.5.3 Nacionalismo

Esta é uma categoria muito presente em nosso corpus, em muitos trabalhos de alunos e textos do corpo editorial.

Existem diferentes formas de compreender o nacionalismo, porém fundamentados em Hobsbawm (2002) podemos dizer que a ideia de nacionalismo vem antes da ideia de nação. Para construir uma nação o sentimento nacionalista se faz muito necessário. Sentimento que foi de grande importância para a criação do “estado-nação”. O pensamento liberal e posteriormente o a ideologia do progresso levaram pequenas “povos” a se anexarem aos maiores, assumindo a língua oficial dos últimos, como alternativa de sucesso no mundo moderno que se sustente na concorrência e na economia de mercado.

O nacionalismo talvez seja a maior expressão da era industrial, principalmente por funcionar como um fator de comparação objetiva de uma nação com outra, ou seja, ao comparar, diferencia e cria uma escala hierárquica.

Tal sentimento é muito marcante nos grandes estados nações do século XX, como a Alemanha de Hitler, a Itália de Mussolini, e Rússia de Stalin. Porém, podemos observar que este sentimento atravessou os oceanos e também se faz presente na América do Norte e América do Sul. O nacionalismo na América do Sul teve seu apogeu durante os regimes militares ditatoriais, funcionando como uma alavanca contra o chamado Internacionalismo que soprava dos ventos das Internacionais socialistas, um fantasma que rondou não apenas a Europa como também o continente Americano, mas que não conseguiu fazer mais que assustar.

Uma das formas de o nacionalismo ganhar força foi o esporte, que passa a ser visto como um símbolo de identidade nacional, no Brasil, temos o exemplo do futebol.

O sentimento que aflora do nacionalismo é o patriotismo, o amor à pátria. Tal sentimento é muito explorado pela mídia quando acontecem grandes eventos esportivos. Estes eventos são uma guerra sem mortes, cuja arena, o palco do espetáculo, é montada pela mídia. Agora que estamos vivendo o agendamento midiático da Copa do Mundo, já podemos ver as propagandas publicitárias que utilizam desse sentimento. Em muitos desses produtos publicitários os personagens, que aqui chamamos de bodes expiatórios, são os jogadores da seleção argentina. Os publicitários e até mesmo locutores esportivos, em especial da TV aberta, adoram provocar os hermanos. Nossa reflexão

mais uma vez acaba nos remetendo a ideia de comparação objetiva, o rendimento.

Além da comparação também pauta o discurso nacionalista aquilo que eleva a moral do povo, então nossos melhores “produtos”, nossos atletas de ponta, são usados como um modelo de brasileiro ideal, cujo sucesso que obtém – que se dá por suas performances – é motivo de muito orgulho à nação brasileira. Tal sentimento que foi tão exaltado pelas ditaduras militares na América Latina, parece vir à tona em tempos de grandes eventos, e em tempos dos atletas *superstars* como o Ronaldo *fenômeno*, atleta que virou exemplo de superação depois de tantas lesões e cirurgias nos joelhos e, ainda assim, continuar jogando futebol em grande nível. Deste “drama” nasceu o jargão “sou brasileiro e não desisto nunca”, tão em moda atualmente, que passou a ser utilizado em campanhas publicitárias de cerveja.

Porém, é preciso pensar como é possível criar um elo, uma identidade de nação, entre as pessoas de um país com proporções continentais e com mais de 180 milhões de habitantes - inclusive nascidos em outros países. Como é possível também expandir esse elo aos brasileiros que residem fora do país?

Para Bitencourt (2009, p. 176) “tempo e espaço, vividos em diversas lógicas, não indicam de forma segura uma brasilidade, antes, afirmam o diverso, ou melhor, brasilidades”.

Assim perguntamos que elemento teria o poder de criar uma brasilidade homogênea? A resposta dessa questão nos remete à invenção das tradições - já pautada no tópico de fundamentação teórica.

Uma importante tradição inventada é a criação do

[...] Estado nacional e seus símbolos como um sistema que amalgama uma coletividade em torno de si, principalmente a partir do uso da força, do aparato jurídico e de um aparato ideológico que inventa em nosso caso, uma identidade de brasileiro. Essa tradição de brasilidade inventada – através de narrativas que vão das guerras de Caxias às novelas das oito – impõe-nos uma moldura identitária a qual em nossa vida cotidiana só partilhamos parcialmente [...] a forja da identidade nacional brasileira – como a de outros Estados nacionais – é, então, resultado da invenção de uma tradição de brasilidade materializada pela luta armada na fronteira, portanto pelo território, na imposição de uma língua comum e, em consequência, na partilha de

mitos e de uma história, além da construção de um sistema de valores e normas parcialmente compartilhados, que um aparelho jurídico e burocrático faz funcionar, que por fim nos une [...] (BITENCOURT, 2009, p. 176-177).

Quando Fernando Bitencourt cita as lutas armadas, a partilha dos mitos e das narrativas usadas para contar esses feitos heróicos, ele nos indica uma boa possibilidade para pensarmos na construção de uma identidade nacional através dos feitos “heróicos” dos desportistas brasileiros.

Relacionando essa idéia com o discurso midiático esportivo podemos perceber os “feitos heróicos” dos atletas como um elemento central de sua narrativa. O “drama” das narrativas midiáticas esportivas acaba servindo como um elemento unificador, um elemento que constrói a identidade entre o povo e seus heróis.

No futebol um bom exemplo é o que se refere à garra do time ou de um jogador. Muitas vezes a imprensa esportiva e os torcedores acabam pedindo para que o time jogue com “garra”, quando lhe falta a técnica, e acaba usando como índice de garra os jogadores do sul do país ou os jogadores argentinos, por esses terem uma “tradição” guerreira, tradição essa que remeta as muitas guerras que essa região sul-americana atravessou em sua história.

Apesar de o nacionalismo estar muito em moda na época de grandes eventos esportivos, convém dizer que

nação, e nacionalismo não são mais termos adequados para descrever entidades políticas descritas como tais, e muito menos para analisar sentimentos que foram descritos, uma vez, por essas palavras. Não é impossível que o nacionalismo irá declinar com o declínio do Estado-nação, sem o que ‘ser inglês’, ou irlandês, ou judeu, ou uma cominação desses todos, é somente um dos modos pelos quais, as pessoas descrevem suas identidades, entre muitas outras coisas que elas usam para tal objetivo, como demandas ocasionais (HOBSBAWM, 2002, p. 215).

Com essas “pistas”, partimos às páginas do AN Escola para ver como o nacionalismo se constitui.

Na página 11 do encarte de setembro de 2004, o desenho de Fernanda M. – 12 anos, São Bento do Sul - homenageia a conquista do vôlei masculino. O desenho (**fig. 17**) recebe destaque na página ao ser publicado no centro da página.

Nele podemos ver o time brasileiro pronto para um bloqueio triplo. A bola do jogo representa o globo terrestre, que fica abaixo da

bandeira nacional brasileira. A bandeira está posicionada na parte superior do desenho, acima dos atletas, do globo e da rede da partida, uma representação da superioridade brasileira. O Globo abaixo da bandeira representa a inferioridade do mundo a esta nação tão especial. O detalhe do desenho são as frases escritas no entorno da bandeira. Frases que demonstram o orgulho de ser brasileiro como: “*ser brasileiro é lutar com garra... é suar a camisa*”.

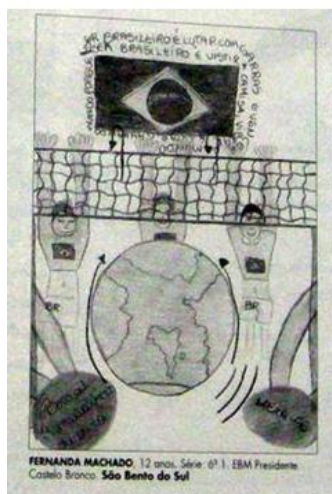


Figura 17. Desenho de aluna. (Fonte: AN Escola, p. 11, set/2004)

A página 16 (**fig. 18**) do encarte do mês de setembro de 2004, de forma geral apresenta muitos elementos que indicam a idéia de nacionalismo, a começar pelo título, que é escrito sobre a bandeira nacional estilizada. Também é possível identificar muitos atletas com bandeiras brasileiras em mãos ou próximos a elas.

Outra ginasta brasileira também é referida pela aluna Taiane A. S. - 14 anos, 8ª série, (**fig. 19**). Trata-se de Jade Barbosa. (desenho publicado na página “*Mais que Mortais*” do suplemento de maio de 2008).

Um texto acompanha o desenho, elogiando Jade Barbosa por superar a perda da mãe e se tornar um grande atleta como podemos observar nas palavras da autora “*Uma das heroínas do nosso Brasil é a ginasta Jade, pois ela superou muitos obstáculos para chegar onde ela está hoje. A perda da mãe, dificuldades financeiras, entre outras*

coisas”. Com essas palavras podemos observar mais uma vez como drama pessoal de uma atleta se torna público, tornando-se mais uma referência à sociedade.



Figura 18. Página do encarte. (Fonte: AN Escola, p. 16, set/2004)



Figura 19. Desenho c/texto de aluna.
(Fonte AN Escola Rede Municipal, p. 7, maio/2008).

Antes de apresentar as matérias referentes ao nacionalismo, destacamos o papel de mídia esportiva na construção da identidade nacional quando esta usa os feitos “heróicos” como estratégia de aproximação com o público. Após apresentá-las foi possível observar que este público, no caso os estudantes que enviaram seus trabalhos ao AN Escola, acabam confirmando a sua receptividade a esse discurso nos próprios trabalhos que foram publicados no suplemento, quando rememoram os feitos heróicos e os dramas vividos pelos atletas.

Ainda sobre as formas de criação de uma identidade nacional - como as que são construídas nas narrativas midiáticas e reproduzidas nas narrativas do cotidiano - citamos novamente Bitencourt (2009, p. 178). Para esse autor,

[...] só há identidade na relação. É preciso um outro para que se possa estabelecer a identidade. Só há identidade na alteridade. É assim que sou brasileiro diante de um argentino, catarinense na relação com um piauiense e florianopolitano sempre que quero dizer que vivo num lugar especial, pois dependendo do horizonte de relações opero uma identidade específica.

Essa citação parece sugerir um importante conceito que nos ajuda a perceber melhor esse vínculo, o conceito de alteridade. A ideia de ser o outro, colocar-se no lugar do outro é indispensável para que confirmemos o que somos e o que não somos.

Para Rúbio (2005), “é no corpo, que as duas dimensões da alteridade – igualdade e diferença estão simultânea e indissociavelmente presentes, uma dando sentido à outra”.

Entendemos que esta ideia de alteridade para a construção de um nacionalismo foi muito usada no discurso midiático esportivo quando o assunto eram os feitos dos atletas, e em proporções maiores ainda quando se tratava dos feitos dos paratletas. Exemplo disso é o atleta Clodoaldo Silva. O drama de ser deficiente físico, somado às 7 medalhas conquistadas nas paraolimpíadas foi conveniente para o discurso nacionalista da mídia.

Podemos observar a receptividade dessa ideia no desenho de Fábio G. (**fig. 20**). O desenho apresenta o rosto do nadador Clodoaldo da Silva, e suas 7 medalhas (6 ouros e 1 prata, como está escrito no desenho) bem em frente da bandeira brasileira. Um verdadeiro herói da Nação, pois conquistou sozinho, mais medalhas que muitos países.

Aqui a condição conquistada por seu rendimento esportivo levou Clodoaldo, um paratleta, à condição de ídolo brasileiro, ou seja, o rendimento que possibilitou a mais este *personagem* este status. O autor ainda escreve a seguinte frase em seu desenho “*é melhor as lágrimas de uma derrota do que a vergonha de não ter competido*”. Frase que demonstra o espírito olímpico (tema que abordamos dentro da categoria *Socialização*).

Essa matéria nos conduz a uma nova categoria que chamamos *inclusão social/cidadania*, e sobre essa perspectiva trataremos a seguir.



Figura 20. Desenho de aluno. (Fonte: AN Escola, p. 16, out/2004)

3.5.4 Inclusão social/cidadania

Quando pensamos no fenômeno esportivo contemporâneo, muitas vezes parecem referenciá-lo como uma maravilha, lhe atribuindo muitas qualidades. Uma das qualidades atribuídas a esse fenômeno é seu potencial “transformador”, que seria capaz de incluir socialmente as pessoas que estão a margem do sistema, transformando-as em cidadãos. Essas vozes de quais estamos falando podem ser identificadas nos governos nacionais, e na própria mídia. Um fala, o outro repete, funcionando como um sistema de ecos. Temos como exemplo disso o legado do Pan Rio/2007. Inicialmente o discurso governamental e midiático, em especial da Rede Globo, elencava os benefícios que o

evento traria aos cidadãos do Rio de Janeiro, entre eles o aumento da malha metroviária, e aumento de áreas de esporte e lazer para a população em geral. Porém passados alguns anos, pouca coisa mudou, o metrô não saiu do papel, muitas áreas de esporte e lazer construídas para o evento estão abandonadas, outras foram privatizadas, como o “Engenhão”, sem falar do superfaturamento do orçamento.

Com a escolha do Rio para sediar os Jogos Olímpicos de 2016, tudo isso pode acontecer novamente. Para que as coisas realmente aconteçam de forma correta a população precisa estar atenta e exercer sua cidadania. Muita coisa acontecerá até 2016, porém, o agendamento já começou. Entre as coisas que irão acontecer estão o desenvolvimento de projetos para formar atletas, assim como ocorrido em Beijing, antes dos Jogos olímpicos de 2008, e formar uma nação olímpica, encabeçada pelo Conselho Federal de Educação Física com o nome de educação olímpica.

A ideia de formar cidadãos pelo esporte pode ser vista atualmente em programas governamentais como o *segundo tempo*, voltado para “incluir socialmente” as crianças das periferias, oferecendo atividades esportivas para ocupar seu tempo livre e quem sabe conseguir “garimpar” um futuro campeão.

Acreditamos que a cidadania pensada por esses programas se dá em duas frentes. Primeiro, a “cidadania se daria no sentido de “civilizar” e socializar” estas pessoas no mundo em que vivemos, ensinando valores como a disciplina. Em segundo lugar, a cidadania, pensada por esses programas, de inclusão social, seria a cidadania conquistada por meritocracia, ou seja, se a pessoa produzir/render, poderá ser incluída na sociedade, se esta for um bom atleta conquistará o respeito merecido.

Sobre a primeira ideia apontada, Civilização/socialização a abordamos no tópico 3.5.5. No tópico atual nossa discussão se dá sobre o aspecto da cidadania conquistada por merecimento, tendo como exemplo os paratletas.

Segundo Gonçalves *et al.* (2009, p. 149)

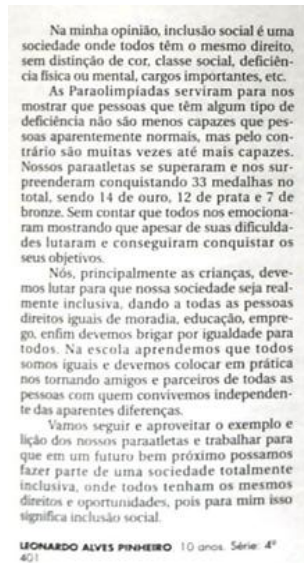
permitir que amputados, deficientes sensoriais, e físicos, se envolvem de alguma maneira em atividades desportivas é o que propicia ao para desporto seu discurso inclusivo - basta pensar nas oportunidades que se relacionam com o fato de a deficiência se fazer presente na vida de alguns sujeitos, como viajar pelo mundo e tomar parte de uma seleção brasileira, a parapanamericana ou paraolímpica. Em muitos casos, o não ser

deficiente poderia limitar (ao menos nos termos anteriores) possibilidades. Desta forma, a inclusão acaba sendo salientada, exaltada, como se todas as pessoas portadoras de algum diagnóstico de deficiência pudessem despontar para o mundo paradesportivo.

Nesse sentido podemos dizer que o discurso da inclusão ganha ainda mais força e sustentação quando pautado pela mídia na perspectiva das pessoas com deficiências. Quando isso é somado ao esporte melhor ainda, só basta montar a história e vender “emoções”. Assim vamos a nossa fonte.

O texto do Leonardo A. P. (**fig. 21**), publicado na página 3 do suplemento de outubro de 2004, toma o exemplo das paraolimpíadas para falar sobre inclusão social. A primeira observação que fazemos sobre o texto refere-se a sua linguagem, por se tratar de um aluno de 4ª série, suspeitamos que fora ajudado por um adulto. Feita a observação vamos aos trechos que nos interessam.

Leonardo inicia o texto dizendo o que entende por inclusão social. Segundo ele inclusão social “*é uma sociedade onde todos têm o mesmo direito, sem distinção de cor, classe social, deficiência física ou mental, cargos importantes, etc.*”



Na minha opinião, inclusão social é uma sociedade onde todos têm o mesmo direito, sem distinção de cor, classe social, deficiência física ou mental, cargos importantes, etc.

As Paraolimpíadas serviram para nos mostrar que pessoas que têm algum tipo de deficiência não são menos capazes que pessoas aparentemente normais, mas pelo contrário são muitas vezes até mais capazes. Nossos paraatletas se superaram e nos surpreenderam conquistando 33 medalhas no total, sendo 14 de ouro, 12 de prata e 7 de bronze. Sem contar que todos nos emocionaram mostrando que apesar de suas dificuldades lutaram e conseguiram conquistar os seus objetivos.

Nós, principalmente as crianças, devemos lutar para que nossa sociedade seja realmente inclusiva, dando a todas as pessoas direitos iguais de moradia, educação, emprego, enfim devemos brigar por igualdade para todos. Na escola aprendemos que todos somos iguais e devemos colocar em prática nos tornando amigos e parceiros de todas as pessoas com quem convivemos independentemente das aparentes diferenças.

Vamos seguir e aproveitar o exemplo e lição dos nossos paraatletas e trabalhar para que em um futuro bem próximo possamos fazer parte de uma sociedade totalmente inclusiva, onde todos tenham os mesmos direitos e oportunidades, pois para mim isso significa inclusão social.

LEONARDO ALVES PINHEIRO 10 anos. Série: 4ª
401

Figura 21. Texto de aluno. (Fonte: AN Escola, p. 3, out/2004).

Após apresentar seu conceito, como exemplo a ser seguido escreve: *“as paraolimpíadas serviram para nos mostrar que as pessoas que têm algum tipo de deficiência não são menos capazes que pessoas aparentemente normais, mas pelo contrário, são muitas vezes até mais capazes. Nossos para atletas se superarem e nos surpreenderam conquistando 33 medalhas [...] sem contar que todos nos emocionaram [...]”*.

Nesse trecho podemos observar que o autor diz que os paratletas são *“até mais capazes”* do que pessoas aparentemente normais. Inferimos que essa capacidade a mais se dá pelo fato desses produzirem mais, renderem mais. O autor acaba justificando isso quando apresenta os números, as conquistas dos paratletas, possivelmente esse aluno tenha feito uma *comparação objetiva* das muitas conquistas dos paratletas brasileiros com as poucas conquistas dos atletas brasileiros que disputaram as olimpíadas ditas “normais”. Uma ideia atrelada a lógica quantificadora de resultados, porém o que não é divulgado de maneira mais clara nas redes de TV aberta e provavelmente nos periódicos é que as paraolimpíadas são compostas por diversas classes e categorias que se adéquam ao grau e ao tipo de deficiência de cada atleta, o que pode elevar e muito o número de conquistas de um país, ainda que o número de participantes brasileiros nas paraolimpíadas seja menor que o número de atletas participantes nos jogos olímpicos.

Quando ele escreve que os paratletas nos *“emocionaram”*, revela mais uma vez a ideia de “drama” com o qual trabalha. Talvez a condição “deficiente” seja um potencializador da emoção que a mídia quer que sintamos, talvez seja uma potencializador da subjetivação.

Conclui o texto dizendo: *“vamos seguir o exemplo de nossos paratletas e trabalhar para que num futuro bem próximo possamos fazer parte de uma sociedade realmente inclusiva...”*. Apesar de concordar com o posicionamento de que devemos lutar por uma sociedade igualitária, nos parece que no texto a ideia de lutar pelos direitos, tendo o exemplo de superação dos paratletas, está relacionada à luta diária de superar os dramas vividos e não desistir da vida.

Na página 16 do encarte de outubro de 2004, o texto introdutório da página é um recorte do editorial do mês anterior (set/2004). Vale lembrar que os editoriais do encarte, até o ano de 2007, têm a função de apresentar/agendar a temática do mês seguinte. Apesar de já termos analisado esse trecho do texto na categoria rendimento, ainda tendo como referência o texto editorial, julgamos necessário apresentá-lo

novamente já que este, agora recortado, serve de introdução para uma página inteira dedicada à inclusão social (fig. 22).



Figura 22. Página do encarte. (Fonte: AN Escola, p. 16, set/2004).

O texto que nos referimos aborda a importância das paraolimpíadas para a sociedade brasileira. Segundo o texto, depois do evento o povo brasileiro começou a encarar os deficientes como cidadãos. A matéria introdutória (AN) faz referência à paraolimpíada, exaltando os resultados dos atletas brasileiros. O final do texto aponta que agora os deficientes físicos da sociedade serão vistos com outros olhos, (capazes de fazer muitas coisas). Diz que: “*Nas paraolimpíadas os atletas brasileiros mostraram que é possível superar os limites do próprio corpo e superar as barreiras do preconceito por meio do esporte. Depois dos jogos, muita gente passou a encarar os portadores de deficiência como cidadãos capazes, como os mesmos direitos de qualquer brasileiro*”.

Ou seja, reafirmamos que o rendimento vem servindo como parâmetro para a inclusão social, mostrando que está de acordo com a

ideologia da sociedade de consumo. Na página são vários desenhos que homenageiam os paratletas, jogadores com vendas nos olhos em disputa do futebol, um cadeirante com a bandeira nacional nas mãos, cadeirantes sobre o pódio, o desenho do atleta Clodoaldo Silva com suas sete medalhas no pescoço e também um poema que gostaríamos de destacar.

Else E. L. 12 anos, 6ª série, escreve um poema exaltando a garra e a conquista dos paratletas. Também usa isso como modelo a ser seguido pela sociedade.

O trecho mais interessante do poema diz “*mostraram que por serem diferentes – mas de direitos iguais. Nem tudo está perdido. Agora o Brasil os conhece como grandes amigos*”. Nesse texto, assim como nos demais, também está presente a ideia de reconhecimento por méritos. Como podemos observar, autora afirma que estes agora são amigos do Brasil, deixando subentendido que antes das conquistas não.

Else ainda escreve sobre a disposição dos paratletas como um modelo para muitas pessoas “*que têm boa coordenação*”, mas que não têm “*disposição*” sigam o exemplo e se “*sacudam um pouco*”. O fechamento do texto indica também a importância do movimento, possivelmente associando à saúde.

Bruno Duarte E S. -12 anos, 6ª série, São Bento do Sul – desenhou (fig. 23) uma pista de atletismo com atletas correndo.

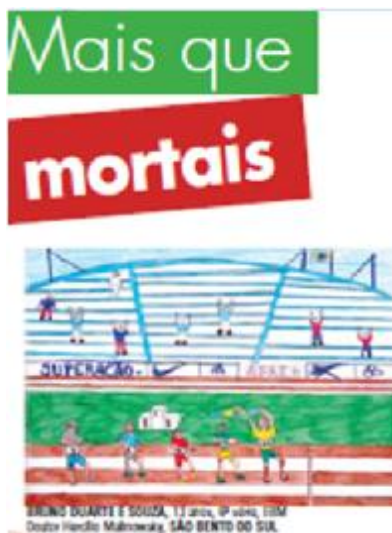


Figura 23. Desenho de aluno.

(Fonte: AN Escola Rede Municipal, p. 7, maio/2008)

O que está na frente carrega a bandeira brasileira, mais ao fundo, na arquibancada, há faixas fazendo referência a APAE e a superação. Assim como outros atletas que aparecerem na página 7 do encarte de maio de 2008 cujo título é “*Mais que mortais*”, o desenho de Bruno também “mereceu” ser colocado nessa página. Lembrando que quem “monta” as edições do suplemento é o seu corpo editorial. Assim, a partir da escolha dessas pessoas em colocar esse desenho nessa página é possível inferir que estes, enquanto jornalistas, compactuam do discurso hegemônico da inclusão, e também utilizam de estratégias narrativas baseadas no drama social para transmitirem suas mensagens.

A condição humana de ser deficiente em algum grau parece, em muitos casos, ser justificativa para qualquer coisa, isentando essas pessoas de qualquer condição de mediocridade.

Como escreveu Gonçalves (2009, p. 164)

[...] tal discurso que enfatiza, acaba em alguma medida retirando a dimensão da humanidade desses sujeitos. Dito de outro modo, o fato de alguém ter determinada deficiência, por esse único motivo, é tomado como suficiente para que esse seja apresentado às pessoas como moralmente correto, incapaz de cometer equívocos ou atos de crueldade. Novamente emerge a perspectiva de compensação – essa sempre associada ao *mas* –, expressando que é deficiente, *mas* é um excelente sujeito.

Finalizamos este tópico a dimensão da cidadania, comentada no início do tópico, e que aparece subentendida em muitas matérias analisadas.

Consideramos que ser cidadão é mais do que estar incluso numa sociedade estruturalmente e moralmente excludente. Concordamos com Arendt (1989), quando esta escreve que a cidadania é o direito a ter direitos. E mais do que isso o direito de fazer cumprir os seus direitos. A humanidade daria um grande passo se conseguisse usufruir de seus direitos, assim entendendo que a “luta” é no sentido de fazer valê-los e não por conquistar novos.

3.5.5 Saúde

A concepção de saúde, tão em voga, na sociedade contemporânea tem em sua base as ciências biológicas, ecoada no discurso médico, e assimilado pelo senso comum.

Dessa forma, pensar saúde seria pensar na ausência da doença. Hábitos “saudáveis” como cuidados com a alimentação e prática de atividade física regular são amplamente difundidos pela mídia, que também reforça a importância de procurar profissionais “habilitados” para prescrever alimentação, o nutricionista, e exercícios físicos, o profissional de educação física.

O eco desse discurso pode ser visto na “matemática” das calorias. Para termos saúde e estarmos livres das enfermidades, precisamos colocar na balança o consumo e o gasto de calorias. Difunde-se que a ingestão de muitas calorias sem a sua “queima” pode resultar na obesidade e numa série de riscos associados a ela, porém o que não pode acontecer é ficarmos refém dos cálculos, obcecados pelas tabelas nutricionais dos alimentos.

Existem muitas revistas “especializadas” em saúde, (e as que não são também) que publicam reportagens sobre a temática. De maneira geral podemos associar também o ideal de saúde a padrões estéticos. A imagem da beleza corporal é uma mercadoria muito rentável. Corpos esculpidos estampam as capas de publicação mensais e semanais. Homens com abdomens “sarados”, braços modelados, mulheres com glúteos e coxas definidas, barriga “negativa” e cintura “desenhada” são alguns dos clichês mais utilizados na mídia.

Esse ideal de “saúde” é aproveitado para um grande comércio de produtos, que podem ser comprados até mesmo pelo telemarketing, como podemos observar nas propagandas dos canais de televisão e também na internet, além de medicamentos para emagrecer, equipamentos e vestimentas para ginástica, produtos naturais, suplementos de alimentação, complementos poli-vitamínicos, calçados específicos para cada prática corporal.

Os aspectos que levantamos até então nos ajudam a perceber a existência de uma relação entre especialistas e consumidores, uma relação médico-paciente muito fria. Os especialistas, principalmente os médicos, como o nome diz, são vistos pela sociedade, e assim se imaginam, como os detentores do conhecimento, conferindo-lhes certo grau de arrogância e superioridade. E essa lógica corporativista do conhecimento também começa a se difundir para outras áreas da saúde,

por exemplo, a Educação Física, que desde 1998 está regulamentada por um conselho profissional, que tem relações desde sua origem até então, muito próximas dessa concepção de saúde.

O que temos visto até então nessa concepção de saúde são brigas corporativistas, pautadas pela lógica do mercado, em que o especialista atende em sua clínica, e ao atender o paciente não considera seu contexto social, somente seus aspectos fisiológicos.

A relação em que o paciente é considerado objeto pelo outro, subtrai mais que seu corpo; subtrai também seu psiquismo, priva-o de símbolos, significado pessoais e sociais sobre seu processo de adoecimento, menosprezando a importância do aspecto simbólico para a realização do tratamento (LUZ, 2003, *apud* GOMES *et al*, 2005, p. 111).

O que podemos verificar é que essa relação mercadológica resulta na descon sideração da subjetividade do “paciente”. Outra concepção muito difundida é a que defende a Organização Mundial da Saúde (OMS), a qual entende a saúde como “perfeito equilíbrio biopsicossocial”, sendo alvo de crítica por diversos autores (GONÇALVES, 2005). Porém esse equilíbrio se dá nas dimensões biológicas, psicológicas e sociais. Uma lógica, que compreende o ser humano de forma fragmentada, sendo resultado das somas das partes.

Outra perspectiva de saúde, pouco divulgada na mídia, visa mudar essa relação. A perspectiva saúde coletiva²⁶ pode ser entendida

²⁶ Nessa perspectiva, o fisiológico começa a dar espaço ao social, o sujeito passa a ser entendido dentro de um contexto e sua história de vida começam a ser valorizadas e acompanhadas, os profissionais não atendem apenas nas clínicas, agora vão até as casas das pessoas, com equipes multidisciplinares, tendo como base o “princípio da integralidade”, agindo como um “todo orgânico” (GOMES *et al*. 2005).

Segundo Gomes (2005), a humanização da saúde tem como “tripé fundamental” acolhimento, vínculo e escuta.

O conceito de Saúde Coletiva passa a ser referência para a saúde pública no Brasil, após a constituição de 1988. As mudanças começam com a reorganização do Sistema Único de Saúde (SUS) se estendo as Diretrizes curriculares da área da Saúde. Como podemos ver no *Programa da Saúde na Família* e o *Pró Saúde*. Este último visa potencializar as propostas de alteração na formação dos cursos de saúde através da parceria entre Universidades e Secretarias Municipais de Saúde, acompanhando a formação inicial e oferecendo formação contínua aos profissionais dos postos de saúde. O programa visa superar o modelo curativo de saúde e a ideia de clínica começa a ser abandonada. Atuando principalmente na promoção da saúde. Assim a saúde amplia o seu entendimento de ausência da doença e “equilíbrio biopsicossocial” para um ideia vida e saúde como um processo de saúde e doença, onde o sujeito é respeitado em sua totalidade.

como resultado das lutas sociais e da abertura política da América Latina no fim dos anos 70 e anos 80 do século XX. Gonçalves (2005) destaca esse movimento no Brasil, no interior de São Paulo, que surge da iniciativa da sociedade civil em reorganizar um setor tão destruído pela administração militar. Movimento que também aglutina exemplos vindos do México e Equador, nos estudos sobre saúde e condições de vida e o processo produtivo em minas de carvão, realizados por Ana Cristina Laurel, e respectivamente de Jaime Breilh que liderou equipes de intelectuais comprometidos com os equatorianos menos favorecidos.

No que se refere ao discurso de saúde atrelado ao esporte se revela como contraditória a ideia veiculada de que o esporte promove saúde, principalmente por esse ter sua lógica pautada no rendimento. Os estudos do campo acadêmico evidenciam que os atletas profissionais convivem com a dor e com graves lesões, o que leva a terem uma carreira profissional de curta duração, e ainda com poucos anos no auge de performance e rendimento.

Feitas estas considerações, apresentamos agora observações sobre a concepção de saúde presente no corpus de investigação.

A presença de matérias relacionadas à categoria saúde foi observada de forma mais recorrente nos “textos” de especialistas.

Em texto publicado na página 12 do encarte de setembro de 2008 com o título “Saúde é o que interessa” (**fig.24**) Flavya Mychelle Kirchof, *professora da EBM Prof. Anísio Teixeira, Florianópolis*, relata que a partir da temática proposta pelo AN Escola, ela juntamente com os alunos, começaram a sonhar com as modalidades que não têm acesso na escola. Conta que conversaram muito sobre os esportes e que tiveram a possibilidade de sonhar com modalidades como ginástica rítmica e o nado sincronizado. Nossa primeira reflexão se dá no sentido de apontar que o tema “*Esporte eu pratico*”, escolhido pelo AN Escola foi importante para estes alunos e professora tematizarem outras práticas corporais que não fazem parte do dia a dia da escola, porém como observado, a professora não demonstra nem um indício de ter realizado alguma dessas práticas, ela só relata que “... *nem por isso desistimos de produzir belos materiais. Começamos a imaginar os vários esportes a que assistimos pela televisão, ou até mesmo aqueles que podemos praticar nas praças e em nossa escola*”.



Figura 24. Texto da seção “papo de gente grande”.
(Fonte: AN Escola Rede Municipal, p. 12, set/2008)

Assim questionamos o porquê de não tentar realizar essas práticas. Seria um problema apenas de ordem estrutural da escola, ou um problema na formação da professora, ou ainda, seria esta uma professora de educação física? Talvez não, pois não está estipulado no encarte, se este for o caso poderia ser uma boa oportunidade para um trabalho em parceria com o professor de EF. Acreditamos que uma prática pedagógica no âmbito da cultura corporal deve ir além da reflexão sobre esta prática.

Segundo a professora, a temática do encarte também possibilitou “repensar o quanto o esporte faz bem”, assim nos perguntamos, bem em que sentido? Retomando o título do texto “*Saúde é o que interessa*” podemos inferir que este “faz bem” se refere à saúde. Também não aparece explicitamente a concepção de saúde defendida pela professora, dessa forma só podemos pensar que a professora associa a prática de esporte como sinônimo de saúde, possivelmente por este estar relacionado ao “movimento corporal”.

Na mesma página, no texto “Vantagens do esporte” (fig. 25) a professora Édila Gesser de Lima, da cidade de São Bento do Sul, escreve sobre os benefícios que o esporte oferece ao “bem estar”. Cita como grandes vantagens do esporte “*o combate à ociosidade, o controle*

do peso, a elevação da auto-estima, o aumento da resistência, a ajuda na busca de objetivos e estímulo no contato com outras pessoas, criando assim o sentimento de equipe e solidariedade entre os participantes. Além de fazer bem à saúde, o esporte permite trabalhar, ao mesmo tempo, a afetividade, as percepções, a expressão, o raciocínio e a criatividade”. Podemos identificar nesse recorte que a professora amplia um pouco a dimensão dos benefícios do esporte, abordando a dimensão afetiva, criativa/expressiva e o “raciocínio”.

Porém dois exemplos utilizados por ela remetem à dimensão da saúde biológica, “o controle de peso” e “o aumento da resistência”. Ela também dá indícios de uma visão moralista (MARCELINO, 1987) do esporte no sentido de ocupação do tempo livre, ao escrever que o “esporte combate a ociosidade”, revelando o espírito da sociedade capitalista, que é baseado na produtividade e consumo. Essa postura pode ser vista nos programas de “inclusão social” como o Segundo Tempo e o Escola Aberta.



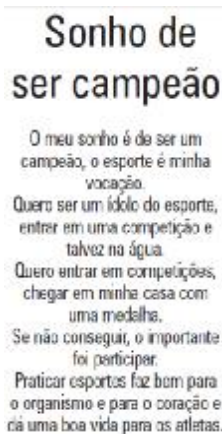
Figura 25. Texto da seção papo de gente grande.
(Fonte: AN Escola Rede Municipal, p. 13, set/2008)

mento à educação e uma forma eficiente de aumentar o interesse e o

desempenho do aluno na escola. Uma ideia é relacioná-lo aos conteúdos estudados em sala de aula”, acaba novamente assumindo uma postura bastante utilitarista, muito parecida com o que pretende a abordagem da psicomotricidade.

Ao finalizar faz uma ressalva “*veja os cuidados necessários e, depois, conheça e escolha o exercício ou o esporte que mais lhe agrada para entrar em forma*”. Implicitamente apresenta a ideia de que para praticar esporte é necessária a orientação, possivelmente de um especialista, além de reforçar a visão utilitarista de esporte como promotor de saúde.

A próxima matéria refere-se a um texto de título “*Sonho de ser campeão*” (fig. 26) do aluno Guilherme G., 9 anos, 4ª série, Herval D’oeste. Sobre o texto podemos fazer importantes observações, primeiro o autor apresenta seu sonho de ser um campeão dizendo que sua vocação é o esporte, segue falando sobre o seu desejo de ser ídolo.



Sonho de ser campeão

O meu sonho é de ser um campeão, o esporte é minha vocação.

Quero ser um ídolo do esporte, entrar em uma competição e talvez na água.

Quero entrar em competições, chegar em minha casa com uma medalha.

Se não conseguir, o importante foi participar.

Praticar esportes faz bom para o organismo e para o coração e dá uma boa vida para os atletas.

Figura 26. Poema de aluno.

(Fonte: AN Escola Rede Municipal, p. 23, set/2008).

Aqui apontamos como elementos passíveis de discussão primeiro a ideia de vocação, que é no mínimo questionável, e em segundo lugar a ideia de ser ídolo. Inferimos que essas ideias repercutem bastante na mídia, principalmente quando o assunto é futebol.

Ao tratar do fenômeno mais popular do país, a mídia tende a passar a ideia de que todo o brasileiro é bom de futebol, como se todos tivéssemos um dom para essa modalidade.

Essa forma de pensar poderia ocorrer nas representações sociais e se estender a outras modalidades. No caso do menino Guilherme, parece que essa vocação se estende até a natação. O rendimento também se faz presente nos textos de alunos. O poema a seguir intitulado “sonho de ser campeão” mostra a importância dada ao rendimento e as possibilidades de reconhecimento social, uma vez que nos sagremos campeões. Na sequência do texto escreve “*quero entrar em competições, chegar em minha casa com uma medalha*”, o que também denuncia a presença da lógica do espetáculo/rendimento.

Posteriormente apresenta a dimensão da *saúde* quando aborda os benefícios do esporte, como podemos ver a seguir: “*Praticar esportes faz bem para o organismo e para o coração e dá uma boa vida para os atletas*”. Bem no final do texto, “*e dá uma boa vida para os atletas*”, ficam subentendidas duas questões, a primeira diz respeito a “boa vida” dos atletas estar relacionada à saúde que estes possuem; um segundo olhar nos leva a pensar que a boa vida está relacionada à condição financeira dos atletas.

Analisando estas duas possibilidades interpretativas consideramos que tanto a primeira quanto a segunda são reflexos de um entendimento do senso comum, e que é fortemente divulgado nos meios massivos.

A partir dessa análise identificamos elementos que evidenciam a necessidade do professor de EF trabalhar o esporte nas suas múltiplas dimensões, isso poderia contribuir, e muito, para que o aluno entendesse que os atletas de ponta convivem com a dor e com lesões. Muitos nem possuem hábitos saudáveis, usam produtos para aumentar o rendimento atlético e também as chamadas drogas sociais, como veremos na próxima matéria.

A aluna Talita – 12 anos, Joinvile – na página 6 do suplemento de setembro de 2004, escreveu um poema (**fig. 27**) apresentando as virtudes de ídolos como Ronaldo, Giba e Daiane dos Santos. Sobre Daiane do Santos a aluna escreve “*dar um salto para a vida e saber dizer não às drogas*”; sobre Giba escreve “*bloquear a tristeza e cortar a preguiça*”. Refere os atletas para criticar o uso de drogas e criticar a preguiça, o ócio, ou seja, uma coisa leva a outra.

Deixa uma solução para esses problemas, a prática de esportes, e ainda indica um local para essa prática, quando escreve “*Seja você também um craque brasileiro, siga meu conselho. Mexa-se também na escola, pois talvez medalhas você não ganhe, mas pode ser mais um dos alunos de ouro!*”

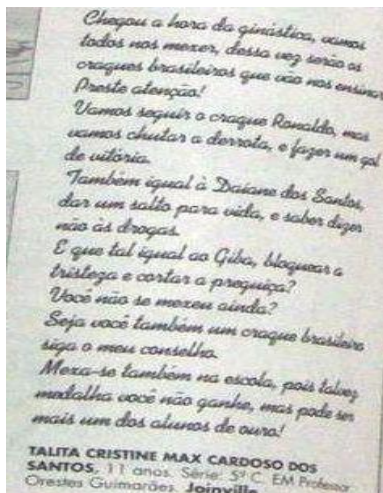


Figura 27. Poema de aluna. (Fonte: AN Escola, p. 6, set/2004).

A ideia de que o esporte afasta das drogas é irresponsavelmente divulgada no discurso do senso comum. É preciso recordar o que Kunz (2003) chama de dimensões inumanas do esporte, entre elas o doping. Nessa matéria um dos atletas que foram usados como exemplo, Daiane dos Santos, recentemente recebeu suspensão por doping. Os outros dois atletas estiveram envolvidos em polêmicas pelo uso das chamadas drogas sociais, como a maconha e a cocaína. Giba foi condenado por uso de maconha e Ronaldo de ter consumido cocaína num suposto programa com travestis no Rio de Janeiro.

Estes são acontecimentos recentes e que não são tão raros. A escola precisa abordar essa dimensão e estar mais atenta ao discurso da mídia que ao construir a imagem do ídolo confere-lhe o status de um quase deus, retirando-lhe sua dimensão humana.

Tudo isso será aproveitado pela mídia como parte do drama, se o atleta se recuperar ele é um exemplo de superação, se o atleta afundar é um exemplo de fraqueza e dos riscos que as drogas oferecem.

Na página 10 do encarte de setembro de 2004, na seção *cantinho da história*, a autora Else Sant'anna Brum, fala sobre um torneio de "futebol na floresta" (fig. 28), modalidade que chega até os bichos através de um macaco que conviveu com seres humanos. Entre os personagens destacamos o papagaio Galvãozinho (seria uma sátira do

narrador esportivo, da Rede Globo, Galvão Bueno) que se tornou o locutor oficial do torneio da floresta.

CANTINHO DA HISTÓRIA
ELISE SANT'ANNA BRUM
 Ilustradora infantil e educadora
 elisebrum@gmail.com



Futebol na floresta

O macaco Jurelino foi criado na cidade desde bem pequeno. Levado por um caçador que o roubou de sua mãe, conseguiu fugir, indo parar na casa de uma família que vivia para o esporte. Bem tratado, resolveu ficar para aprender sobre a vida dos humanos. O filho mais novo da família, menino alado, jogava futebol com três irmãos da cidade. Com seis, o macaco passava horas brincando e aprendendo a jogar futebol.

Uma vez, a família foi fazer um piquenique sem paique que ficava ao lado de uma floresta e o macaco, curioso como se foi, aventurou-se sozinho por uma trilha. Foi parar no meio da floresta, onde encontrou outros macacos que o reconheceram a flor ad.

Jurelino achou interessante ficar junto aos seus iguais. Mas antes voltou correndo ao paique para se despedir da família que o havia acolhido com tanto carinho. A despedida foi dura, mas eles acudiram a distância que o macaco tomou.

Jurelino era muito comunicativo e não demorou a fazer amizade com o bicarado. Liderou então um movimento em favor da política de esporte entre os bichos, principalmente o futebol, do qual ele entendia bastante.

Logo fez, que um dia o João, que é o rei dos animais, assinou um decreto para que os bichos da floresta fizessem seus times de futebol, para só quarta promover um campeonato. Foi um rebuliço, mas em pouco tempo apareceram o resultado. Bichos grandes e pequenos logo se estruturaram. Jurelino, que era presidente do time dos macacos, propôs que houvesse um estádio para a apresentação das partidas.

"É claro", falou o papagaio Galvãozinho. "Desde se viu um campeonato sem estádio de futebol!" imediatamente colocou-se como locutor oficial. Os bichos foram unânimes em aceitá-lo, pois falar bem e bonito como Galvãozinho, ninguém mais naquela floresta sabia.

No dia do estádio, o sol espalhou bem cedo seus raios no grande estádio que o João mandara construir. Era um espaço grande com largas arquibancadas e árvores para abrigar espectadores de espécies que não jogavam, como pássaros, insetos e os bichinhos miúdos.

Nas arquibancadas, as bandeirinhas eram agilhadas ao som de alguns cantinhos. Era bonito ver o osmero dos participantes tanto nos uniformes coloridos, quanto no modo de jogar. O rei assistia a tudo, satisfeito por ter sido tão bem tratado. Após o estádio, ele fez um pequeno discurso e declarou aberto os jogos, que duraram três dias.

Galvãozinho lá estava de relógio em um palco irradiando os jogos e comentando sobre a alegria das partidas que vibravam pelos jogadores. Tudo no maior respeito.

Um time que se destacou foi o dos burros. O guarda, um homem bonito e forte com cabelo preto e olhos brancos, chamava a atenção pela elegância. Ao ser entrevistado, falou com toda a modéstia:

"Ora, ora, eu sou um burro, mas sou inteligente! Pratico esporte desde pequeno!"

É sabido de uma coisa? O time dele foi campeão e ele ganhou a medalha especial de melhor goleiro do campeonato.

"Al, al, al", disse uma girafa, olhando ainda mais o seu companheiro peçoço. "Este mundo está mesmo virado! Imaginem, um burro ganhando medalha!"

Ladainho, o príncipe da floresta, falou para dona girafa:

"A senhora está pensando continuar a diferença entre burros e burros?"

"Isso mesmo", falou o macaco Jurelino. "É a senhora, dona girafa, precisa procurar um esporte que seja do seu povo e praticá-lo! Que tal no próximo campeonato um time de mininos de girafas?"

As girafas que estavam ao redor aplaudiram com entusiasmo!

Figura 28. Estória infantil do “cantinho da história”.
 (Fonte: AN Escola Rede Municipal, p. 10, set/2008).

Num trecho em que conta sobre o estádio que foi construído na floresta para que os que não podem jogar possam assistir às partidas, podemos identificar elementos do espetáculo esportivo, primeiro quando apresenta a construção de um estádio, e depois quando fala que este estádio é para aqueles que não podem participar: “os insetos e os pássaros”. Nesse segundo momento inferimos a associação destes frágeis animais conosco que meros mortais espectadores e não “mais que mortais”, como indicado no título da página 7 do encarte de

setembro de 2008. O espetáculo esportivo vem novamente à tona quando a autora escreve sobre a festa feita pelas torcidas.

A dimensão da saúde está subentendida quando Else escreve a fala de um jogador do time dos burros, ele diz: *“apesar de ser burro “... sou inteligente! Pratico esporte desde pequeno!”* Assim quem é inteligente quem pratica esportes para obter a saúde.

No final do texto é apresentado um incentivo à prática de esportes, os jogadores de um dos times recomendam: *“e a senhora, dona girafa precisa procurar um esporte que seja do seu gosto e praticá-lo! Que tal no próximo campeonato um time feminino de girafas? As girafinhas que estavam ao redor aplaudiram com entusiasmo!”*

A associação entre esporte movimento e saúde pode ser vista também no desenho (fig. 29) de Willian P. M. N. 12 anos 7ª série. Ele desenhou uma pessoa no que parece estar na quadra de esportes da escola, tendo ao fundo um muro pintado com os anéis olímpicos, e a palavra “mexa-se”.

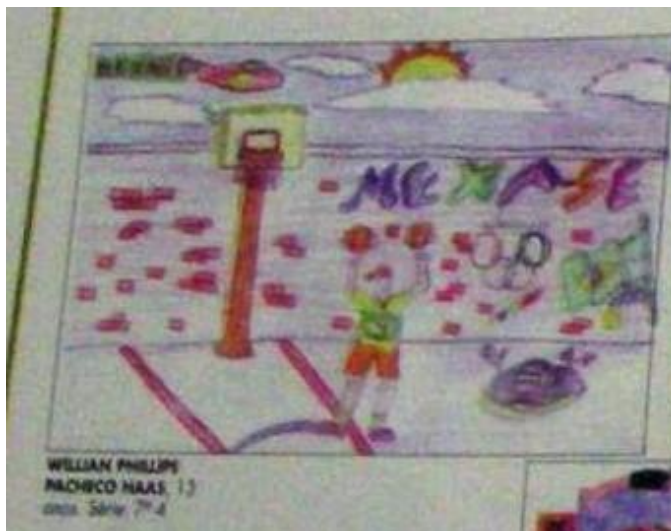


Figura 29. Desenho de aluno. (Fonte: AN Escola, p. 8, set/2004).

3.5.6 Socialização

O estudo de Barbirato (2005) nos ajuda a pensar a socialização, via educação, em duas dimensões, uma dimensão mais funcionalista e outra que visa à construção social do indivíduo.

A visão funcionalista tem base na teoria sociológica de Durkheim. Esse sociólogo acreditava que a sociedade era formada por funções específicas. As determinações da estrutura social eram tão fortes que impediriam de fugir de um rígido sistema educacional, para Durkheim a estrutura social exercia um poder muito grande sobre os indivíduos, que acabavam sendo reféns desse sistema. Nessa lógica podemos dizer que a escola teria um caráter de “educação bancária” (FREIRE, 1987). Os professores depositariam, transfeririam os conhecimentos para os alunos. Assim, para Durkheim as crianças não eram consideradas sujeitos do processo de socialização.

A segunda posição defende a ideia de que a socialização é mais do que seguir as determinações da estrutura social. Nessa concepção o indivíduo teria a capacidade de romper essas imposições sociais desde a infância.

Assim podemos pensar que “[...] o indivíduo é sujeito do seu processo de socialização [...] tanto a estrutura quanto a ordem sociais são dependentes dos indivíduos responsáveis por sua construção [...]”. Mas ainda diz que “[...] o indivíduo também é influenciado pelas instituições sociais” (COULON, 1995 *apud* BARBIRATO, 2005, p. 29).

Essa relação entre indivíduo e sociedade pode ser melhor entendida com o auxílio do conceito de *habitus*. Bourdieu (1994, p.22) define *habitus* como “princípio gerador de práticas distintas e distintivas [...]”. Podemos entender o *habitus* como processo “mediador entre indivíduo e sociedade” (BARBIRATO, 2005, p. 34). Para essa autora o *habitus* proporciona ao mesmo tempo o processo de socialização e o processo de individualização, “[...], pois, ao ser condicionado em sua relação com a estrutura social, essa mesma relação acontece de forma única e particular para cada indivíduo” (p. 34).

Outro autor que trabalha com a relação indivíduo-sociedade é Elias (1992), para ele “A necessidade de se destacar caminha de mãos dadas com a necessidade de fazer parte” (ELIAS, 1992, p. 24, *apud* BARBRATO, 2005, p. 41).

Somamos a estas considerações a contribuição de Bracht (2005). Para o autor a “[...] *aprendizagem social*, assim como a socialização, refere-se à aquisição das capacidades, competências e conhecimentos e à

internalização das normas de comportamento, dos valores, das crenças que tornam o indivíduo apto a agir em sociedade” (p.26).

A aquisição de valores e a internalização das normas são parte do processo de aprendizagem social, materializando-se sob influência de várias instituições sociais, como a família, escola, igreja, mídia e outros espaços de convivência em grupo.

Assim com base em Bracht (2005), podemos considerar que o confronto com normas e valores em “instâncias e práticas sociais” ocorre também no esporte.

Bracht (1986) num texto clássico do campo da educação física, intitulado “A criança que pratica esportes respeita as regras do jogo... capitalista” dá pistas sobre o poder socializador do esporte. O espírito competitivo, o saber perder e saber ganhar são elementos intrínsecos da socialização pelo esporte.

O esporte é entendido, nesse caso, como um eficiente meio para que os indivíduos incorporem (no sentido figurado e literal) o espírito competitivo. Ser competitivo é um traço de comportamento fundamental para obter sucesso social em nosso contexto (BRACHT, 2005, p. 27).

Dessa forma podemos dizer que pela polissemia de conceito de socialização, as teorias críticas da pedagogia optam por trabalhar com o conceito de aprendizagem social, pois ele possibilita “[...] o desenvolvimento do sujeito autônomo capaz de compreender criticamente as relações sociais e de agir no sentido de transformá-las” (BRACHT, 2005, p. 28).

Após essa breve contextualização damos continuidade ao tópico, apresentando algumas matérias em que identificamos a presença da dimensão socializadora do esporte.

O texto da professora Rosângela intitulado “Presente na História do Homem” (**fig. 30**) é veiculado na página 12 do encarte do mês de setembro de 2008. O primeiro elemento identificado ao analisar o texto é que a professora adota uma perspectiva de continuidade em relação à gênese do esporte. É possível perceber isso quando a autora apresenta o esporte como sendo criado há muito tempo nas sociedades antigas, e que este veio sofrendo modificações ao longo do tempo.

Já o caráter civilizador e socializador do esporte pode ser percebido quando a autora apresenta a ideia de que *“o interesse pelas atividades físicas e a exigência de uma população estável possibilitaram a formação de equipes e a organização de competições,*

seguindo regras determinadas, regidas por órgãos e comitês. Assim, surgiram campeonatos, torneios, olimpíadas, copa do mundo...”



Figura 30. Texto da seção “papo de gente grande”.
(Fonte: AN Escola Rede, Municipal, p. 13, set/2008).

Por se tratar de uma matéria da seção “papo de gente grande”-dedicada aos professores participantes do AN Escola – julgamos que esta apresenta uma visão um pouco romântica do surgimento e desenvolvimento do fenômeno esportivo quando escreve que “*O esporte deixou de ser visto como um objeto de competição ou satisfação e passou a unir atletas em suas diversidades para disputar em diferentes modalidades, como é o caso das Olimpíadas.*”. A autora parece desconsiderar a influência do sistema econômico e social – capitalismo – na esportivização das práticas corporais. Apesar dessa ressalva, podemos dizer que o texto apresenta a dimensão civilizadora e socializadora do esporte na sociedade, como se vê no trecho em que diz [...] “*está em nosso coração. Seja para torcer por seu atleta e time preferido, a adrenalina sobe, o coração dispara e os gritos, ninguém segura.*”

Outro texto de especialista que aborda o assunto é o “Campeões Natos” (fig. 31) de autoria de Neusa Vaseak José Luiz, professora da EEBM Vista Alegre, Xanxerê. Pela narrativa do texto, já podemos observar na introdução a naturalização do fenômeno esportivo, vejamos: “*Todas as crianças já nascem com espírito esportivo, com muita garra e determinação. Nascem campeões olímpicos em saltos em distância de sofá a sofá, em corrida para fugir do banho. Em arremessar brinquedos, em chutar bolinhas. Em natação na banheira, ou no tanque*

de lavar roupas. Todas as crianças nascem com sede de viver a alegria do esporte”. Em nosso entendimento esse é um reflexo de nossa cultura esportiva, formada pela ideologia do sistema capitalista, que se reproduz nas regras sociais e nos regulamentos desportivos, e que de certa forma ecoa no discurso midiático.



Figura 31. Texto da seção “papo de gente grande”. (Fonte: AN Escola Rede Municipal, p. 12, set/2008).

Em seguida relata que o tema proposto pelo AN Escola foi muito feliz, pois foi ao encontro das olimpíadas de Pequim e aos jogos escolares da cidade. Finaliza dizendo que os professores devem incentivar a prática esportiva, pois “*contribui para a qualidade de vida*”.

Encerra com a seguinte colocação: “O esporte é saúde. Todas as crianças devem participar, não importando o lugar escolhido. “*O bom é se esbaldar nessa prática de bem estar*”. Identificamos novamente um pensamento que associa a prática de esportes à aquisição da saúde, uma ideia muito presente no senso comum, e muito difícil de mudar. Existe toda uma estrutura que nos disciplina para pensarmos dessa forma, o que acaba mais uma vez provando a necessidade do professor ser um mediador no processo de esclarecimento.

O movimento olímpico pode ser compreendido como um grande exemplo de esforço civilizador, principalmente por ter como uma de suas fontes inspiradoras o modelo esportivo das *public schools* inglesas do século XIX. A outra fonte de inspiração de seu idealizador, Pierre de

Coubertin, é humanismo dos jogos da Grécia Clássica. Dessa forma esse assunto não poderia ficar de fora.

A página 9 do encarte de setembro de 2004 (fig. 32) é toda dedicada a ele, desde o texto introdutório até seus muitos desenhos. Destacamos alguns.



Figura 32. Página do encarte. (Fonte: AN Escola, p. 9, set/2004).

O texto introdutório da página 9 deve ser analisado, a começar pelo título que pede “*Que o espírito olímpico permaneça vivo!*”. O texto inicia apresentando o Barão de Coubertin, como o responsável por “*resgatar os Jogos Olímpicos na Era Moderna*”, nesse trecho já podemos tecer a primeira crítica. Entendemos o resgate dos jogos uma coisa impossível, até porque se tivesse ocorrido seria muito diferente do que ocorre na contemporaneidade.

Pensamos que os jogos da atualidade são muito diferentes dos jogos da Grécia Clássica, principalmente por não ter caráter religioso, mas sim por estar pautado no rendimento máximo e no recorde, que afinal nem existia na antiguidade.

Após falar da origem, começa apresentar um dos princípios dos jogos, atribuindo a Pierre de Coubertin a frase “*o importante não é vencer, é competir*”. Parece-nos que a sociedade moderna tem levado muito a sério esta frase!

O próximo trecho do texto evidencia a ideologia humanizadora que Coubertin acreditava ser o motor desse evento. O que desejava o *Barão* era “[...] **trazer de volta a tradição olímpica para incentivar o esporte e ao mesmo tempo incentivar a união e a paz entre os povos dos cinco continentes**”

O texto é finalizado apresentando os anéis olímpicos como o símbolo das olimpíadas e do ideal de união entre os cinco continentes.

A União entre os povos e a paz pode ser visualizada nos desenhos da página, entre eles destacamos dois. O primeiro pertence a Mariângela C. 7ª série, São Bento do Sul, que desenhou pessoas de diferentes etnias abraçadas na frente da bandeira do Brasil (sorridentes e felizes). Cada uma veste uma camiseta com uma letra, juntas formam a palavra Brasil. Identificamos nesse desenho as dimensões/concepções de esporte, de nacionalismo, da socialização e de rendimento, que parecem estar associadas.

O nacionalismo fica por conta da bandeira e das camisetas que formam a palavra Brasil. A socialização/civilização fica por conta das diferentes etnias abraçadas pelo mesmo ideal, no caso o amor à pátria, ou seja, para nos tornarmos civilizados precisamos ter algo em comum, regras de conduta e de convivência por uma causa, a paz é um exemplo. Já o rendimento é apresentado na frase sobre a bandeira do país “**é ouro Brasil**”. Na verdade essa frase também mostra o nacionalismo e a socialização, afinal a lógica do rendimento é um bom exemplo do que a socialização dos valores olímpicos difundiu.

A socialização do rendimento recebe seu prêmio como podemos observar no desenho de Willian P. – 12 anos, 8ª série, São Bento do Sul, que desenhou um globo sorrindo e com uma medalha em seu entorno, mostrando que a lógica do rendimento conseguiu tomar conta de todo o planeta,

Tavares (2005) cita Parry (1997) para dizer que o “olimpismo na medida em que representa uma concepção idealizada de ser humano, apresenta também uma antropologia-filosófica” que pode ser definida

pelo desenvolvimento harmonioso do ser humano; em direção a excelência e à realização; pelo esforço em atividades competitivas esportivas; sob condições de respeito mútuo, justiça e igualdade; com vistas a criar relações humanas duradouras de amizade; relações internacionais de paz, tolerância e entendimento e alianças culturais com arte (TAVARES, 2005, p. 307).

Essa citação nos leva a pensar inicialmente que esse ideal civilizador não vem dando certo, muitas guerras e rivalidades são criadas nas disputas olímpicas, envolvendo trapaça, doping, intrigas e o jogo político. Talvez seja difícil, ou muito contraditório tentar conciliar ideais de paz e respeito entre os povos tendo os ideais competitivos em sua base.

Outro bom exemplo de socialização pelo esporte pode ser identificado nas lutas. Uma importante característica dessas práticas corporais é o seu caráter disciplinador.

As artes marciais, principalmente as orientais, são usadas como modelo para disciplinar jovens. Um rígido sistema hierárquico, com mestres e alunos em diferentes níveis de graduação, e a devoção a entidades guerreiras formam a coluna vertebral dessas práticas.

O trabalho de Pimenta e Machi Jr. (2007) revela algumas características da filosofia do Taekwondo e sua relação com o processo civilizador. Segundo eles estes princípios filosóficos que seriam o que une essa prática

[...] com um passado de submissão às manifestações religiosas que um conjunto de seres sociais deveria seguir. A *obediência ao rei* estende-se à *cortesia*, o *respeito aos pais*, transforma-se em *integridade*, *lealdade para com os amigos* passa a *perseverança*, *nunca recuar ante o inimigo* passa a ser *espírito indomável*, *só matar quando não houvesse alternativa* alarga o conceito para o *domínio sobre si mesmo*.

Esse seria um reflexo de processo civilizador que ocorreu na Coreia. Para conceituar essa passagem Pimenta e Machi Jr. (2007) citam Elias (2001):

[...] uma figuração é uma forma social, cujas dimensões podem ser muito variáveis [...], em que os indivíduos estão ligados uns aos outros por um

modo específico de dependências recíprocas e cuja reprodução supõe um equilíbrio móvel de tensões.

O ideal disciplinador das artes marciais está presente na página 11 do encarte de setembro de 2008 (**fig. 33**) tanto no texto da redação quanto em desenhos de alunos.



Figura 33. Texto da redação e desenhos de alunos. (Fonte: AN Escola Rede Municipal, p. 11, set/2008).

O texto trabalha com a ideia de que as brigas não levam a lugar nenhum, porém quando se trata de uma competição oficial no tatame, com regras e respeito ao adversário “... a coisa muda de figura”. O discurso é implicitamente contraditório, no momento inicial critica a violência e depois a valida, desde que seja dentro do tatame que respeite as regras e o adversário. O que pode ser uma prova de que a ética está associada a determinados contextos, o que é ético num local pode não ser em outro, mas não seria esse um dos ideais da sociedade uma ética

universal? Não temos condições de responder essa questão filosófica, mas ela merece ser feita.

O que estamos tentando dizer é que as práticas corporais de confronto fulminante que são tão discriminadas pela sociedade e pela mídia, sendo classificadas de anti-civilizatórias, acabam sendo validadas quando a “coisa muda de figura”. A violência “controlada” é permitida e é um grande espetáculo.

Pensando enquanto civilização condena-se a violência, mas situando essa civilização dentro de uma cultura, essa violência passa a ser aceita desde que controlada, é uma violência normatizada. Muitas pessoas adoram assistir às lutas inclusive comprando pacotes pelo *pay-per-view*, até mesmo as lutas mais violentas como o “vale-tudo”, são produtos midiáticos, e nós consumidores, com a mediocridade de nossa “semi- formação”, acabamos consumindo mais esse tele-espetáculo. Talvez as pessoas assistam a essas lutas imaginando que poderiam ser como aqueles lutadores, uma espécie de subjetivação, que no fundo estaria ligada à ideia de retomar o que lhes foi negado pelo espetáculo, a subjetividade.

Lucas R. S. - 8 anos, 4º ano, São Bento do Sul desenhou uma competição de caratê. No desenho é possível ver um ginásio com torcida na arquibancada e lutadores e juízes no centro. No alto do ginásio o placar eletrônico indica “Sesi campeonato de caratê” e a pontuação da luta.

O processo civilizador se evidencia não apenas nas artes marciais, observando o texto introdutório da página 4 do encarte de setembro de 2008 (fig. 34), vemos que no Brasil esse processo também se realiza na prática do futebol. Prática que o texto apresenta como uma religião no país.



Figura 34. Texto da redação.
(Fonte: AN Escola Rede Municipal, p. 4, set/2008).

Deixamos para o final o texto intitulado “Manifestação Corporal” (fig. 35) de autoria das professoras Márcia Koch Manes e Nilzete Decker Koch da EM Vila Doze, Antônio Carlos.

De forma geral podemos observar que o texto consegue aglutinar muitas categorias discutidas, como a dimensão da saúde, do rendimento e da socialização. Fala de saúde quando elenca os benefícios que o movimento corporal propicia, inclusive para o rendimento. Levando-nos mais uma vez constatar o quanto o ideal do rendimento está impregnado em nossa cultura. As autoras escrevem: *“Praticar qualquer Exercício físico ajuda a termos: maior disposição para o lazer, maior resistência contra as doenças, maior rendimento nas tarefas diárias. Colabora para a pessoa ser mais feliz. Para conseguir esses benefícios, devemos praticar exercícios com regularidade, em sequência e quantidades adequadas, respeitando a faixa etária de cada pessoa.”*



Figura 35. Texto da seção “papo de gente grande”.
(Fonte: AN Escola Rede Municipal, p.12, set/2008).

Na segunda frase deixa subentendida a necessidade de uma prática de exercícios orientada. O fragmento mais interessante que

destacamos no texto refere-se à importância do movimento para aprendermos a ser quem somos, ou seja, a importância para que façamos parte de um grupo, a importância para que socializemos. Vejamos:

*“Ao ingressarem nas escolas, as crianças já têm uma série de conhecimentos sobre movimento, corpo e cultura corporal, frutos de experiência pessoal, vivências dentro do grupo social em que estão inseridos e das informações veiculadas pelos meios de comunicação. O movimento corporal é o principal recurso do homem na sua relação com o mundo. É por meio do movimento que a pessoa se expressa, manifesta sua afetividade, age sobre os objetos e se comunica. Podemos dizer que, por intermediário do movimento, da motricidade, o homem aprimora seu domínio não só motor, como cognitivo e socioafetivo sobre a realidade. Sem movimento, ninguém pode expressar sentimentos, interagir com o outro e viver em sociedade. **Praticar qualquer Exercício físico ajuda a termos: maior disposição para o lazer, maior resistência contra as doenças, maior rendimento nas tarefas diárias**”.*

Apesar de falarem tão bem do movimento corporal, acabam deixando explícito que o movimento do qual estão falando é o exercício físico.

Esses grandes eventos acabam, mas voltam. Enquanto isso somos tomados pela angústia da espera. Nostalgia que nos faz sempre rememorar estes acontecimentos. Como podemos observar no texto da capa do encarte do mês de setembro de 2008 (**fig.36**).

“A tocha se apagou em Pequim, em agosto. Mas nas escolas catarinenses a chama da paixão dos estudantes continua mais acesa do que nunca [...]”.



Figura 36. Capa do encarte.

(Fonte: AN Escola Rede Municipal, p.1, set/2008).

CAPÍTULO IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA SÍNTESE DIALÓGICA

Nossas considerações finais se dão em quatro aspectos. Primeiro estabelecemos um diálogo entre os resultados de nossas análises e os objetivos de nosso estudo. Em segundo lugar refletimos sobre o AN Escola e sua aproximação com a proposta de Mídia-educação. Num terceiro momento fazemos considerações sobre a relevância da Mídia-educação (Física). Finalizamos fazendo considerações particulares sobre o estudo, apontando alguns limites e bem como possibilidades para estudos futuros.

Nesse momento de síntese julgamos necessário estabelecer um diálogo com o objetivo e as questões de investigação desse estudo. Entendemos que dessa forma poderemos melhor apresentar em que medida demos conta de respondê-los.

Tivemos como objetivo *analisar se ao longo do período de 2004 a 2008 o Programa AN Escola abordou temas da educação física/cultura corporal e em caso positivo quais os enfoques dados a estes.*

Para atingirmos nosso objetivo seguimos algumas questões de investigação que se referiram a:

- a) Os temas da cultura corporal são pautados no suplemento e com que frequência?
- b) A realização de grandes eventos esportivos mundiais é pautada nos suplementos no período de 2004 a 2008 e de que forma?
- c) Que concepções/dimensões de esporte podem ser identificadas nas matérias relativas a este componente da cultura corporal no AN Escola no período estabelecido?

Num universo de 48 encartes do período observado, identificamos 1145 matérias relacionadas à cultura corporal entre textos do corpo editorial, textos de especialistas, textos de alunos e desenhos de alunos, matérias que foram distribuídas e classificadas em 11 categorias: *Esporte; Temas transversais; Lazer; Corpo/identidade; Jogos/brincadeiras; Estética; Saúde; Circo; Dança, Lutas e Outros.* Considerando o expressivo número de matérias e a grande quantidade de categorias, não foi possível identificar em todas as categorias o enfoque dado pelo suplemento. Assim, as questões de investigação nos

conduziram a um caminho que nos levou a analisar o enfoque dado pelo suplemento na categoria que mais se destacou, que é *Esporte*.

Referente à 1ª questão de investigação (temas da cultura corporal) podemos identificar que a frequência dos temas de presença dos temas foi maior nos anos de 2004 e 2008, coincidentemente o ano de ocorrência dos jogos olímpicos de Atenas/2004 e Beijing/2008. Essa constatação também se deu na categoria *Esportes*, que teve a maior frequência absoluta ao longo do período e a maior frequência relativa nos anos de 2004 e 2008. Essas informações demonstram que essa categoria foi a que recebeu maior importância pelo encarte, ao todo foram identificadas 321 matérias.

Não foi possível identificar com segurança quais as razões destas diferenças. Nossa hipótese é que, pelo fato de envolver diferentes modalidades esportivas, algumas bastante presentes na cultura esportiva brasileira, os jogos olímpicos se apresentam como mais próximos de leitores/colaboradores.

Quanto a 2ª questão de investigação, conseguimos identificar que os grandes eventos esportivos são pautados no suplemento, porém os dados nos mostraram que o encarte privilegiou os jogos olímpicos de 2004 e 2008, em detrimento da Copa do Mundo de Futebol (2006) e do Pan-Americano do Rio (2007).

Do conjunto de matérias que tratam do esporte (321), observamos que 152 delas referem-se a grandes eventos esportivos, sendo 73 em 2004 e 63 em 2008. Identificamos um grande número de matérias referentes aos jogos olímpicos nos meses que sucederam esses eventos, especialmente, os meses de setembro de 2004 e setembro de 2008.

No que diz respeito a 3ª questão de investigação, ao analisar as matérias de esporte relacionadas a grandes eventos esportivos foi possível identificar seis concepções/dimensões de esporte encontradas nas matérias; a saber, *Rendimento*, *Personagens*, *Nacionalismo*, *Inclusão Social/cidadania*, *Saúde*, *Socialização*. Tais categorias foram identificadas em matérias de alunos, de professores/especialistas e matérias do corpo editorial do encarte.

A concepção/dimensão do *Espetáculo/Rendimento* é muito explorada nos trabalhos dos alunos e nos textos do corpo editorial, ficando em segundo plano nas matérias de professores especialistas. Essa dimensão também pode ser identificada nas matérias que usamos para exemplificar outras dimensões/ concepções de esporte. Tal evidência nos leva a considerar essa, a dimensão que revela melhor a lógica da sociedade de consumo, e que por sua vez acaba por denunciar

que vivemos em meio a uma sociedade de cultura esportiva. Os valores que o rendimento esportivo defende estão em consonância com os valores que a sociedade capitalista orgulha-se de apontar como o motor de economia de mercado.

A dimensão/concepção *Personagens* foi também foi muito explorada pelas matérias do corpo editorial e dos alunos. Nessas matérias foi possível identificar as estratégias do discurso midiático esportivo para criar identificação com o público consumidor. Também foi possível identificar o eco desse discurso. A aceitação e receptividade dessa estratégia podem ser vista nos trabalhos de alunos. A personificação do herói, do mito, dos atletas que são “mais que mortais” também acabam por revelar a dimensão do rendimento, porém agora, essa dimensão esta centrada na imagem do atleta vencedor.

Quanto a concepção/dimensão do *Nacionalismo* identificamos a sua presença unicamente nas matérias de alunos e nas matérias do corpo editorial do encarte. Nessa dimensão foi possível perceber a importância do discurso midiático para reforçar a identidade nacional, num país com as dimensões que o Brasil possui e com tantas diferenças culturais. Nessa concepção, observamos que o patriotismo é alavancado pelos resultados do rendimento esportivo dos atletas brasileiros, mas também pelos dramas pessoais que estes sofrem. A superação desses dramas acaba sendo comparada com a superação dos dramas da vida cotidiana. Nessa dimensão destacamos em nossas análises o papel da publicidade na construção dessa identidade nacional, quando esta usa a imagem dos ídolos que superaram alguns dramas na vida pessoal e profissional. A receptividade desse discurso fica clara nos trabalhos dos alunos. Na dimensão do nacionalismo, novamente observamos a influência direta do rendimento e da personificação como estratégia adotada para criar esta suposta identidade nacional.

A concepção/dimensão da *Inclusão Social/cidadania* ganha destaque nos textos do expediente e nos trabalhos de alunos, também ficando em segundo plano nas matérias dos professores/especialistas. Nessa dimensão, a ideia mais explorada pelas matérias refere-se à inclusão social das pessoas com deficiência tendo em vista a realização subsequente aos jogos olímpicos, das paraolimpíadas. As conquistas dos paratletas brasileiros são usadas como ponto de partida para se discutir a inclusão social e a cidadania, porém, o discurso que ecoa nessa dimensão está pautado também no rendimento e na superação esportiva. Os trabalhos dos alunos, mas principalmente, os textos do corpo editorial do encarte sustentam o discurso da inclusão por meritocracia,

em que os paratletas, por terem conquistado resultados de vitórias (medalhas), provam ser merecedores da inclusão social por conseguirem demonstrar serem produtivos para a sociedade.

Já a concepção/dimensão da *Saúde* se fez presente nos trabalhos de alunos, textos do corpo editorial e principalmente nos textos de professores/especialistas. Nessa dimensão a principal ideia divulgada é tornar esporte e atividade física como sinônimo de saúde. Os trabalhos analisados revelam muito esta ideia.

Entre os trabalhos de alunos identificamos duas maneiras para relacionar o esporte e saúde. A primeira refere-se aos trabalhos que visam incentivar a prática de esporte como sinônimo de aquisição de saúde. Nesses trabalhos geralmente os alunos escrevem palavras como “mexa-se”, “não fique parado”, “movimente-se”, entre outras.

A segunda maneira como os alunos referem-se à dimensão da saúde é utilizando a imagem do ídolo esportivo como exemplo a ser seguido para a “aquisição da saúde”. Entre os atletas que os alunos utilizaram como modelos a ser seguidos para a obtenção de uma vida saudável estão Giba, Ronaldo e Daiane dos Santos. Contraditoriamente atletas que recentemente foram pegos em exames antidoping e suspeitos de uso de drogas sociais. Em momento algum a dimensão do doping é levantada nos trabalhos, assim como a dimensão da dor e das lesões que fazem parte da carreira de atleta profissional, nem mesmo nos trabalhos de professores e especialistas.

Os trabalhos de professores e especialistas, apesar de serem matérias mais consistentes, com uma linguagem mais estruturada, em momento algum levantam a dimensão inumana do esporte. Limitam-se a apresentar os benefícios das práticas desportivas para a aquisição de saúde. Numa relação linear amplamente contestada no meio acadêmico. Apresentam em seus discursos também uma ideia utilitarista da prática de atividades esportivas, no sentido de ser uma atividade que proporcionaria melhores condições de aprendizagem para os conteúdos de sala de aula. O máximo de precaução que revelam é no sentido de se procurar uma prática adequada às capacidades da pessoa que irá praticá-la.

Por fim, a concepção/dimensão da *Socialização* foi encontrada tanto nos trabalhos de alunos, professores/especialistas como nas matérias do corpo editorial do suplemento. Nessa dimensão foi possível identificar o poder socializador do esporte e os ideais e valores que este acaba ganhando na vida em sociedade.

Nessa concepção, analisamos exemplos da influência do olimpismo e seus valores para a vida humana, e seus ideais conflitantes que tentam promover a união entre os povos a partir de uma lógica pautada na competição. Também foi possível identificar o caráter disciplinador do esporte, quando esse se apresenta dentro do plano das normas socialmente aceitas que acabam regulando práticas não aceitas no plano da civilização, como a violência dos combates corporais.

Nos trabalhos de professores/especialistas identificamos: o poder socializador do movimento humano; a história e desenvolvimento do esporte como uma forma de disciplinar e socializar as pessoas; e também o poder de cooptar as pessoas para a prática de atividade esportiva, sob a justificativa da saúde.

A respeito da perspectiva da Mídia- educação, diante das matérias analisadas no AN Escola, só identificamos de forma clara, características da dimensão *metodológica/instrumental*. Quanto à dimensão *produtiva* não foi possível identificar com precisão a sua realização. O encarte deixa a desejar no que se refere à dimensão *crítica* do conceito.

A perspectiva instrumental, aquela que adota a estratégia metodológica de educar *com os meios*, utilizando a mídia como uma ferramenta ou recurso, para facilitar a aprendizagem, pode ser identificada na proposta do programa, principalmente quando observamos a origem e as transformações que o Programa AN Escola sofreu. Inicialmente se tratava de cursos para os professores com sugestões de atividades para sala de aula, e posteriormente tornou-se um encarte que veicula as produções dos alunos.

Essas mudanças também poderiam ser indícios da presença da dimensão *produtiva* de Mídia-educação, a educação *através dos meios*. Todavia nas matérias observadas, apenas é possível constar a veiculação das produções dos alunos participantes da proposta, ainda que não se possa precisar que esta produção seja resultante da dimensão produtiva desenvolvida na prática pedagógica orientada no conceito de Mídia-educação realizada na escola. Não temos instrumentos e dados para evidenciar a maneira como os professores propõem a produção de trabalhos na escola. Poderia ser de forma impositiva e casual, ou poderia ser fruto de um planejamento do trabalho pedagógico. Além do mais a existência de instâncias de filtragem dessa produção na SEC/SC e no próprio jornal inviabilizam que se tenha a produção veiculada com significativamente representante da dimensão produtiva da Mídia-educação na escola.

No que se refere à dimensão *crítica* da Mídia-educação, a análise do conteúdo das matérias analisadas revela um quadro ainda mais precário. A ideia de educar *sobre os meios* não se faz presente no encarte, pois ao invés das matérias questionarem o discurso midiático esportivo, as ideologias, os signos, os sentidos e significados desse discurso, se limitam a produzi-los. Nesse sentido, as matérias publicadas no encarte revelam-se de caráter informativo, pois apenas reproduzem o discurso midiático sobre um pensamento de senso comum do esporte. A dimensão formativa que o encarte poderia proporcionar é desta maneira, praticamente inexistente no material analisado.

Após realizarmos uma aproximação das 3 dimensões da Mídia-educação – instrumental; crítica; e produtiva – com os resultados de nossas análises, não identificamos que estas 3 dimensões estejam contempladas. Apesar do Programa AN Escola não contemplar as 3 dimensões da Mídia-Educação, diante de nossas análises dos dados, podemos classificá-lo como um programa voltado à realização de Mídia-educação, porém, consideramos que este programa possui mais indícios de ser uma estratégia mercadológica de marketing para a fidelização de leitores, do que um programa que vise à formação crítica dos leitores. Assim, a adoção do encarte AN como conteúdo de Mídia-educação por educadores do campo crítico deve ser procedida com o rigor metodológico e cuidado a respeito de seu conteúdo.

Com Base nos dados analisados o que ficou mais evidente é ideia de marketing institucional, ideia que é ratificada com a mudança do “gerenciamento do Programa” quando o jornal *A notícia* é comprado pelo Grupo RBS. No texto de Stupp (2008) podemos identificar muito bem essa ideia.

Como já apresentado no Capítulo I, segundo os escritos:

o jornal que no começo ficava preso à escola, começou também a ir para casa dos alunos. No dia seguinte os alunos faziam a lição: escreviam ou contavam aos colegas como foi o contato dos pais com o jornal. Os assuntos que mais liam, a conversa com eles sobre o que estava escrito. E, como era de se esperar, aumentou a procura pelo jornal.

As grandes mudanças no encarte ocorrem a partir de outubro de 2006, quando o grupo RBS passou a gerir o jornal *A Notícia* “decidindo dar continuidade e incentivando a expansão do programa” (STUPP,

2008). As mudanças levaram o encarte a aumentar o número de páginas e a ter todas elas coloridas. A alteração do projeto gráfico é somada a alteração das funções dos membros do corpo editorial do suplemento.

A troca das pessoas que constituem o corpo editorial do encarte e a criação de cargos como *gerência, comercial e gerência de circulação*, revelam a intencionalidade de gerenciar o programa como uma estratégia de marketing institucional. O grupo RBS começa a “impor” a sua maneira de fazer notícia (e negócios).

E pelo visto, a estratégia de utilizar um suplemento como fidelização de leitores deu certo, tanto é que o grupo RBS ampliou a proposta para o seu jornal *Diário Catarinense*.

Talvez seja apenas coincidência, mas temos fortes indícios para acreditar que o baixo índice de matérias relacionadas a grandes eventos esportivos nos anos de 2006 e 2007 – Copa da Alemanha e Pan do Rio, respectivamente - seja um reflexo da crise que o jornal *A Notícia* vinha passando. E que após a sua reformulação e reestruturação, reflexo da compra do AN pelo grupo RBS, houve um estímulo para o jornal recuperar o seu “prestígio”. Sendo o AN Escola uma das apostas para essa recuperação.

No que tange à Mídia-educação (Física) nossas considerações se dão no sentido de ratificar a ideia de trazer o jornal para as aulas de educação física. Acreditamos que é o jornal um importante instrumento para pensar o esporte em suas múltiplas dimensões. Utilizá-lo como recurso didático, se fundado nos princípios da mídia-educação (educar *com, para e sobre e através dos meios*), pode resultar numa re-significação do fenômeno esportivo.

Consideramos que a dimensão produtiva, associada às outras dimensões do conceito de Mídia-educação, possibilita compreender o discurso midiático esportivo e as suas estratégias de criação e fidelização de consumidores. Principalmente por possibilitar aos educandos o esclarecimento sobre o processo de produção da notícia.

Convém ressaltar conforme Pires (2003, p. 19) que a mídia é muito importante na "*construção dos saberes/fazeres da cultura de movimento e esportiva*" por intervir diretamente no esporte, que por sua vez é abordado na escola.

Apesar dos aspectos destacados, não podemos nos esquecer que o foco da disciplina de educação física é o movimento. Não podemos correr o risco de deixá-lo em segundo plano, ou apenas ficarmos no discurso *sobre o movimento* (BETTI, 1994). Precisamos superar estes aspectos da *crise da educação física*. Precisamos ter claro que, assim

como na Mídia-educação, precisamos educar para, com, sobre e através do movimento.

Outra consideração se faz necessária. Acreditamos ser fundamental que o processo de transformação da sociedade ocorra inicialmente no plano da cultura. Precisamos elevar o nível cultural da sociedade, lhe proporcionando condições de esclarecimento. Assim, concordamos com Gramsci (1988) quando esse aponta o papel do intelectual na organização da cultura. Pensando na educação acreditamos que o professor tem o dever de ser um *intelectual orgânico*. Vislumbramos a Mídia-educação (Física) como um grande caminho a ser seguido, especialmente quando pensamos no poder dos meios de comunicação de massa, das tecnologias, e do esporte em nossa sociedade.

Por fim, uma última consideração se faz imprescindível. Consideração que diz respeito a importância do estudo em nosso processo de formação humana bem como de formação acadêmica. Fazer essa consideração é muito necessária servindo como uma auto-avaliação que possibilita identificarmos as transformações sofridas ao longo do processo. O estudo representou um importante salto qualitativo em nossa formação humana, pois, nos possibilitou novos olhares sobre os fenômenos sociais, bem como a aproximação com uma “novo” campo de estudos, de forma mais específica o que temos denominado Mídia-educação (Física). Essa aproximação foi um marco em nossa carreira acadêmica e profissional, pois este campo se apresentou como “novidade” em nossos estudos, uma vez que não vínhamos pesquisando e estudando este campo além de ser uma novidade também nos mostrou ser uma área em que a produção de conhecimento é de grande relevância para o processo de esclarecimento. Podemos dizer que todo o processo de elaboração da dissertação, começando pela delimitação do tema, problema, objetivos, revisão de literatura, fundamentação teórica, procedimentos e métodos até a redação do relatório final, bem como as horas de orientação, serviram para compreendermos como se faz pesquisa de forma responsável e comprometida com a sociedade.

Tal processo de amadurecimento nos possibilitou perceber os limites de nossa pesquisa. Entendemos que este estudo poderia ter maior profundidade, e consequentemente maior relevância se as análises tivessem sido feitas a partir referências como a Semiótica e Análise de Discurso, ou ainda, se tivéssemos um maior tempo para a realização da pesquisa seria possível acompanhar o processo de construção das matérias desde a sala de aula até serem publicadas nos suplementos.

Aqui tecemos nossa crítica a lógica industrial/produtivista da CAPES e CNPQ, que cada vez mais “defendem” a primazia da quantidade em relação a quantidade. Entendemos que três anos (tempo de duração dos cursos de mestrado no Brasil até alguns anos atrás) seria o tempo ideal para realizarmos o estudo da maneira como vislumbramos como ideal.

Por fim o estudo nos deixa como possibilidade a continuidade da investigação do programa AN Escola, especialmente no que diz respeito ao processo de elaboração das matérias ainda na escola, bem como a possibilidade de novas análises a partir de outros referenciais, sem falar que nosso estudo também será de grande valia para os campos midiático esportivo e escolar, no mínimo como uma boa fonte de informações, em especial no que se refere a análise de produtos da mídia, mais especificamente da mídia impressa.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T W. ; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Traduzido por Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ASSIS DE OLIVEIRA, S. **Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica**. Campinas: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS JORNAIS (ANJ). **Pesquisas ANJ 2007**. Disponível em <<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/pesquisas/Dados%20Estatisticos%202007.pdf>> acesso em 22 Abr. 2009.

_____. **Levantamento nacional dos Programas de Jornal e Educação: Relatório 2007**. Disponível em <<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/pesquisas/Levantamento%20Nacional%202007.pdf>> Acesso em: 22 Abr.2009.

ANTUNES, S. E. **O País do Futebol na Copa do Mundo: estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo com jovens escolares**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

AZEVEDO, V. *et al.* **Análise da produção em Educação Física/Esporte e Mídia veiculadas nos Congressos do CBCE e da INTERCOM**. Anais do IV Congresso sulbrasileiro de Ciências do Esporte. Setembro de 2008: Pinhão/PR.

AREND, H. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

BARBIRATO, F. R. **A socialização no contexto de projetos esportivos: um estudo de caso na fundação gol de letra**. (2005, 143 p.). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2005.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: (edições 70), 1979.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-Educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BETTI, M. **A janela de vidro: Esporte, televisão e educação física**. 3.ed. Campinas: Papirus, 2004.

_____. **Mídias: aliadas ou inimigas da educação física escolar.** *Motriz*. São Paulo, v.7, n.2 p.125-129, Jul./Dez. 2001.

_____. **Imagem e ação: a televisão e a educação física escolar.** In: BETTI, Mauro (org.). Educação Física e Mídia: novos olhares outras práticas. São Paulo: Hucitec, 2003.

_____. **Esporte na mídia ou esporte da mídia?** *Motrivivência*. Ano XII, nº 17, Florianópolis: UFSC, 2001.

_____. **O que a semiótica inspira ao ensino da educação física.** *Discorpo*, n.3, p.25-45, 1994.

BIANCHI, P. **Formação Continuada em Mídia- Educação (Física): ações colaborativas na Rede Municipal de Florianópolis/SC.** 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

BITENCOURT, F. G. **Esboço sobre algumas implicações do futebol e da copa do mundo para o Brasil: identidade e ritos de autoridade.** *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. V. 30. N° 3. Campinas, Autores Associados, 2009.

BORGES, E. M. **Corpo, espetáculo e consumo: novas configurações midiáticas para a infância.** *Revista Media & Jornalismo*. [on line] Edição 11. N° 11, Coimbra: Minerva Coimbra, 2007. Disponível na internet: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/mediajornalismo/article/viewFile/5795/5250>>. Acesso em 1/02/2010.

BRACHT, V. **Educação Física e Aprendizagem Social.** Porto Alegre: Magister, 1992.

_____. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução.** 2ª Ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

_____. **Aprendizagem Social.** In: GONZÁLEZ F. J. & FENSTERSEIFER P. E. (orgs). *Dicionário Crítico de Educação Física*. Unijuí: Ijuí, 2005

_____. **Esporte de rendimento na Escola.** In: STIGGER, M. P. & LOVISOLO, H. *Esporte de Rendimento e Esporte na Escola*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. **Emancipação e diferença na educação: uma leitura com Bauman.** São Paulo: Autores Associados, 2006.

BULAU, D. 1942: Janusz Korczak é executado em Treblinka (DW-WORLD. DE - DEUTSCHE WELLE) Disponível em: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,879272,00.html> acesso em 28 de Abril de 2009.

COELHO, P. V. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Autores Associados, 1992.

COLETIVO DO CENTRO DE DESPORTOS DA UFSC. **Mídia impressa e copa Davis no Brasil: Descrição e comentários**. Motrivivência, Ano XII, nº 17. Florianópolis: UFSC, 2001.

COSTA, A. G. **Moda/Indumentária em Culturas Juvenis: símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens de ensino médio**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

DANTAS JÚNIOR, H. S. **Jogos da primavera do Estado de Sergipe: a esportivização entre a tradição e o espetáculo (1964-1967)**. Esporte e Sociedade ano 2, n.6, Jul.2007/Out.2007

DARIDO, S. C. **Concepções e Tendências da Educação Física Escolar**. IN: Dimensões Pedagógicas do Esporte/Comissão de Especialistas de Educação Física [do Ministério do Esporte]. – Brasília:Universidade de Brasília/CEAD, p. 8-53, 2004.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados** . São Paulo: Perspectiva, 1993.

ELLIAS, N. ; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FARIA, M. A. O. **O jornal na sala de aula**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Como usar o jornal na sala de aula**. 8ª. ed., São Paulo: Contexto, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.

FENSTERSEIFER, P. E. **Esporte na contemporaneidade: uma experiência de fronteira**. In: REZER, R. (org.). O Fenômeno Esportivo: Ensaios Críticos Reflexivos. Chapecó: Argos, 2006.

FERRÉZ, J. **Televisão e Educação**. São Paulo: Artes Médicas (Artmed), 1996.

FREINET, C. **Para uma escola do povo: guia pratico para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular**. Lisboa: Presença, 1973. 213p.

_____. **O jornal escolar**. Lisboa: Estampa; São Paulo: Martins Fontes, c1974. 136p. (Técnicas de educação; 11)

FREINET, E. **O itinerário de Celestin Freinet : a livre expressão na pedagogia de Freinet**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. 166p.

GOMES, R. S. *et al.* **Orquestração dos trabalhos em Saúde: um Debate sobre a Fragmentação das Equipes**. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. (orgs.). Construção social da demanda: direito à saúde, trabalho em equipe, participação em espaços públicos. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2005.

GONÇALVES, A. **Saúde Coletiva**. In: GONZÁLES, F. J; FENSTERSEIFER, P. E. (orgs.). Dicionário Crítico de Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2005.

GONÇALVES, G. C, *et al.* **O Herói desportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa para o Parapan-Americano 2007**. In: PIRES, G. L. (org.) Observando o Pan Rio/2007 na mídia. Tribo da ilha: Florianópolis, 2009.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

GRIGOLETTO, R. A. S. **O jornal e a notícia nas aulas de português**. Revista Comunicação & Educação. n. 15. São Paulo: Moderna, 1999.

GUTTMANN, A. **From ritual to record**. New York: Columbia University Press, 1978.

HELAL, R; LOVISOLO, H. **Jornalismo e Futebol: argentinos e brasileiros ou do “odiar amar” e do “amar odiar”**. In: MARQUES J. C. Comunicação e Esporte: Diálogos possíveis. São Paulo: Artcolor, 2007.

HELAL, R. **Mídia, construção da derrota e do mito do herói.** In: HELAL, R. ; SOARES, A. J. ; LOVISOLO, H. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
HOBSBAWM, E. **Nações e nacionalismos desde 1870.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOBSBAWM, E. ; RANGER, T. (orgs.). **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

IJUIM, J. K. **Jornal Escolar: inter-relação criativa.** Revista Comunicação & Educação, São Paulo, n. 20, 2001.

KEHL, M. R. **O Espetáculo como meio de subjetivação.** In: BUCCI E. ; KEHL M. R. Videologias: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **Fetichismo.** In: BUCCI E. & KEHL M. R. Videologias: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

KUNZ, E. **Educação Física: Ensino e mudanças.** 3ª Ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** 5ª Ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

LIMA, S. F. **Alunos de sexta série produzem uma revista.** Revista Comunicação & Educação. n 10. São Paulo: Moderna, 1997.

LISBÔA, M. M. **Representações do esporte-da-mídia na cultura lúdica de crianças.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MELO, J. M. **Teoria do jornalismo: Identidades brasileiras.** São Paulo: Paulus, 2006.

MIRANDA, A. S. **O jornal escolar e a educação problematizadora: vislumbrando uma aproximação.** Unirevistas vol. 1,(n.3), 2006.

MANDELL, R. D. **Historia cultural del deporte.** Barcelona: Ediciones Bellaterra, 1986.

MARCELINO, N. C. **Lazer e Educação.** Campinas, Papirus:1987.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MELO, V. A. **Esporte como uma forma de arte: diálogos entre (duas?) linguagens.** In: Portal da Educação Física. Consultado em http://www.educacaofisica.com.br/biblioteca_mostra.asp?id=927

MENDES, D. S. **Luz, Câmera, Pesquisa-Ação: a inserção da mídia-educação na formação contínua de professores de educação Física.** 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MEZZAROBA, C. **Os Jogos Pan-Americanos Rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares.** 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MEZZAROBA, C. *et al.* **Jogos Pan-Americanos Rio/2007: os locais na mídia impressa regional: Descrição e análise da cobertura em jornais de cinco regiões brasileiras.** In: PIRES G. L. (Org.). Observando o Pan Rio/2007 na Mídia. Tribo da ilha: Florianópolis, 2009.

MUNARIN, I. **Brincando na Escola: o imaginário midiático na cultura de movimento das crianças.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

OLIVEIRA, M. R. R. **O Primeiro Olhar: experiência com imagem na educação física escolar.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

OLIVEIRA, R. A. **Jornal, Jogos e Brincadeiras.** Revista Comunicação & Educação. n. 23. São Paulo: Salesiana, 2002.

PÉREZ, B.C. *et al.* **Cidadania e participação social: estudo com crianças no Rio de Janeiro.** Psicologia & Sociedade; 20 (2), 2008.

PIRES, G. L. **Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória.** Ijuí: Unijuí, 2002.

_____. *et al.* **A pesquisa em Educação Física e Mídia: pioneirismo, contribuições e críticas ao “Grupo de Santa Maria”.** Revista *Movimento* v. 14, n.3 set/dez 2008.

_____. **Cultura esportiva e mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em educação física.** In: BETTI, Mauro. (org.) Educação Física e Mídia: novos olhares outras práticas. São Paulo: Hucitec, 2003.

_____. **Cultura Esportiva.** In: GONZÁLEZ F. J. & FENSTERSEIFER P. E. (orgs). Dicionário Crítico de Educação Física. Unijuí: Ijuí, 2005.

PIMENTA, T. F. F; MARCHI JR. W. **Processo civilizador e as artes marciais coreanas: possíveis aproximações.** Anais do X Simpósio Internacional Processo Civilizador. Campinas, 2007.

PORTO, T. E. **Educação para a mídia/pedagogia da comunicação: caminhos e desafios.** In: PENTEADO, H. D. (org.). Pedagogia da comunicação: teorias e práticas. São Paulo: Cortez, 1998.

RÚBIO, K. **Alteridade.** In: GONZÁLEZ F. J. & FENSTERSEIFER P. E. (orgs). Dicionário Crítico de Educação Física. Unijuí: Ijuí, 2005.

SANFELICE, G. R. *et al.*. **Características e valores veiculados em programas esportivos de televisão.** Comunicação Movimento e Mídia na Educação Física. UFSM: Santa Maria, v. 6, nº 7, 2001.

SANTOS FILHO, J. C. & GAMBOA, S.S. **Pesquisa educacional: quantidade qualidade.** São Paulo: Cortez, 1995.

SCHMIDT, S. **Em pauta: a aliança mídia e educação.** UNÍrevista - Vol. 1, nº 3 : julho 2006. p.1-18. Disponível em: http://www.alaic.net/ponencias/UNÍrev_Schmidt.pdf. Acesso Maio2009.

SOBREIRO, M. A. **Célestin Freinet e Janusz Korczak, precursores do jornal escolar.** S/d. disponível em < <http://www.usp.br/nce/?wcp=/aeducomunicacao/texto,2,46,232>> acesso em 20 de Janeiro de 2009.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Mauad, 1994.

SOUZA, A. M. **A Mercadorização do Movimento Corporal Humano.** (1991, 152 p). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1991.

STIGGER, M. P. **Educação Física, Esporte e Diversidade.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

STIGGER, M. P. & LOVISOLO, H. (orgs.). **Esporte de Rendimento e Esporte na Escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

STUPP, R. **Uma história cheia de cores e detalhes**. AN Escola – Especial 10 Anos. Outubro de 2008. (Encarte do jornal A Notícia de 12 de outubro de 2008).

TAVARES, O. **Olimpismo**. In: GONZÁLES, F. J; FENSTERSEIFER, P. E. (orgs.). Dicionário Crítico de Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2005.

TEIXEIRA, A. P. M. **As propostas de jornal na educação e suas implicações com a formação da cidadania**. INTERCOM (São Paulo), v. 8, p. 1, 2005.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no Futebol**. Hucitec: São Paulo, 2002.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TREVISANI, M. L. L. et. al. **Jornal na Escola: da informação à opinião esclarecida**. Revista Comunicação & Educação. n. 12. São Paulo: Moderna, 1998.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAZ, A. F. **Técnica, Esporte, Rendimento**. In: STIGGER, M. P. & LOVISOLO, H. (orgs.). Esporte de Rendimento e Esporte na Escola. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

_____. **O tema do esporte e da técnica revisitado**. In: STIGGER, M. P. & LOVISOLO, H. (orgs.). Esporte de Rendimento e Esporte na Escola. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.